

Revista de
LETRAS

Vol. 39(2) - jul./dez. 2020

Revista dos
Departamentos de
Letras Vernáculas,
Letras Estrangeiras
e Literatura, do
Centro de
Humanidades
da UFC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ



Revista de LETRAS

ORGANIZADORA

Maria Elias Soares

COMITÊ EDITORIAL

Maria Elias Soares, Fernanda Coutinho,
Luana Ferreira de Freitas

CONSELHO EDITORIAL DA REVISTA DE LETRAS

- BENJAMIN ABDALA JR.** - Universidade de São Paulo (USP), benjaminjr@terra.com.br
EDUARDO KENEDY - Universidade Federal Fluminense (UFF), edu.kenedy@gmail.com
EDWIGES MARIA MORATO - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), edwigesmorato@hotmail.com
ENEIDA LEAL CUNHA - Universidade Federal da Bahia (UFBA), eneidalealcunha@uol.com.br, leal@ufba.br
ERMELINDA FERREIRA ARAÚJO - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), ermelandaferr@uol.com.br
GERMANA ARAÚJO SALES - Universidade Federal do Pará (UFPA), gmaa.sales@gmail.com
LECI BORGES BARBISAN - Pontifícia Univ. Católica do R.G. do Sul (PUC/RS), barbisan@puers.br
LETÍCIA MARIA SICURO CORRÊA - Pontifícia Univ. Católica do R.G. do Sul (PUC/RS), lscorra@puc-rio.br
JOÃO AZENHA JÚNIOR - Universidade de São Paulo (USP), azenha@usp.br
JOSÉ LUIZ FIORIN - Universidade de São Paulo (USP), jolufi@uol.com.br
LEONOR SCLiar-CABRAL - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), lsc@th.com.br
MARCIA ARBEX - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), marphi@larnet.com.br
MARCUS MAIA, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), maiamarcus@gmail.com
MARIA ARMANDA MARTINS DA COSTA - Universidade de Lisboa (UL), armandacosta@letras.ulisboa.pt
MARIA DAS GRAÇAS SOARES - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), graciasrodrigues@gmail.com
MARIA DO SOCORRO SILVA DE ARAGÃO - Universidade Federal do Ceará (UFC), acaragao@terra.com.br
MARIA ESTHER MACIEL - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), memaciel@yahoo.com.br
MARIA EDUARDA GIERING - Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), eduardajg@gmail.coms
MARIA HELENA MIRA MATEUS - Universidade de Lisboa (UL), mhm@.ip.pt
MARIA HELENA DE MOURA NEVES - Universidade Est. Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Araraquara), mhmneves@uol.com.br
MARILIA FERREIRA - Universidade Federal do Pará (UFPA), mariliaferreira1@gmail.com
MARLI FANTINI SCARPELLI - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), marlifan@terra.com.br
ÓSCAR LOUREDA - Universidade de Heidelberg (UH), oscar.loureda@iued.uni-heidelberg.de
ROLAND WALTER - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), walter_roland@rotmail.com
SOLANGE COELHO VEREZA - Universidade Federal Fluminense (UFF), svereza@uol.com.br
SUELI CRISTINA MARQUESI - Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL), sueli.marquesi@cruzeirosul.edu.br
TÂNIA SARMENTO-PANTOJA - Universidade Federal do Pará (UFPA), nicama@ufpa.br
TELISA FURLANETTO GRAEFF - Universidade de Passo Fundo-RS, telisagraeff@yahoo.com.br - telisa@upf.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

REITOR

Prof. José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque

VICE-REITOR

Prof. José Glauco Lobo Filho

PRÓ-REITORA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

Prof.^a Geovana Maria Cartaxo de Arruda Freire

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO

Prof.^a Elizabeth de Francesco Daher

PRÓ-REITOR DE GESTÃO DE PESSOAS

Prof. Marcus Vinicius Veras Machado

PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

Prof.^a Ana Paula de Medeiros Ribeiro

PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Prof. Jorge Herbert Soares de Lira

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO

Prof. Almir Bittencourt da Silva

POLÍTICA EDITORIAL

1. *A Revista de Letras* é uma publicação semestral, aberta a colaboradores do Brasil e do exterior, e publica trabalhos originais de pesquisadores (doutores), vinculados a Instituições de Ensino Superior, nas áreas de Letras e Linguística. Trabalhos de mestrandos ou doutorandos somente serão aceitos quando em coautoria com seu orientador. Esses trabalhos podem estar na forma de artigo, ensaio, debate, ou retrospectiva (estado da arte). Ao encaminhar o texto, o autor declara, automaticamente, que não o submeteu a outra publicação periódica ou coletânea e autoriza expressamente a sua publicação. Desse modo, a responsabilidade legal relativa às informações veiculadas nos textos recai sobre os articulistas.

2. Os originais deverão ser dirigidos à *Revista de Letras*, de acordo com as normas para publicação, diretamente a qualquer dos membros do Comitê Editorial, nos endereços indicados nas chamadas para publicação.

3. Os artigos serão submetidos a dois pareceristas, que poderão aprovar sua publicação imediata ou sugerir reformulações. Caso não sejam aprovados, os originais não serão devolvidos. 4. A revista pode ser reproduzida parcialmente ou no todo, desde que citada a fonte.

Revista de Letras, v. 1 -; 1978 -

Fortaleza. Edições da Universidade Federal do Ceará.

V. semestral

Órgão oficial dos Departamentos de Letras Vernáculas, de Letras Estrangeiras e de Literatura, do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará.

1 - Letras - Periódico

2 - Linguística - Periódico

I - Universidade Federal do Ceará. Centro de Humanidades.

Departamento de Letras Vernáculas, de Letras Estrangeiras e de Literatura.

e-ISSN 2358-4793

CDU: 351.854(05)

PROJETO GRÁFICO, CAPA
SANDRO VASCONCELLOS

DIAGRAMAÇÃO
VALDIANIO MACEDO

APRESENTAÇÃO/Presentation

Maria Elias Soares (UFC) 5–6

A TRAMA DE UM SEQUESTRO: BEL CANTO, DE ANN PATCHETT**The plot of a kidnapping: Bel Canto, by Ann Patchett/DOI 10.36517/revletras.39.2.1**

Alvina Lucia Guilher (Universidade Federal da Grande Dourados), Alexandra Santos Pinheiro (Universidade Federal da Grande Dourados) 7–18

A VIA CRUCIS DO PRAZER: NECROFILIA EM OS CORDEIROS DO ABISMO, DE MARIA RIBEIRO**The via crucis of pleasure: necrophilia in *Os cordeiros do abismo*, by Maria Ribeiro/DOI 10.36517/revletras.39.2.2**

Fábio Júlio de Paula Borges (Universidade Estadual de Goiás), José Elias Pinheiro Neto (Universidade Estadual de Goiás) 19–32

A POLIFONIA BAKHTINIANA E O CONFRONTO DE VOZES EM ZAMA E O RASTRO DO JAGUAR**The bakhtinian polyphony and the voices confrontation in Zama and O rastro do Jaguar/DOI 10.36517/revletras.39.2.3**

Rafael Victor Rosa Oliveira (Universidade Federal da Integração Latino Americana), Felipe dos Santos Matias (Universidade Federal da Integração Latino Americana) 33–43

ORAÇÕES COMPLETIVAS E COMPLETIVAS DESGARRADAS: COMPORTAMENTO PROSÓDICO**Complemented clause and unattached complemented clause: the prosodic behavior/DOI 10.36517/revletras.39.2.4**

Violeta Virginia Rodrigues (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Adriana Cristina Lopes Gonçalves Mallmann (Universidade Federal do Rio de Janeiro) 44–55

UMA RELAÇÃO ENTRE DÊIXIS E METADISCURSIVIDADE**A relation between deixis and metadiscourse/DOI 10.36517/revletras.39.2.5**

Mônica Magalhães Cavalcante (Universidade Federal do Ceará), Mayara Arruda Martins (Universidade Federal do Ceará) 56–63

PRONOMES EM PLENO USO: OUTRAS DEMONSTRAÇÕES DO ESSA**Pronouns in full use: other “essa” statements/DOI 10.36517/revletras.39.2.6**

Cláudia Sales de Oliveira (EAgro/UFRR), Denilson P. de Matos (Universidade Federal da Paraíba) 64–78

UMA PROPOSTA TEÓRICA PARA ANÁLISE DOS TEMPOS VERBAIS A PARTIR DOS MUNDOS DISCURSIVOS E DOS TIPOS DE DISCURSO**A theoretical proposal for analysis of verbal tenses from discursive worlds and types of discourse/DOI 10.36517/revletras.39.2.7**

Thiago Gil Lessa Alves (Universidade Federal do Cariri) 79–98

LITERATURA E MULTILETRAMENTOS: ALIANDO O VERBAL E O VISUAL**Literature and multiliteracies: combining the verbal and the visual/DOI 10.36517/revletras.39.2.8**

Daniely Moreira Coelho da Silva (Universidade Estadual do Ceará), Maria do Socorro Silva de Aragão (Universidade Federal do Ceará), Maria Silvana Militão Alencar (Universidade Federal do Ceará) 99–115

O ALTEAMENTO VOCÁLICO /O/~[U] EM POSIÇÃO PRETÔNICA NA ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE BAIÃO PARÁ**Vocal highment /o/~[u] in a pretonic position in the rural area of the municipality of Baião Pará/DOI 10.36517/revletras.39.2.9**

Raquel Maria da Silva Costa Furtado (Universidade Federal do Pará), Natane Gaia da Silva Lemos (Universidade Federal do Pará/Campus Universitário do Tocantins-Cametá/Pará) 116–130

Apresentamos aos leitores o segundo volume de 2020 da Revista de Letras, que traz ao público estudos das áreas de Linguística e Literatura, produzidas por pesquisadores de onze universidades, de diferentes regiões do Brasil. O trabalho que abre o volume é da área de Literatura. A este se seguem mais dois estudos literários sobre romances e, mais adiante, um outro, multidisciplinar, sobre promoção do letramento literário. Os demais se enquadram, mais propriamente, na área de Linguística.

O primeiro artigo deste volume intitula-se A TRAMA DE UM SEQUESTRO: BEL CANTO, DE ANN PATCHETT, de autoria de Alvina Lucia Guilher e Alexandra Santos Pinheiro, da Universidade Federal da Grande Dourados. As autoras analisam os fatos ficcionalizados no romance *Bel Canto* 2005 [2001], buscando vislumbrar os mecanismos artísticos que constituem o processo de ficcionalização de um acontecimento histórico: a invasão da embaixada japonesa no Peru.

Com base em revisão bibliográfica de um *corpus* teórico de viés psicanalista freudiano, o segundo artigo, de Fábio Júlio de Paula Borges e de José Elias Pinheiro Neto, da Universidade Estadual de Goiás, A VIA CRUCIS DO PRAZER: NECROFILIA EM OS CORDEIROS DO ABISMO, DE MARIA RIBEIRO, discute o modo como a linguagem contribui para a formação de subjetividades culturais e para a compreensão dos casos de necrofilia, verdadeira ou fantasiada, praticados por Leopoldo, personagem protagonista do romance *Os cordeiros do abismo*.

No terceiro artigo, A POLIFONIA BAKHTINIANA E O CONFRONTO DE VOZES EM ZAMA E O RASTRO DO JAGUAR, Rafael Victor Rosa Oliveira e Felipe dos Santos Matias, da Universidade Federal da Integração Latino Americana, analisam, comparativamente, a polifonia e a representatividade possibilitada pelas distintas vozes presentes nos romances *Zama*, do escritor argentino Antonio Di Benedetto, e *O Rastro do Jaguar*, do escritor brasileiro Murilo Carvalho, a partir do pensamento teórico-crítico de Mikhail Bakhtin.

Aliar os pressupostos teóricos funcionalistas à análise da fonética acústica é a proposta do texto ORAÇÕES COMPLETIVAS E DESGARRADAS: COMPORTAMENTO PROSÓDICO, de Violeta Virginia Rodrigues e Adriana Cristina Lopes Gonçalves Mallmann, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O artigo de Rodrigues e Mallmann tem como objetivo reforçar a proposta de Silvestre e Rodrigues (2017), que já se ocuparam de um caso apontado por Decat (1993, 2011), apresentando a análise prosódica de três cláusulas completivas desgarradas e três cláusulas completivas não desgarradas, adaptadas de um *corpus* constituído por postagens da rede social Facebook, a fim de identificar o movimento melódico nestas cláusulas.

Mônica Magalhães Cavalcante e Mayara Arruda Martins, da Universidade Federal do Ceará, contribuem com o artigo UMA RELAÇÃO ENTRE DÊIXIS E METADISCURSIVIDADE. Neste texto, as autoras, a partir da demonstração do funcionamento de marcas dêixicas em piadas disponíveis no site “piadasnet.com”, examinam as relações entre a dêixis e as estratégias metadiscursivas de posicionamento e de engajamento nos textos, com base na análise dos efeitos de sentido, criados a partir da relação dêixis-metadiscursividade, considerando, principalmente, a condição enunciativa própria da dêixis.

No sexto artigo deste volume, PRONOMES EM PLENO USO: OUTRAS DEMONSTRAÇÕES DO *ESSA*, Cláudia Sales de Oliveira, da EAgro/UFRR, e Denilson P. de Matos, da Universidade

Federal da Paraíba, analisam os usos da forma ESSA e variações, buscando identificar seus usos não prototípicos. Para tanto, investigam as possibilidades funcionais menos sintáticas, mais semânticas e discursivo-pragmáticas dos usos da forma ESSA e a gradiência desses usos na escala de prototipicidade, dentro da estrutura linguística, em função de contextos específicos. Para responder a tais questões, baseados nos princípios de iconicidade e prototipicidade da LFC, os autores procedem à análise dos usos regulares da forma ESSA, a partir de registros de fala, e, com base nos resultados, concluem que, quanto mais distante se mantiver a forma ESSA do substantivo ou estrutura com a qual se relaciona, menos prototípico será.

UMA PROPOSTA TEÓRICA PARA ANÁLISE DOS TEMPOS VERBAIS A PARTIR DOS MUNDOS DISCURSIVOS E DOS TIPOS DE DISCURSO, de Thiago Gil Lessa Alves, da Universidade Estadual do Cariri, propõe analisar os tempos verbais dentro da perspectiva dos mundos discursivos e dos tipos de discurso, como postulados por Bronckart (2003). O trabalho fundamenta-se na consideração de que os tempos verbais se estruturam nas línguas naturais como um dos mecanismos que atualizam e marcam os diferentes mundos discursivos, a partir dos quais os participantes de uma interação verbal produzem seus textos, e não como um recurso prioritário de expressão do tempo cronológico, como geralmente são considerados. Como conclusão, o autor apresenta a proposta de quatro parâmetros que permitem analisar e definir os tempos verbais dentro de cada mundo discursivo: a) processo, b) eixo de referência temporal global, c) fase atual do processo de textualização e d) eixo de referência temporal local.

Em LITERATURA E MULTILETRAMENTOS: ALIANDO O VERBAL E O VISUAL, Daniely Moreira Coelho da Silva, da Universidade Estadual do Ceará, Maria do Socorro Silva de Aragão e Maria Silvana Militão Alencar, ambas da Universidade Federal do Ceará, propõem uma estratégia de promoção do letramento literário, na perspectiva da pedagogia dos multiletramentos. As autoras buscam destacar as semioses na constituição de sentido do texto, com base em uma pesquisa-ação, aplicada em uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental, da Rede Pública de Ensino de Fortaleza-CE, e concluem que, no processo de leitura literária, o recurso semiótico potencializou a ressignificação do texto literário por parte do leitor.

O nono artigo, O ALTEAMENTO VOCÁLICO /o/~[u] EM POSIÇÃO PRETÔNICA NA ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE BAIÃO, PARÁ, de Raquel Maria da Silva Costa Furtado e Natane Gaia da Silva Lemos, da Universidade Federal do Pará/Campus Universitário do Tocantins (Cametá-Pará), encerra o presente volume. Trata-se de um estudo sobre o fenômeno de alteamento vocálico da média alta posterior /o/, em posição pretônica, no português falado na zona rural do município de Baião-PA. As autoras analisam o papel de fatores linguísticos e sociais na motivação do comportamento variável de /o/~[u] e concluem que, embora seja frequente e estratificada, a variação linguística estudada não é a variante de maior ocorrência na fala dos moradores da zona rural de Baião.

A breve sinopse dos trabalhos postos à disposição dos leitores no presente número do volume 39 da Revista de Letras, mostra um breve panorama de pesquisas, conduzidas por representantes de diferentes instituições de ensino superior do país, com forte atuação na pesquisa e na pós-graduação. Espera-se que esta publicação possa fomentar o debate e a colaboração entre estudiosos dos temas focalizados.

Maria Elias Soares
Organizadora



A TRAMA DE UM SEQUESTRO: BEL CANTO, DE ANN PATCHETT

THE PLOT OF A KIDNAPPING: BEL CANTO, BY ANN PATCHETT

Alvina Lucia Guilher¹
 Alexandra Santos Pinheiro²

RESUMO

Neste artigo, analisamos o romance *Bel Canto* (2005 [2001]), de Ann Patchett, buscando compreender o processo de ficcionalização de um acontecimento histórico. Ao analisarmos historicamente os fatos, foi-nos possível vislumbrar os mecanismos artísticos que auxiliaram sobremaneira a criação da ficcionalização da invasão da embaixada japonesa no Peru. A metodologia utilizada para desenvolver a pesquisa tem cunho bibliográfico. Bastos (2007), Certeau (1992), Compagnon (2003), Esteves (1998), Lima (2006), Silva (2012), Trouche (2006) dentre outros, são alguns dos teóricos e estudiosos que orientaram a análise. Ao final, verificamos que ao ficcionalizar o sequestro na embaixada japonesa no Peru, Ann Patchett propõe uma trama em que sobressai a partilha de identidades múltiplas no contexto latino-americano.

Palavras-chave: *Bel Canto*. Literatura. Peru.

ABSTRACT

In this article, we analyze the novel Bel Canto 2005 [2001] by Ann Patchett, seeking to understand the process of fictionalization of a historical event. Analyzing the historical facts, it was possible to glimpse the artistic mechanisms that helped enormously to create the fictionalization of the invasion of the Japanese embassy in Peru. The methodology used to develop the research has a bibliographic character. Bastos (2007), Certeau (1992), Compagnon (2003), Esteves (1998), Lima (2006), Silva (2012) and Trouche (2006) among others are some of the theorists and scholars who guided the analysis. At the end, we find that by fictionalizing the kidnapping at the Japanese embassy in Peru, Ann Patchett proposes a plot that emphasizes the sharing of multiple identities in the Latin American context.

Key words: *Bel Canto*. Literature. Peru.

¹ Mestra em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados/ MS. <https://orcid.org/0000-0002-8706-1388>.

² Professora Doutora da graduação e do programa de pós-graduação da Universidade Federal da Grande Dourados/MS. <https://orcid.org/0000-0002-4119-4740>.

PALAVRAS INICIAIS

A partir dos estudos concernentes à relação entre literatura e história, neste artigo, analisamos o romance *Bel Canto* (2005 [2001]), da autora norte-americana Ann Patchett, filha da novelista Jeanne Ray. Com a narrativa ficcional, criam-se, como defende Adriana Climaco, possibilidades de interpretação de fatos que talvez o registro historiográfico não contemple com as mesmas dimensões por não prever o fingir, “uma transgressão de limites” (CLIMACO, 2014, p. 38). O ficcionista tem a arte da palavra, a curiosidade do investigador e a licença para trabalhar com os detalhes, ao passo que o historiador tende a manipular documentos e construir, a partir da pesquisa, uma historiografia a determinado acontecimento histórico.

Bel Canto consiste em uma ficcionalização da invasão terrorista,³ comandada pelo grupo MRTA,⁴ em dezembro de 1996, à casa do embaixador japonês Morihisa Aoki, em Lima, Peru. O rompante tinha a intenção de barganhar a soltura de 442 correligionários detidos em cadeias peruanas. No momento da invasão, estavam presentes vários diplomatas, políticos, empresários, a mãe, a irmã e o irmão do presidente Alberto Fujimori, esses últimos de ascendência japonesa. Comemoravam, no dia, o aniversário do imperador japonês, Akihito. Eram 490 pessoas, mas com as negociações intermediadas pela Cruz Vermelha e pela Igreja, restaram 72 reféns que foram mantidos em cativeiro por 14 guerrilheiros e duas guerrilheiras, durante 126 dias. O fato supracitado seria o suficiente para pontuar figuras históricas em um romance muito elaborado e envolvente, visto que esses registros são verídicos, mas Patchett incluiu no enredo da trama uma soprano lírica como ponto instigador e compôs, na ficção, a convivência entre as vítimas e os terroristas, estes últimos bem mais humanos que os governantes do país em questão.

Separar História e Literatura não se configura uma tarefa fácil, uma vez que “os mesmos recursos utilizados para a construção da narrativa de ficção podem ser observados no discurso histórico” (WHITE, *apud* PARIZOTE, 2010, p. 27-28) e que os dois discursos operam com a linguagem. O que poderia garantir uma diferenciação entre eles seria o fato de o discurso literário ser concebido como imaginário e primar pela representação; no entanto, ainda não se dissiparia a semelhança que há entre os textos, pois os conteúdos que os integram são sacados do contexto social de um sujeito, o autor.

O produtor de um texto e a existência física de um material textual são, por premissa, históricos e devem ser analisados como tal. Como corrobora Antonie de Compagnon: “A hipótese central da história literária é que o escritor e sua obra devem ser compreendidos em sua situação histórica, que a compreensão de um texto pressupõe o conhecimento de seu contexto” (COMPAGNON, 2010, p. 199). Estudar as representações de um fato histórico ocorrido no Peru configura-se bastante relevante, uma vez que a autora norte-americana, Ann Patchett, ativa o imaginário do leitor. Cria um microcosmo da América Latina e preenche as lacunas deixadas pelos documentos ou registros históricos e midiáticos.

³ O adjetivo *terrorista* respeita a versão original em inglês que utiliza a palavra *terrorist* como adjetivo e substantivo, e *terrorista* na tradução de Vera Joscelyne; no entanto, acreditamos que o substantivo *guerrilheiro* seria mais apropriado, devido ao envolvimento do grupo em causas de cunho social.

⁴ O grupo peruano Tupac Amaru nasceu em 1780 como “grande rebelião indígena liderada por José Gabriel Condorcanqui” (POZO, 2009, p. 20) com caráter emancipatório e de protesto social, e se desarticulou quase em sua totalidade depois da morte do líder José Gabriel, e um novo grupo com bases nos mesmos ideais surgiu por volta de 1980 com o nome de Movimento Revolucionário Túpac Amaru (MRTA) (C.f. in: <<http://mitakuye-oyasinbrasil.blogspot.com.br/2008/10/sobre-o-mrta-movimento-revolucionario.html>>. Acesso em: 11 de ago. de 2016.

O imaginário, como defende Jurandir Machado Silva (2012), distancia-se do real à medida que o representa pela imaginação. Ele “representa esse real, distorcendo-o, idealizando-o, formando-o simbolicamente” (SILVA, 2012, p. 9). Na obra *Bel Canto*, o imaginário e a representação cooperam com a produção de um texto literário em que se pode perceber a formação de um grupo mesclado. Há tamanha integração entre seus indivíduos, que seus componentes acabam assimilando cada qual um pouco do outro:

A tribo – noção orgânica de grupo em Maffesoli – produz sentido para a “erância” dos indivíduos. Em suma, o imaginário, tribal, retira o indivíduo da solidão para inseri-lo numa atmosfera de partilha. Assim, ao produzir sentido grupal, o imaginário só poderia ser a negação do indivíduo pela sua assimilação num todo aconchegante e orientador. A autonomia individual, porém, não desaparece, pois o imaginário não é um determinismo (SILVA, 2012, p.15).

Analisar uma obra de ficção sob o viés da história é, seguramente, um trabalho complexo, uma vez que ambas, em suas gêneses, seriam consideradas díspares: a ficção não teria compromisso com o real e falaria da possibilidade de um evento ocorrer sem a exigência linear cronológica que a história reclama e por se firmar no relato de um passado reconhecível. No entanto, o romance da pós-modernidade, conforme Linda Hutcheon, tem permitido um outro tipo de leitura: “Ele faz parte da postura pós-modernista de confrontar os paradoxos da representação ficção/história, do particular/geral e do presente/passado” (HUTCHEON, 1991, p. 149). Em outras palavras, estabelece uma relação entre os discursos de uma determinada época, tomando como base o momento da escrita do autor e o momento que deseja retratar. A autora de *Bel Canto* parte de um evento que foi amplamente divulgado pela mídia. A narrativa povoa o “universo mental” de seus leitores como um campo de sensações a serem experimentadas.

A representação que se busca com a imagem dos sequestradores, no interior da narrativa, não é a veiculada pela mídia. Com a leitura que se tem do mundo, caberia esperar que, diante de um sequestro envolvendo um número desigual de reféns, uma tragédia monstruosa acontecesse. No entanto, a ideia de terror atribuída normalmente a sequestradores é dissolvida no discurso dos integrantes da casa (sequestradores e sequestrados) e por seus comportamentos, já que depois de um tempo de convívio pacífico, alguns deles passam a desejar a manutenção de relacionamentos estabelecidos no cativeiro.

A construção de representação literária de uma “intriga” ou história, como a apresentada em *Bel Canto*, apoia-se em pelo menos duas das plausíveis acepções sobre verossimilhança, uma que “como insistirão os teóricos, não é, pois aquilo que pode ocorrer na ordem do possível, mas o que é aceitável pela opinião comum, o que é *endoxal* e não *paradoxal*, o que corresponde ao código e às normas do consenso social” (COMPAGNON, 2010, p. 103), a outra que, como apregoa Tzvetan Todorov,⁵ prevê a “verdade da história” (TODOROV, 2003, p. 117), aquela que contempla a verdade da obra narrada. Considerando a veracidade da narrativa ou a aceitabilidade de um evento ser real, diante da opinião pública. Desta forma, não é difícil conceber que pessoas que passaram mais de três meses vivendo juntas e dividindo tarefas tenham desenvolvido laços afetivos e que talvez isso se deva ao bom relacionamento com os que promoveram o sequestro. Seria viável observar que, no romance supracitado, a convivência das pessoas na casa/cativeiro, a princípio, é

⁵ Todorov, no capítulo 7 de *Poética da Prosa*, intitulado *Introdução ao Verossímil*, oferece outras definições para o conceito de verossímil. Nesse momento, entretanto, ficaremos com as citadas no texto.

forçada. Os indivíduos “dominados” são de várias nacionalidades e estão em um país da América Latina, o que garante uma aproximação com o contexto multicultural latino-americano.

A boa convivência assegurada dentro do cativeiro também é resultado de uma representação de mundo ideal, pois ela é estabelecida por meio de um bem cultural, a música, apresentada pela soprano lírica Roxane. Dessa maneira a construção literária articula dois tipos de imaginário: o individual, que “se dá essencialmente por identificação (reconhecimento de si no outro), apropriação (desejo de ter o outro em si) e distorção (reelaboração do outro em si)”, e o social, que se estrutura “por contágio: aceitação do modelo do outro (lógica tribal), disseminação (igualdade na diferença) e imitação (distinção do todo por difusão de uma parte)” (SILVA, 2012, p. 13). A manutenção da representação no romance contempla a identificação, aproximação afetiva entre guerrilheiros e reféns; disseminação, compreensão por estarem todos vivendo o mesmo cativeiro; e aceitação, momento em que cumprir as ordens dadas pelos guerrilheiros não parece absurdo, pois necessitam do outro para continuar vivendo.

O engendo da narrativa foi possível pela mescla de um conhecimento midiático e histórico, que podem, naturalmente, passar pelo leitor comum sem causar espanto, se ele de fato não souber que a obra pontua o real ficcionalizando a invasão. Por outro lado, um outro leitor que conhecesse o incidente e pudesse se questionar sobre a ficção, precisaria saber um pouco mais sobre a história do país. Ann, seguramente, fez leituras apuradas sobre o Peru, e o próximo tópico, lança-se à mesma seara, no intuito de compreender como a autora teceu a trama do sequestro que marcou a história do Peru.

O PANO DE FUNDO HISTÓRICO

Em primeiro de março de 1982, alguns dirigentes do PSR ML – MIR-EM se reuniram em um Comitê Central (CC) e, depois de um balanço da situação internacional e nacional, chegaram à conclusão de que havia condições para iniciar a luta armada. Essa avaliação levou em conta a vitória da FSLN (*Frente Sandinista de Liberación Nacional*) na Nicarágua, em 1979; a ofensiva a guerrilha Farabundo Martí Frente de Libertação Nacional (FMLN), em El Salvador; e ou Unidade Revolucionária Nacional Guatemalteca (URNG), bem como a crescente importância da luta armada na Colômbia (Cf. Informe Final- CVR; Tomo II, Capítulo 1, p. 386).

Os dirigentes do PSR-ML–MIR-EM acordaram, na organização do CC, que a tarefa principal seria o desenvolvimento da luta armada como um processo de estratégias de guerra revolucionária e a insurreição de todo povo. Além disso, resolveram adotar o nome MRTA, *Movimiento Revolucionario Túpac Amaru*.

O MRTA definiu um plano de ação que se firmava em duas fases: a primeira, de acúmulo de forças clandestinas, almejava ampliar o arsenal e crescer economicamente; para promover escolas de homogeneização político-militar e transferir seus militantes para diversas partes do país. A segunda, uma propaganda armada prévia e a guerrilha propriamente dita.

Para acumular forças, os emerristas⁶ instruíram seus novos militantes quanto ao uso de armas e de táticas militares em uma escola político-militar criada por eles. Depois de treinados, eles puderam expropriar e desarmar. Em 31 de maio de 1982, Victor Polay Campos e Jorge Talledo Feria assaltaram um banco no distrito de *Victoria*. Na ação, Talledo morreu, provocando a deserção nas fileiras do MRTA. No entanto, eles possuíam armas e dinheiro, o que permitiu que organizassem

⁶ Emerristas – são os integrantes do movimento MRTA.

o bombardeio dos fuzileiros navais norte-americanos em Lima, no dia 16 de novembro de 1983, como protesto contra a invasão dos Estados Unidos a Granada.

Por outro lado, a liderança do MRTA concordava que precisava iniciar um trabalho abrangente junto à população, o que consistia em incorporar a massa no processo de guerra revolucionária (Cf. Informe Final- CVR; Tomo II, Capítulo 1, p. 388). Em 13 de novembro de 1983, realizaram-se as eleições municipais em todo o país. Alfonso Barrantes Lingán se elegeu prefeito de Lima, maior cidade do Peru. Sua vitória provocou uma série de expectativas não só entre os seus eleitores, sobretudo dos setores populares, mas também entre os partidos e as organizações políticas integrantes do IU. Para o MRTA, a eleição de Barrantes significou, de um lado, o triunfo da oposição, de outro o predomínio de uma posição reformista na esquerda. Logo depois das eleições, a direção da IU fortalece de fato seus projetos reformistas. Surge a ideia de privilegiar a luta legal e obedecer às exigências parlamentares e de suas câmaras municipais. Fica claro que a IU não se firmará como frente revolucionária. O seu conteúdo não era eleitoral.

O MRTA organizava suas ações através de grupos de autodefesa, milícias urbanas e forças especiais. Reafirmou, em fevereiro de 1985, que se encontrava em um período “pré-revolucionário”. A esquerda, em particular a IU (Izquierda Unida), com suas conquistas em muitos postos nas prefeituras provinciais e distritais, continuava apostando no regime democrático, enquanto o APRA aumentava sua projeção para as eleições presidenciais de 1985, fazendo oposição ao governo de direita de Fernando Belaúnde Terry. Para o MRTA (MRTA *apud*, Informe Final- CVR; Tomo II, Capítulo 1, p. 391): “[...] la democracia formal se ha convertido en un círculo vicioso que envuelve y arrastra en su dinámica al conjunto de los partidos burgueses y reformistas perpetuando indefinidamente la explotación imperialista y la opresión de las masas populares”.

Após as eleições de 1985, em que o MRTA conclamou o eleitorado para que votasse nulo, o movimento executou ações de milícia, atentando contra empresas prestadoras de serviços de água e energia elétrica, tomando rádios, colégios, mercados e bairros populares. Realizou também ações visando recuperar armas e assaltar caminhões de mantimentos. Em junho de 1985 decidiram que a fase de propaganda armada estava cumprida e que podiam então passar à fase de perseguição guerrilheira. No dia 12 de julho, sete postos policiais de Lima foram atacados simultaneamente e, no dia 25, um carro bomba foi colocado no Ministério do Interior.

Havia, no início dos anos 1980, um entendimento comum entre os membros do MRTA e os militantes do Sendero Luminoso em relação à viabilidade da luta armada como meio de se alcançar a libertação nacional e a reconstrução social. Já em 1984, os dirigentes do MRTA apontaram o dogmatismo, o sectarismo e o abandono do trabalho junto às massas operárias e populares como grandes falhas cometidas ao longo dos quatro anos de guerra popular do PCP-SL (Cf. MRTA, *apud* Cf. Informe Final- CVR; Tomo II, Capítulo 1, p. 424).

Em 1985, um presidente de fora da direita política foi eleito. Por isso, o MRTA optou por suspender as ações militares contra o novo governo e esperar para avaliar qual seria a postura de Alan García. Concomitantemente à espera, realizaram “contra el imperialismo, contra las fuerzas represivas cuando atacan al pueblo y contra las empresas que medran con el hambre del pueblo” (MRTA, *apud* Informe Final- CVR; Tomo II, Capítulo 1, p. 394). Esta atitude do MRTA com relação ao novo governo almejava ganhar a simpatia dos eleitores e das militâncias do APRA e da IU.

Estava iniciada a fase de hostilidades ao governo. O MRTA convocava todos os setores da sociedade a enfrentar e derrotar a militarização do regime, dado que havia uma presença cada vez mais marcante das Forças Armadas na luta contrainsurgente e na vida política nacional. Para simbolizar o início das hostilidades, o MRTA lançou uma granada em um dos púlpitos do Palácio do

Governo, de onde Alan García costumava fazer pronunciamentos públicos (Cf. Informe Final- CVR; Tomo II, Capítulo 1, p. 398).

O MRTA perdeu muitos militantes devido às divergências internas. Muitos deles formaram outros movimentos que, por sua vez, entraram em conflito armado com o MRTA e causaram novas baixas em ambos os lados. Somados a este problema, houve também a captura de muitos dirigentes emerristas, inclusive a recaptura de Victor Polay em junho de 1992, provocando a ascensão de Nestor Cérpa à liderança do movimento.

No dia 25 de janeiro de 1995, os membros do MRTA emboscaram uma patrulha do PNP (*Policia Nacional del Perú*) em Chanchamayo. Alberto Fujimori é reeleito. Os emerristas produzem e distribuem cópias da primeira edição de seu folheto “A Voz Rebelde”, nas universidades La Cantuta e San Marcos. Em 9 de julho, no centro da cidade de Chimbote, explodem um caminhão que levava dinamites. Em dezembro, quarenta terroristas⁷ do MRTA estavam se preparando para tomar o Congresso da República, quando a PNP os deteve, pois havia encontrado os mapas e desenhos relacionados aos planos da incursão prevista pelo MRTA. “Entre os detidos estava Miguel Rincón Rincón, um dos poucos líderes livres e o homem número dois, na hierarquia do MRTA; a norte-americana Lori Berenson; e Nancy Gibonio, esposa de Néstor Cerpa Cartolini” (ROSPIGLIOSI, 2013, p. 34). Néstor Cerpa não foi capturado na ação da PNP e, para salvar sua esposa e os demais membros do MRTA capturados, tomou a decisão de invadir a residência do Embaixador do Japão, Morishisa Aoki, em 17 de dezembro de 1996, enquanto se comemorava o aniversário do imperador japonês Akihito.

A TRAMA FICCIONAL TECIDA PELA MÚSICA

Todos os mais improváveis momentos aconteceram durante os 126 dias de ocupação da embaixada japonesa no Peru, e a música, que serviu durante dias como motivação, entretenimento e confraternização, foi um aparato, inusitadamente, utilizado como objeto de guerrilha. As várias notícias estampando capas de jornais e povoando a mídia televisiva e virtual, provavelmente, contribuíram para que Patchett observasse a música como a linguagem comum a tantos indivíduos de países e classes sociais diferentes e por isso introduziu, de maneira excepcional, esse componente no romance.

Das composições artísticas que se conhece na atualidade, a música sempre se apresentou como uma das artes mais “abstratas” nos quesitos forma e conteúdo. “O conteúdo da música se transmite de modos tão diversos e a linha divisória entre conteúdo e forma na música é tão apagada que foi sempre a música a esfera onde foi mais forte a resistência contra a interpretação sociológica (FISCHER, 1981, p. 205).

A música pode causar reações diversas em seus apreciadores, em suas primeiras proposições, ela poderia “evocar emoções coletivas”, “atuar como estímulo para o trabalho”, estímulo para “o gozo sexual” e “para a guerra”. “A música era um meio de atordoar ou excitar os sentidos, um meio de prender por encantamento ou impelir à ação” (FISCHER, 1981, p. 212), ela movia as ações.

Durante o incidente, a música começou a aparecer na mídia logo nos primeiros dias de cativo e representou um instrumento de barganha entre sequestradores e negociadores. No dia 2 de janeiro de 1997, o jornal *O Globo* publicou a soltura de quatro japoneses e sete peruanos, que se deu logo após a visita do bispo de Ayacucho, Juan Luis Cipriano, à embaixada. Ao que tudo

⁷ Optamos por utilizar a terminologia presente na Comissão da Verdade.

indicava, a libertação estaria relacionada ao fato de ele ter atendido a um pedido de um dos sequestrados, o premier peruano Dante Córdoba, e levado um violão para o interior da casa. Cinco dias depois, 07 de janeiro, os sons estavam dentro e fora da embaixada e representavam distração, diversão, manifestações culturais ou religiosas:

Embaixadores, generais, ministros e outros reféns passaram parte do vigésimo dia em cativo cantando. A música – a maioria canções populares da década de 60 e sucessos mexicanos – pôde ser ouvida da rua. Em frente à embaixada, curandeiros, chamados pelos peruanos de *chamanes*, fizeram uma manifestação pela libertação dos reféns. Eles cantaram e ingeriram bebidas alcoólicas e água aromatizada com flores, no que chamaram de uma cerimônia de purificação para impedir um banho de sangue na residência ocupada (*O GLOBO*, 07 jan. 1997, p. 30).

A música, que entrou na casa como moeda de troca durante o incidente, teve movimento diferenciado no romance. Ela já estava na casa na figura da soprano lírica Roxane Coss e permaneceu por motivos que seriam pouco óbvios se fossem consideradas as explícitas motivações da abordagem do grupo, sequestrar o presidente do país e permutá-lo pelos 400 presos do MRTA, assim:

[...] manter uma pessoa por música, porque a coisa que se desejava era o som de sua voz, não era a mesma coisa? Os terroristas, sem chance de conseguir aquilo para que tinham vindo, decidiram pegar outra coisa em seu lugar, algo que nunca em suas vidas tinham sequer suspeitado que queriam, até terem ficado agachados nos dutos apertados e escuros das saídas de ar-condicionado: ópera (PATCHETT, 2005, p. 88).

Admitimos, com a introdução da ópera na obra, que Ann Patchett possuía um bom conhecimento sobre a origem social do grupo guerrilheiro, o que possibilitaria a interpretação de um desejo de inserção aos meios culturais por parte deles. O grande ideal do MRTA era a reforma do governo peruano. Seus líderes lutavam por um novo modelo de sociedade em que, de acordo com Suzie Baer, “all people were treated equally, enjoyed the same opportunities and level of prosperity, and shared ownership of all property (including land, schools, companies, and factories)”⁸ (BAER, 2003, p. 4). Os líderes, antes de se refugiarem nas selvas, frequentaram as universidades, um deles era Roli Rojas Fernandez, que segundo “los informes [...] antes de incorporarse a las filas rebeldes fue cobrador de autobuses y estudiante de ciencias sociales en una universidad particular, la que abandonó en 1982 para enrolarse en el Mrta” (*EL TIEMPO*, 20 jan. 1997). No romance, outra evidência: “Antes da prisão do irmão, Benjamin não era nenhum general. Era professor em uma escola primária” (PATCHETT, 2005, p. 159), e como os demais tinha engajamento político e cultural, entendia das necessidades do país.

Desta maneira, devolver um pouco de cultura a um povo tão despojado de acesso cultural, desperta os da casa para a convivência e desfrute de algo em comum e direito de todos: a música, a ópera. Para que as peças fossem executadas, uma nova troca deveria acontecer, a cantora precisaria de partituras e de um novo pianista, já que o que a acompanhava fora tirado da casa sem vida devido a complicações diabéticas. O novo pianista em pouco tempo se manifestou, senhor Kato, vice-presidente da multinacional Nansei, e as partituras vieram por intermédio do Padre Arguedas: “Eu conheço um senhor, um professor de música, um diácono em nossa paróquia. Ele me empresta

⁸ Em tradução livre: “todas as pessoas fossem tratadas igualmente, gozando das mesmas oportunidades, níveis de prosperidade e dividissem a posse de toda propriedade (incluindo a terra, as escolas, as companhias e as fábricas)”.

CDs. Ele tem todas as partituras necessárias” (PATCHETT, 2005, p. 162). A troca era simples, a cantora teria as partituras e todos, a música.

Roxane, que durante a festa e a invasão encantou a todos com sua voz, conseguia dos sequestradores as mais diversas regalias, “regras sensatas não se aplicavam a Roxane Coss. A maior parte dos dias havia algo que ela queria e, embora os generais não dessem a mínima para os pedidos dos outros refêns, no caso dela cediam logo” (PATCHETT, 2005, p. 160). Por isso, não foi muito difícil negociar um telefonema entre o Padre Arguedas e um amigo dele que possuía as partituras. Elas entraram na casa com alguma formalidade. Quando elas foram recebidas em uma caixa, o general Alfredo não permitiu que elas fossem entregues, ele precisava mostrar que estava no comando da situação. No entanto, a soprano cantou, sem nenhum acompanhamento musical e estarreceu a todos. No momento em que terminou, pediu ao tradutor Gen que dissesse ao general: “Diga a ele – disse ela a Gen – que acabou. Ou ele me dá essa caixa agora, ou vocês não vão ouvir nem mais uma nota de minha parte ou daquele piano, pela duração dessa experiência social fracassada” (PATCHETT, 2005, p. 177). Depois de vasculhadas, as partituras chegam às mãos da soprano e do novo pianista.

A atmosfera da casa se tornou mais leve depois que encontraram um novo “acompanhador” e arranjaram as partituras para Kato e Roxane:

Kato foi para o piano e tocou [...] Não era nada parecido com Roxane cantando, quando se tinha a sensação de que o coração de todos eles ia ter de esperar até que ela terminasse para bater outra vez [...] Os homens podiam ler seus livros e olhar pela janela enquanto Kato tocava. Roxane continuou a olhar as partituras, embora de vez em quando fizesse uma pausa e fechasse os olhos. Só o sr. Hosokawa e o padre entenderam completamente a importância daquela música. Cada nota era diferente. Era a medida do tempo que tinha escapado deles. Era a interpretação de suas vidas, no mesmo momento em que estavam sendo vividas (PATCHETT, 2005, p. 180).

Depois da caixa enviada pelo amigo do Padre Arguedas, os sequestradores continuaram suas rotinas de ordem e carregamento das armas, mas o domínio da casa era de Roxane Coss. Ela acordava às seis, tomava seu café, começava com suas escalas às 7h15 e cantava por três horas seguidas durante a manhã. Em alguns dias cantava também antes do jantar. Enquanto havia, na casa, a senhorita Coss e a sua voz encantadora, como a ária da *Rusalka*,⁹ a sensação de morte iminente, causada pelo sequestro, desaparecia. Só pensavam na voz e no mais belo registro que ela poderia promover: “Não tardou muito, os dias começaram a ser divididos em três estágios: a expectativa de ouvi-la cantar, o prazer do canto e reflexões sobre a sua voz” (PATCHETT, 2005, p.188).

Os próprios sequestradores começaram a desfrutar das vantagens de ter ópera todos os dias e não se importavam tanto com o fato de Roxane estar no “comando”. A missão, sequestro, não estava caminhando muito bem, mas, com a música, o ambiente tornou-se mais agradável, até os guerrilheiros conseguiram dormir melhor. Eles chegaram a discutir sobre os concertos diários como se eles fizessem parte dos planos da invasão, pois acalmavam os refêns (Cf. PATCHETT, 2005, p.188-189).

Esta música que saía da casa e arrebatava os de fora a ponto de fazerem um silêncio reverente para ouvi-la é um toque de sensibilidade que Ann Patchett imprimiu à narrativa. As canções que

⁹ *Rusalka* é uma ópera do checo Antonín Dvořák que conta a história de uma um espírito encantado das águas que desejava ser mulher para tocar as mãos do seu amado. Essa ópera era uma das favoritas do senhor Hosokawa e foi a única que ele solicitou para que a soprano cantasse durante o jantar.

a mídia noticiou como sendo ouvidas do cativo estavam sim ligadas à diversão, contudo, aquelas que entravam na casa eram estratégia do governo. O que motivou a escolha e por que os policiais peruanos utilizaram de tal artifício, poderia ter alguma relação com a tática americana utilizada no Panamá,¹⁰ uma guerra sonora que mexeria com os nervos dos guerrilheiros, não os deixaria dormir e acabariam desistindo. Eles instalaram equipamentos de som ao redor da embaixada e tocavam incansavelmente marchas militares. Os rebeldes tentaram revidar tocando hinos rebeldes, mas dispunham de megafones alimentados pela bateria de um carro da embaixada, eram insuficientes, e provocaria sua desistência. Já o Governo aproveitou a ofensiva e aumentou “a pressão sobre os guerrilheiros realizando exercícios militares com tanques, helicópteros e tropas de elite em frente da embaixada” (*O GLOBO*, 29 jan. 1997, p. 37).

Em outra linha de ataque, toda a poluição sonora oferecida pela polícia e pelo governo peruano tinha também a intenção de camuflar as escavações de túneis de um planejado ataque ao cativo. O guerrilheiro Néstor Cerpa Cartollini anunciou, no dia 6 de março de 1997, que abandonaria as negociações, porque os rebeldes escutaram barulhos vindos do subsolo da casa e acreditavam que os militares preparavam um ataque. Pediu a comissão negociadora que averiguasse suas suspeitas. Já a mídia, “hungry for a new angle on the story, responded with frenzy to Cerpa’s Allegation about a tunnel. Peruvian journalists reported seeing prevented by police from investigating the situation”¹¹ (PANJABI, 1997, p. 103). E o assunto “túnel” fez com que as negociações se mantivessem suspensas, pois Cerpa temia que, em suas ausências, em virtude das negociações, eles sofressem um ataque surpresa. O que ele nem imaginava é que, segundo o jornal *The New York Times* (Cf. PANJABI, 1997, p. 104), as escavações dos túneis tinham sido iniciadas em janeiro e alguns jornalistas peruanos afirmavam ter começado em dezembro. Depois da embaixada tomada, todos os meios de comunicação noticiaram que havia escutas na casa. Elas entraram escondidas em “um violão, tabuleiro de xadrez e uma Bíblia” e as microcâmeras foram introduzidas por túneis. As câmeras, segundo a reportagem:

[...] filmaram os rebeldes tocando piano, dormindo e escrevendo cartazes. Schaerer¹² foi filmado conversando com os dois principais líderes do sequestro, Nestor Cerpa Cartollini e Roli Rojas. Segundo a agência Arisa, o serviço secreto possui ainda gravações de conversas nas quais Schaerer critica o governo peruano (*O GLOBO*, 29 abr. 1997, p. 38).

No romance, as duas referências que se tem sobre esse barulho de que Nestor Cerpa Cartollini e seus companheiros ouviram são mencionadas. Na primeira vez, a notícia lhes chega pelos jornais e pela televisão, os generais Benjamin e Alberto não acreditam na invasão por túneis, pois para eles não era possível que “a crise acabasse mais ou menos como começara, com estranhos penetrando subitamente na sala e redirecionando o curso de suas vidas [...] Era rebuscado demais, muito parecido com um filme de espionagem verdadeiro” (PATCHETT, 2005, p. 227); a segunda acontece enquanto o representante da Cruz Vermelha faz sua última visita de negociações:

¹⁰ A estratégia utilizada no Panamá, ocorreu em 1989, quando “o então homem-forte do país, general Manuel Antônio Noriega –acusado de tráfico de drogas, contrabando de armas e lavagem de dinheiro –refugiou-se na sede da Nunciatura Apostólica, na Cidade do Panamá, e só se rendeu depois de dez dias” (*O GLOBO*, 31 jan. 1997). Enquanto ele esteve refugiado, os americanos transmitiram pelos alto-falantes rock’n roll no mais alto volume, bandas de heavy metal sacudiram as estruturas do prédio durante três dias seguidos. Noriega era apaixonado por ópera e ficou desesperado com as músicas com que estava sendo atacado.

¹¹ Em tradução livre: A mídia faminta por um novo ângulo sobre a história, respondeu com frenesi à alegação de Cerpa sobre o túnel. Jornalistas peruanos reportaram haver trabalhos de construção perto da residência e estarem sendo proibidos pela polícia de investigar a situação.

¹² Jean Pierre Schaerer, representante na Cruz Vermelha no caso da invasão da embaixada japonesa no Peru.

Messner achou que tinha sentido um tremor na terra. Com certeza, Gen deveria ter sentido a mesma coisa, pois estava deitado com o rosto encostado na grama. Era imaginação sua ou a terra poderia de repente desmoronar sob seus pés? Será que esses engenheiros sabiam o suficiente? Quem, sabe se, subitamente, o chão não ia engoli-los todos, diva de ópera e criminosos comuns, com a mesma dentada fatal. Messner ajoelhou-se. Apertou a palma das mãos contra a grama e, quando chegou à conclusão de que estava passando por um momento de loucura temporária, sacudiu Gen outra vez (PATCHETT, 2005, p. 332- 333).

A música de dentro da casa pode realmente ter abafado o trabalho dos engenheiros e da polícia que cavava os túneis. Já o motivo que teria levado Ann Patchett a escolher a ópera e não um outro estilo musical não foi divulgado por ela, nas poucas entrevistas em que a autora falou sobre suas escolhas para a obra. Todavia, sabemos da íntima relação cênica entre a ópera e as tragédias narrativas. O fio condutor são as tensões, e isso, o fato histórico, por si só, contemplava. Estava pronto para ser lido como um drama. Havia também os elementos da mídia que contribuíam para a construção: a ausência de uma língua comum, a necessidade de convivência, a administração saudável dos momentos de partilha dos escassos alimentos, da divisão de tarefas.

Pensando a questão estrutural, a divisão das notícias, em momentos importantes, será observada como os atos da ópera. No primeiro, a apresentação dos fatos, muito próximas tanto nas mídias quanto na ficção – os jornais estavam carregados de informações, ocupavam várias páginas com reportagens sobre a crise. No segundo ato, apresentou-se uma calmária tanto no romance quanto na mídia, que já não trazia notícias com a mesma frequência, e as colocava em páginas de menor destaque. Assim também as personagens do romance deixaram suas vidas de fora do cativado para uma outra página e envolveram-se com suas próprias vidas naquele novo ambiente, desenvolvendo relacionamentos afetivos de amizade e amor. Alegraram-se com a música e o tempo correu livre, quase sem apresentar tensões, embora as negociações não tivessem avançado muito. Nos noticiários, ex-reféns falavam da cordialidade dos guerrilheiros e de como se distraíram durante o ócio, na embaixada. O terceiro e último ato para ambos são das tensões da provável invasão dos militares e da tomada devastadora da casa.

Estruturalmente, a narrativa se organiza como a ópera, a música que integra esse gênero é dialogada e se mescla com o enredo. A linguagem musical não precisava ser compreendida. A própria soprano cantava em italiano, russo, francês, tcheco sem nem imaginar com que palavras ela caracterizava a história que conhecia de suas pesquisas. Mal sabia que adjetivo pronunciava quando reproduzia uma ária triste. Enchia-se de tanta verdade na dor, que todos da casa a sentiam. Alguns reféns sabiam um pouco sobre ópera, os guerrilheiros só as que estavam ouvindo no cativado, porém, comungavam do mesmo afeto que a música lhes oferecia. Como defende Magnani, para compreender e gostar de uma música não há necessidade de um conhecimento elevado:

O signo musical é portador de tensões: tensões horizontais rítmico-melódicas, tensões verticais contrapontísticas-harmônicas, tensões de profundidade dinâmico-tímbricas. Tais tensões, recebidas e reelaboradas no ato da fruição, transformam-se em outras tantas configurações, adquirindo em nossa consciência o aspecto de uma *gestalt* ou forma de sentimento. Isso explica por que, para a assimilação da mensagem sonora, não é indispensável o conhecimento exato da linguagem musical, bastando o exercício de uma sensibilidade apurada, capaz de transformar o jogo das tensões sonoras em uma atividade espiritual subjetiva; quase uma recriação (MAGNANI, *apud* OLIVEIRA, 2002, p. 71).

Nesse sentido, podemos dizer que os sequestradores conquistaram, pelo menos em parte, um pouco daquilo que buscavam, o direito à cultura, mesmo que provisória, para gente do povo. Eles só não possuíam mais instrução e exercitavam a apreciação por obras de arte ou música clássica porque não eram expostos a elas. O guerrilheiro César, que nunca tivera contato com ópera, e Carmen sentiram e captaram toda a sensibilidade que as óperas apresentaram, experiência tão diferenciada que fez com que o rapaz se tornasse um aprendiz da arte de cantar óperas.

PALAVRAS FINAIS

Ann Patchett, quando desenvolveu a narrativa e adicionou relacionamentos afetivos a um fato histórico, nos instigou para a possibilidade de uma leitura que envolvesse história e mídia, porque criou no universo ficcional um novo fato que também poderia ter acontecido. Uma nova linguagem que facilitou a convivência pacífica dos envolvidos na ocupação tramada no romance e o amor que pôde prosperar, mesmo em local inusitado. No campo literário, a autora mostrou dominar as tendências do romance moderno que opta pela verossimilhança em substituição à “verdade documental”, desliga-se dos mitos e da referencialidade e aproxima-se da matéria de extração histórica (Cf. TROUCHE, 2006, p. 35).

A introdução da música, como entretenimento, garantiu leveza e harmonia ao ambiente, justamente porque se personificou na figura de uma soprano lírica, muito bonita, de presença marcante e de caráter sólido. A música e a soprano centralizaram e neutralizaram as ações dos guerrilheiros e dos reféns. Os dias se tornando mais agradáveis contribuíram para o amadurecimento das relações pessoais dentro da casa. Os relacionamentos amorosos que se desenvolveram no romance, durante o cativeiro, foram motivados pela boa convivência, pela aceitação das diferenças presentes em vários costumes e idiossincrasias das mais diversas nacionalidades dos convivas e pela necessidade de desenvolver a resiliência, urgente a pessoas que passam por situações de trauma. Já o relacionamento amoroso, que se estendeu após a ocupação, foi criado como premência de conviver com as lembranças. Precisavam sublimar a dor do que viveram e das pessoas perderam; compartilharam a música, as identidades, suas vidas e seus amores dentro da casa do vice-presidente e seguiram compartilhando o que lhes sobrou de memória dos episódios vividos.

Por fim, esta análise cumpre seu papel no meio acadêmico e diante da comunidade científica porque contribui, ou se esforça por contribuir, com novos estudos sobre literatura, literatura histórica e narrativa de extração histórica. Em *Bel Canto*, temos o olhar do estrangeiro sobre os acontecimentos históricos que marcaram o Peru e, no processo de representação literária, sobressaem temáticas caras ao contexto latino-americano: processos identitários, ditaduras, resistência e arte.

REFERÊNCIAS

BAER, Suzie. *Peru's MRTA: Tupac Amará Revolutionary Moviment*. The Rosen Publishing Group, Inc. New York.2003.

BASTOS, Alcmeno. *Introdução ao Romance Histórico*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de L. Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1992.

- CLIMACO, Adriana Ortega, *História e Ficção em Santa Evita*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.
- COMPAGNON, Antonie. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. de Cleonice P. B. Mourão, Consuelo F. Santiago. 2.ed., Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- DEGREGORI, Carlos Iván. ¿Por qué apareció Sendero Luminoso en Ayacucho? El desarrollo de la educación y la generación del 69 en Ayacucho y Huanta. en Anne Pérotin-Dumon (dir.). *Historizar el pasado vivo en América Latina*. Disponível em: <<http://www.historizarelpasadovivo.cl/downloads/degregori.pdf>>. Acesso em: 16, mar. 2017.
- ESTEVES, Antônio Roberto & MILTON, Heloisa Costa. *Narrativas de extração histórica*. In: CARLOS, Ana Maria & ESTEVES, Antônio Roberto. (Orgs.). *Ficção e História: leituras de romances contemporâneos*. Assis: FCL- Assis- UNESP- 2007.
- ESTEVES, Antônio Roberto. *O novo romance histórico brasileiro*. In: ANTUNES, Letizia Zini. (Org.). *Estudos de Literatura e Linguística*. Assis: UNESP, 1998.
- FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Trad. Leandro Konder. Nona Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- HUTCHEON, Linda. *A poética do pós-modernismo*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. *Literatura e Música: modulações pós-coloniais*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- PANJABI, Rane K. L. *Terror at the Emperor's Birthday Party: An Analysis of the Hostage-Taking Incident at the Japanese Embassy in Lima, Peru*. Penn State International Law Review
Volume 16. nº1. *Dickinson Journal of International Law*. 1997. Disponível em: <<https://elibrary.law.psu.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://www.google.com.br/&httpsredir=1&article=1423&context=psilr>>. Acesso em: 18 out. 2017.
- PARIZOTE, Amanda Dal'Zotto. *Literatura e história: fronteiras instáveis*. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert, SANTOS, Salette Rosa dos. *Mulher e literatura: história, gênero, sexualidade* (Org.). Caxias do Sul: Educs, 2010.
- PATCHETT, Ann. *Bel Canto*. Trad. Vera Joscelyne. São Paulo: Francis, 2005.
- POZO, José del. *História da América Latina e do Caribe: dos processos de independência aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- ROSPIGLIOSI, Manuel Parrales. *A tomada da residência do embaixador japonês no Peru por terroristas: "Expressão política e social dos grupos subversivos" / Capitán de Navío A.P. Manuel Parrales Rospigliosi*. Rio de Janeiro: ESG, 2013.
- SILVA, Juremir Machado. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: 3ª Edição, Sulina, 2012.
- TODOROV, Tzvetan. *Poética da Prosa*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- TROUCHE, André Gonçalves. *América: história e ficção*. Niterói: EdUFF, 2006.



A VIA CRUCIS DO PRAZER: NECROFILIA EM “OS CORDEIROS DO ABISMO”, DE MARIA RIBEIRO¹

THE VIA CRUCIS OF PLEASURE: NECROPHILIA IN “OS CORDEIROS DO ABISMO”, BY MARIA RIBEIRO

Fábio Júlio de Paula Borges²

José Elias Pinheiro Neto³

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir a relação que a linguagem, pelo viés psicanalista freudiano, na formação de subjetividades culturais e na compreensão dos casos de necrofilia praticados por Leopoldo, personagem protagonista do romance *Os cordeiros do abismo*, bem como estabelece as suas consequências psíquicas. Trata-se de uma revisão bibliográfica, e para isso, recorre-se ao seguinte *corpus* teórico: Freud (2019), Moscatello (2010), Lopes (2017), Hall (2006), Costa (1992), Laraia (2004) Iser (1983) e Aristóteles (2001). Verdadeira ou fantasiada, a necrofilia em Leopoldo evidencia mais do que uma patologia, esboça em seus delírios toda uma desestrutura familiar que teria influenciado os seus comportamentos sádicos. Na caminhada final de Leopoldo, há avaliações internas e externas a serem feitas, pontos de interrogação que permanecem sobre o fardo da vida. A cruz como símbolo de tudo aquilo que não se quer carregar, daquilo que se quer negar para transcender a um lugar maior, talvez seja o treinamento para a elevação da consciência na purificação dos erros cometidos. Leopoldo e as demais personagens se fizeram humanos na medida em que serviram à encenação narrativa deixando à mostra ao leitor, todos os seus crimes e perversões.

Palavras-Chave: Literatura. Romance. Cultura. Necrofilia.

¹ Este trabalho é parte do projeto de pesquisa DILEMAS SUBJETIVOS DE LEOPOLDO NO ROMANCE *OS CORDEIROS DO ABISMO* DE MARIA LUISA RIBEIRO desenvolvido na Universidade Estadual de Goiás com cadastro na Pró-Reitoria de Pesquisa (PrP).

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina. (Goiás, Goiás, Brasil) depaulafabio@outlook.com <https://orcid.org/0000-0002-7431-4112>

³ Estágio Pós-doutoral em andamento em Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas do Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM/USP). Doutor em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Docente na Universidade Estadual de Goiás (Itapuranga, Goiás, Brasil) e do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade, Goiás, GO, Brasil. joseeliaspinheiro@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-9574-6451>.

ABSTRACT

The aim of this paper is to discuss the relationship that language, through Freudian psychoanalyst axis, contributes to the formation of cultural subjectivities and to the understanding of cases of necrophilia practiced by Leopoldo, the protagonist of the novel Os cordeiros do abismo, as well as its consequences psychic. This is a bibliographic review, and for this, the following theoretical corpus is used: Freud (2019), Moscatello (2010), Lopes (2017), Hall (2006), Costa (1992), Laraia (2004) Iser (1983) and Aristóteles (2001). True or fantasized, the necrophilia in Leopoldo shows more than a pathology, outlines in his delusions a whole family structure that would have influenced his sadistic behaviors. In Leopoldo's final walk, there are internal and external evaluations to be made, question marks that remain about the burden of life. The cross as a symbol of everything that you do not want to carry, of what you want to deny in order to transcend to a greater place, perhaps it is the training for raising awareness in the purification of the mistakes made. Leopoldo and the other characters became human insofar as they served the narrative staging, exposing to the reader, all their crimes and perversions.

Keywords: Literature. Novel. Culture. Necrophilia.

INTRODUÇÃO

*Então, querida, dize à carne que se arruína,
Ao verme que te beija o rosto,
Que eu preservarei a forma e a substância divina
De meu amor já decomposto!*

Charles Baudelaire

Os cordeiros do abismo, romance de Maria Luísa Ribeiro, foi lançado primeiramente em 2004, e a segunda edição apenas no ano seguinte. A autora, na narrativa, mostra a capacidade do ser humano em se adentrar no que ela chama de “travessas”; não apenas percursos espaciais, mas rotas de si mesmo, de seus próprios desejos. Segundo Angelita Lima (2013), na tese *Romancidade: sujeito e existência em leituras geográfico-literárias nos romances A centopeia de neon e Os cordeiros do abismo*, ao se apoiar em Olival (2009), diz que a romancista acompanha “uma tendência que mais vigorosamente se manifesta na literatura pós-1990: a de enveredar pelas pulsações marginais latentes no ser humano” (OLIVEIRA, p. 246 *apud* LIMA, p. 144). Na narrativa de Ribeiro (2005), essa pulsação atinge os limites do sórdido.

As personagens, à medida que atravessam a *via crucis*, Avenida Dias da Cruz, nome sugestivo para a peregrinação rumo ao abismo, cometem e são acometidas pelos atos perversos desencadeados por Leopoldo Dornellas, o protagonista. A própria autora do romance explica a criação do nome da rua, ela diz em entrevista a Lima (2013): “Mas a rua que eu vejo é a rua do mundo e chama Dias da Cruz. Eu não pensei, o que eu pensei mesmo foi Dias de Cruz. Então foi uma forma de dizer Dia de Cruz. É um calvário, não é a rua” (LIMA, 2013, p. 228). A caminhada ao calvário é marcada por diversos tipos de pecados e crimes.

O romance da autora brasileira Maria Luísa Ribeiro, narra a história de Leopoldo, filho de Tarsila Dornellas e Aristides Dornellas, dono de um cartório do qual Leopoldo será o herdeiro e

de onde partirão as grandes pistas para que ele descubra as suas vítimas. Durante a sua vida, o protagonista tentou cursar diversas faculdades, dentre elas a de Filosofia e a de Direito, no entanto, o curso que mais lhe chamou a atenção foi o de detetive. O cartório abrigava inúmeros registros de crimes, todos com fotografias com as quais o necrófilo se satisfazia em seus desejos perversos. Leopoldo mantinha uma relação conturbada com a mãe, a via desde a adolescência como uma prostituta. Ele sabia que ela saía com outros homens e mulheres, mas não tinha a consciência de que tudo era feito para satisfazer o pai. Culpava-a por tudo, seja por não levá-lo à missa, ou por não lhe contar histórias quando pequeno. Admirava o pai, mas não sabia que ele tinha um caso com Custódio, um funcionário do cartório. Casado com Eulália, viciada em perfumes franceses e chapéus, Leopoldo sempre viveu em um relacionamento de aparência. Sua esposa também mantinha um caso com a sogra.

Em seus instintos de prazer, na ida, denominada *A via cruz*, primeira parte do romance, Leopoldo, em *flashback*, lembra de todo tipo de atrocidade que cometeu. Ele estuprou uma garota de treze anos, Bertrini, que sofria pela morte dos pais. Aproximava-se das vítimas, identificadas nos processos do cartório, seduzindo-as; inclusive, uma delas, Aurora, que chegou a engravidar do necrófilo, mas foi incitada por ele a abortar, sendo morta tempos depois junto com o filho. Na trama, o protagonista acreditava estar no corpo e ser a pessoa morta que ele viu nas fotografias dos processos, mentalizava seus nomes e durante o ato sexual, fosse homem ou mulher, julgava encarná-los; em alguns casos, usava as roupas do falecido para intensificar o seu prazer. Cometeu incesto, ao se deitar com a mãe, Tarsila Dornellas. Na segunda parte do romance, o retorno, em tempo real, Leopoldo, acompanhado de Marina – representada ora como humana, ora como uma bacia-fetichê –, busca se redimir de tudo aquilo, narrando-lhe os seus feitos. Segundo Freud (2019), o fetichê é o substituto do pênis da mãe. O menino, no seu processo de desenvolvimento, ao sofrer o complexo de castração, percebe a ausência de pênis na menina, o fetichê servirá como supridor dessa falta. Leopoldo, ao desabafar para a bacia os seus crimes, parece ser atingido por uma ação terapêutica, e a busca pelos endereços das vítimas integram esse quadro de restituição psíquica. O final da história evidencia a busca de Leopoldo por redenção e pela purificação dos seus crimes e pecados.

Durante a travessia, segredos e relações ocultas vão sendo revelados pela multiplicidade de focos narrativos. Todos os cordeiros que emergem do abismo pertencem aos colóquios sociais, como expõe o narrador-protagonista. As posições que cada um deles ocupa interferem na concretização dos seus desejos sórdidos, pois é importante para Leopoldo ser detetive, casado com Eulália, integrante de uma família que aos moldes da sociedade seria considerada modelo. Contudo, o que se vê é o rompimento desses padrões. Ribeiro (2005) vai desenrolando, em sua tessitura, uma sociedade hipócrita, doentia e criminosas.

As personagens da trama são representações de sujeitos fragmentados, pós-modernos, usando a perspectiva de Stuart Hall (2006) em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*. Segundo análise feita por Angelita Lima (2013), o conhecimento sobre Leopoldo conduz à percepção de um sujeito “descentrado, e põe em movimento o sujeito do devir, conforme definição em Deleuze e Guattari (2012)” (LIMA, 2013, p. 144). Leopoldo busca o tempo todo a sua identidade, aquilo que ele é, isso se verifica no que Lima (2013) chama de *devir-cadáver*: a personagem assume o papel dos mortos das fotografias, sejam eles homens ou mulheres, para conquistar os viúvos/as. Mas não se serve apenas das fotografias para que exista em outro corpo, neste caso dos defuntos, as imagens das pessoas mortas, guardadas nos arquivos do cartório de seu pai, alimentam a sua fantasia sexual. Leopoldo, durante a sua travessia, pratica dois tipos de necrofilia: a *verdadeira* e

a *fantasiada*, termos usados por Anne Dias (2016) em seu artigo *Desmantelando o monstro: o necrófilo de Gabrielle Wittkop*.

Dias (2016), ao analisar como a necrofilia se manifestava em algumas culturas, afirma que por meio dessa prática os indivíduos buscavam se comunicar com os mortos, quando não, fazê-los ressuscitar. O artigo da estudiosa traz uma importante discussão que vai desde a etimologia da palavra, passando pelos aspectos socioculturais, até de que maneira a necrofilia foi retratada na Literatura. Conforme a autora, etimologicamente, o termo “une os étimos νεκρός [nekrós], ‘morto’, ‘cadáver’, e φιλία [filía], ‘amor’” (DIAS, 2016, p. 212). Ou seja, amor aos mortos. Algumas personalidades históricas são relacionadas à prática “Herodes, o Grande, Carlos Magno e o Rei Valdemar IV da Dinamarca” (DIAS, 2016, p. 212). Como visto, essa relação que nos dias de hoje é considerada como um atentado àqueles/as que não conseguem se defender da violência sexual, antes era tida como algo comum e aceitável em algumas culturas. Segundo Dias (2016), a prática já foi vista também como satânica, isso mostra como as manifestações humanas podem variar dentro de um determinado tempo e contexto sociocultural.

De acordo com a teórica, os estudos sobre a necrofilia parecem ter surgido com Joseph Guislain (1797-1860), um reformador clínico e alienista belga, em seu trabalho intitulado *Leçons orales sur les Phrénopathies*, de 1850. Já no século XX, ainda nas palavras de Dias (2016), dois psiquiatras, Rosman e Resnick analisaram 120 casos de necrofilia buscando compreender as causas. Para os sociobiólogos, a química do cérebro determinaria o percurso desviante. Já os sociobiólogos evolucionistas entendem que os genes podem interferir nesse comportamento.

Nesse sentido, objetiva-se neste artigo: 1) discutir de que forma a linguagem, pelo viés psicanalista freudiano, contribui na formação de subjetividades culturais e, conseqüentemente, na compreensão dos casos de necrofilia; 2) analisar os tipos de necrofilia praticados por Leopoldo, bem como as respectivas conseqüências psíquicas.

Sabendo-se que a narrativa de Ribeiro (2005) é psicológica e social, imbuída de diversas manifestações sexuais, dentre elas a necrofilia, considerada como uma parafilia pelo *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5), recorrer-se-á ao seguinte *corpus* teórico para a análise: Freud (2019), Moscatello (2010) e Lopes (2017) no que diz respeito aos comportamentos psíquicos; Hall (2006), Costa (1992) e Laraia (2004) sobre os conceitos de linguagem e cultura; Iser (1983) e Aristóteles (2001) para a constituição de personagens e imitação no campo literário.

O resultado da análise aponta para a expressão dos caracteres humanos enquanto estimuladores dos dilemas sociais.

1 LINGUAGEM, SUBJETIVIDADE E CULTURA: O AMOR AOS MORTOS EM PANORAMAS PSÍQUICOS E LITERÁRIOS

A linguagem contribui na formação das noções que as sociedades possuem a respeito de seus comportamentos, taxativos ou não. Para que se possa compreender melhor essa relação entre linguagem, cultura e necrofilia, faz-se uma aproximação desse pensamento a partir de uma análise feita por Jurandir Costa (1992), em seu livro *A inocência e o vício – Estudos sobre o homoerotismo*. Ressalta-se que Costa (1992) não aborda a necrofilia, mas oferece um importante material sobre o desempenho da linguagem na produção de subjetividades e da edificação de tabus sociais dentro de determinadas culturas.

Já na *Introdução*, o teórico evidencia o diálogo entre Teddy e Nicholson, o primeiro personagem dá título ao conto de J. D. Salinger. Segundo Costa (1992), Teddy mostra como há várias possibilidades de se expressar as emoções, os sentimentos e o amor. Ao retomar a discussão do conto, o estudioso explica que, para os pais de Teddy, amar é amar sentimentalmente a Deus, e o amor direcionado aos filhos está envolto em motivos particulares. Teddy afirma nunca ter se emocionado, porém, tem noção do significado desse sentimento. Nicholson fica confuso perante a afirmativa do amigo. Costa (1992), para descrever a subjetividade das personagens do conto, utiliza o termo *vocabulário*; e é este que reproduz diversas subjetividades que poderão ser familiares, idênticas ou estranhas para os indivíduos.

A palavra *vocabulário* é utilizada não no sentido de um simples glossário, afirma o estudioso, mas no de prática linguística, ou de jogo de linguagem e forma de vida. Desse modo, *vocabulário* tem o mesmo significado de *linguagem*. O autor explica que a palavra *linguagem*, usada pela psicanálise tradicional, corresponde à ideia de instrumento de representação. Essa noção prejudica o entendimento de formação de subjetividades. É com Freud, segundo assinala o teórico, e mais especificamente com Lacan, que a linguagem não será entendida como um “ ‘ser simbólico’, um *tertium quid*, cujo substrato material, gráfico ou sonoro, tem por função ‘representar’, para a Razão, a Mente, o Sujeito, a Consciência, o Espírito etc., aquilo que lhe é exterior ou extrínseco” (COSTA, 1992, p. 14). Ainda de acordo com esse estudioso, a linguagem não possuiria uma tarefa fixa, o mais interessante seria pensá-la como propiciadora de laços discursivos entre os indivíduos ou entre as coisas e seus estados. Esse laço ou ligação freudiana significaria a pulsão sexual ou a pulsão de vida.

Para Costa (1992), a subjetividade é um efeito das linguagens, de práticas linguísticas que orientam suas regras de formação e de reconhecimento do público e do privado. O teórico, pautando-se em uma expressão davidsoniana, explica que o sujeito, em se tratando de experiência subjetiva, é uma rede de crenças e de desejos. As subjetividades são resultado dos usos dos vocabulários ou das formas como os indivíduos aprendem e ensinam a ser sujeitos.

No decorrer de seu raciocínio, Costa (2012) exemplifica a relação que esse *vocabulário* desempenha, em determinada cultura, a partir da comparação de Teddy como sendo Michii, um homem adulto pertencente à tribo Akaramas. Michii seria alguém que pratica relações sexuais tanto com homens quanto com mulheres de sua tribo e, após se masturbar em rituais coletivos, atacava os povos vizinhos matando-os; em seguida, tirava-lhes o coração. Para quem pertence à cultura ocidental, esse ato seria aterrorizante, de acordo com o teórico, Tobias Schneebaum que viveu entre os Akaramas e foi levado para participar de um desses rituais. Para Costa (1992), o espanto perante esses costumes revela o retorno do recalado.

O que distinguiria Michii e Teddy dos demais seres humanos, conforme o autor, seria a forma como introjetaram a linguagem para lidar com a morte e a destruição, sempre presentes nas psiques dos sujeitos. Teddy aprendeu, em sua cultura, a respeitar a vida, a liberdade. Michii, ao contrário, não aprendeu a perceber, a não ser nos membros de sua tribo, o grau de humanidade dos membros de outras culturas. Para Michii, o gozo com a morte, a antropofagia, a sexualidade aberta e não privada, são elementos admissíveis. Fora dessa cultura, ele seria considerado um monstro. De acordo com Laraia (2004, p. 48), em seu livro *Cultura – Um conceito antropológico*, “[a] cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações. [...] O homem age de acordo com os seus padrões culturais”. Como se pode perceber, o sujeito nunca está isolado ou alheio às normas vigentes na sociedade, e estas podem variar de cultura para cultura, dentro de uma escala temporal.

No campo da psicanálise, segundo Costa (1992), ao se enunciar uma regra moral, os sujeitos falam do interior de uma prática linguística que exprime preferências por determinadas condutas. Retomando os estudos de Freud, o autor exemplifica com o mito do parricídio primordial, ao afirmar que ou os indivíduos aceitam as regras do que pode ou não ser feito, ou os sujeitos se exterminam. Freud defende que por mais que se instituem regras, elas não são suficientes para encerrar o embate entre Eros e Thânatos. O primeiro, na mitologia grega, deus do amor e do erotismo, e o segundo, personificação da morte.

No trabalho de Dias (2016) nota-se essa relação da pulsão de vida e de morte no que diz respeito à necrofilia, primeiro porque, conforme a autora,

[o] irrefreável embate entre vida e morte não é recente. Sêneca já havia apontado como a natureza joga com os contrários e com a harmonia que deles deriva. Quando Freud reconheceu a presença do instinto de morte em nossa psique, também admitiu a existência de instintos de vida, reunidos sob o nome de Eros. Na verdade, os instintos de autopreservação exigem a mescla à agressividade para o seu funcionamento. E impulsos agressivos e cruéis se acham intimamente ligados ao prazer e à gratificação (DIAS, 2016, p. 218).

Sigmund Freud, em *Além do princípio do prazer* (1920), uma série de trabalhos metapsicológicos, apresenta uma dicotomia entre Eros e os instintos de morte. Um dos temas recorrentes nas produções do psicanalista é a teoria pulsional. Dividindo-as a partir de duas concepções, pulsões do Ego, voltadas para autoconservação individual, e pulsões sexuais, responsáveis pela reprodução e pela conservação da espécie, ao falar sobre a pulsão de morte, diz que ela se volta à diminuição da excitação, e a pulsão de vida, ao investimento e à unificação. Na teoria sobre o princípio do prazer, o autor, ao inserir a pulsão de morte, clarifica o entendimento da agressividade, das práticas de sadismo e de masoquismo. Ações estas que podem ser vistas em Leopoldo, protagonista do romance, ao usar do sadismo ao abusar sexualmente da própria mãe, ou com a esposa, após esta se suicidar. Segundo Freud (1920, p. 167),

[e]mbora a psicanálise via de regra se esforce por desenvolver suas teorias tão independentemente quanto possível das outras ciências, é contudo obrigada a procurar uma base para a teoria dos instintos na biologia. Com fundamento em uma consideração de longo alcance dos processos que empreendem construir a vida e que conduzem à morte, torna-se provável que devamos reconhecer a existência de duas classes de instintos, correspondentes aos processos contrários de construção e dissolução no organismo. Segundo esse ponto de vista, um dos conjuntos de instintos, que trabalham essencialmente em silêncio, seriam aqueles, cujo objetivo é conduzir a criatura viva à morte e, assim, merecem ser chamados de '*instintos de morte*'; dirigir-se-iam para fora como resultado da combinação de grande número de organismos elementares unicelulares e se manifestariam como impulsos *destrutivos ou agressivos*. O outro conjunto de instintos seria o daqueles que nos são mais bem conhecidos na análise: os instintos libidinais, sexuais ou instintos de vida, que são mais bem abrangidos pelo nome de *Eros*; seu intuito seria constituir a substância viva em unidades cada vez maiores, de maneira que a vida possa ser prolongada e conduzida a uma evolução mais alta. Os instintos eróticos e os instintos de morte estariam presentes nos seres vivos em misturas ou fusões regulares, mas '*desfusões*' também estariam sujeitas a ocorrer. A vida consistiria nas manifestações do conflito ou na interação entre as duas classes de instintos; a morte significaria para o indivíduo a vitória dos instintos destrutivos, mas a reprodução representaria para ele a vitória de Eros.

Em *Além do princípio do prazer*, o estudioso da mente humana revisitará a divisão inicial das pulsões. Estas caracterizadas como energias vinculadas à libido, propiciadora de um movimento que careceria de um estimulador externo. A pulsão, a fonte de onde sai o estímulo, carecerá de um destino, de um alvo, o local no qual a pulsão seria eliminada. O psicanalista dirá que há uma dualidade na vida psíquica, a primeira composta pela energia que leva à ação e a outra à inanição. Ou seja, as que estimulam a ação são as Pulsões de Vida, fundamentadas em Eros e as que levavam a uma paralisação foram denominadas de Pulsões de Morte, representadas pela personificação da morte, Thânatos. Leopoldo não consegue controlar os seus impulsos, não consegue derrotar Eros, uma vez que ele compõe a sua psique, no embate entre Thânatos, o prazer pela necrofilia e outros atos perversos sobressaem. Para que não se autodestrua, Leopoldo lança fora os seus anseios sexuais, os seus desvios, ao dominar as fotografias, os viúvos e viúvas, e os próprios entes familiares e ao transgredir a lei.

A psicanálise desempenhou e continua no exercício de oferecer subsídios para a compreensão da psique humana. Freud, com os seus trabalhos, abriu possibilidades de desvelar o consciente e o inconsciente humano. Em seu livro *Três ensaios sobre sexualidade*, de 1905, o psiquiatra desenvolveu um importante estudo sobre a constituição sexual dos seres humanos. Segundo o psicanalista, a sexualidade dos indivíduos começa desde quando são bebês. Esse período da infância recebe o nome de fase oral, etapa que vai de zero a um ano de idade, na qual o bebê, ao entrar em contato com o seio da mãe para se alimentar, estimula as chamadas zonas erógenas, neste caso, a boca. O prazer da criança é autoerótico, ou seja, visa o próprio prazer.

A segunda etapa, fase anal, dos dois aos quatro anos, oferece à criança a possibilidade de controlar as suas fezes. A zona erógena passa da boca para essa região. A terceira fase, chamada fálica, é a da descoberta das partes genitais. Dos quatro aos seis anos de idade, a criança passa pelo *complexo de Édipo*, isto é, o menino, desejando a mãe, busca “eliminar” o pai. Nesse período, os meninos sofrem com o medo da castração e as meninas com a inveja do pênis. Percebendo que na menina falta o pênis, o menino teme perdê-lo, e a menina, notando que em si falta o pênis, sente o desejo de possuí-lo.

A não condução correta do desprendimento da mãe e do filho, no caso do complexo de Édipo, poderá desencadear uma série de problemas na formação da autonomia da criança quando adulta, além de outras complicações. Outras fases apontadas por Freud (2019) são o período de latência, quando há o deslocamento da libido para atividades escolares, e a fase genital, a qual propiciará a retomada dos impulsos sexuais que culminará na vida sexual adulta, entendida como sendo a da procriação, ou não. Na formação das etapas sexuais pode haver interferências que vão desviar a pulsão sexual (necessidade sexual) do objeto (de onde sai a pulsão), para um alvo incomum, como é o caso da necrofilia. Isso explica o desejo que o necrófilo possui pelo corpo morto. Freud (2019) afirma que

[a]inda assim, em muitas dessas perversões a qualidade do novo alvo sexual é de tal ordem que requer uma apreciação especial. Algumas delas afastam-se tanto do normal em seu conteúdo que não podemos deixar de declará-las “patológicas”, sobretudo nos casos em que a pulsão sexual realiza obras assombrosas (lamber excrementos, abusar de cadáveres) na superação das resistências (vergonha, asco, horror ou dor) (FREUD, 2019, p. 87).

O psicanalista chama de perversão “(a) transgressões anatômicas quanto às regiões do corpo destinadas à união sexual, ou (b) demoras nas relações intermediárias com o objeto sexual, que normalmente seriam atravessadas com rapidez a caminho do alvo sexual final” (FREUD, 2019,

p. 92-93). Nesse sentido, tanto o rompimento com o alvo voltado para a união das partes genitais, quanto os atalhos na satisfação da pulsão instauram sentidos ao sentimento necrofílico. Segundo Lucena e Abdo (2014),

[c]om o lançamento da 5ª edição do DSM, há distinção entre o comportamento humano atípico e o comportamento decorrente de um transtorno, que é aquele que causa sofrimento, ameaça física ou psicológica para si ou para o bem-estar de outros indivíduos. De acordo com a nova classificação, a maioria das pessoas com interesses sexuais atípicos não tem um transtorno mental. Para o diagnóstico do transtorno parafilico, o DSM-5 requer que a pessoa com interesses sexuais atípicos:

- sinta angústia pessoal sobre o seu interesse sexual, não apenas sofrimento resultante da desaprovação da sociedade, ou
- tenha desejo ou comportamento sexual que envolva o sofrimento psicológico, lesões ou morte de outra(s) pessoa(s), ou prática sexual que envolva pessoas que não querem ou que sejam incapazes de dar o seu consentimento legal.

A explicação que as autoras fazem sobre o DSM-5 acerca do aspecto da desaprovação social esclarece o comportamento do necrófilo, que rompe com a lei e a cultura para satisfazer as suas pulsões. Alguns estudos sobre casos reais mostram como são os perfis dos necrófilos. No artigo intitulado *A certeza da morte: um caso de necrofilia*, de Yan de Jesus Lopes (2018), o psicólogo analisa os crimes e o perfil de José Augusto do Amaral (1871 – 1927), conhecido como Preto do Amaral, “considerado a fins antropológicos, como, o primeiro serial killer brasileiro” (LOPES, 2018, p. 2). Caracterizado como um necrófilo pederasta, aquele que tem as crianças mortas como a sua preferência, Amaral atraía suas vítimas, a maioria delas meninos, e as assassinava, mantendo relações com elas logo em seguida. O tamanho do pênis de Amaral é apontado como um dos motivos dos abusos cometidos. Quando adolescente, ao procurar por prostitutas, elas sempre o recusavam em uma segunda vez. O corpo morto, sem poder reclamar, serviria como satisfação de seus prazeres. Após cometer suas atrocidades, Amaral sofria com alucinações. “Nunca demonstrou sinais de arrependimento, más, [sic] o mesmo fala sobre ser atormentado pelos fantasmas de suas vítimas” (LOPES, 2018, p. 5).

Outro caso de necrofilia é o de BGL, de 49 anos e aposentado, a sigla utilizada é para preservar o seu nome, conforme denota Moscatello (2010), autor do artigo *Necrofilia: uma rara parafilias*. O necrófilo, embriagado, teria violentado o cadáver de uma mulher de 82 anos ao introduzir um cabo de vassoura em sua vagina. BGL tinha o costume de violentar cadáveres de homens, mas, em depoimento à polícia afirmou também manter relações com mulheres. De acordo com Moscatello (2010), os irmãos do necrófilo disseram que ele, aos 15-16 anos de idade, costumava furtar caixões de crianças em uma funerária, chamando as pessoas para um velório, porém, ao chegarem ao local, os caixões estavam vazios. O necrófilo teria sido abusado sexualmente por um homem quando era jovem.

O histórico de Preto do Amaral e de BGL não se desassocia do de Leopoldo, a personagem de Ribeiro (2005), mostrando que o trabalho dos escritores é o de representar a realidade, recorrendo ao que Aristóteles, em sua *Arte poética*, chamou de *mimesis*. Segundo Aristóteles (2001, p. 2) “as personagens são representadas melhores, piores ou iguais a todos nós”. Como campo do humano, os caracteres das personagens das produções literárias serão os das inúmeras possibilidades existentes na sociedade. De acordo com Wolfgang Iser (1983, p. 398), “as ficções não só existem

como textos ficcionais; elas desempenham um papel importante tanto nas atividades do conhecimento, da ação e do comportamento, quanto no estabelecimento de instituições, de sociedades e de visões de mundo”. A obra literária mostra quem são os sujeitos e aqueles em seu entorno. É um efeito de reconhecimento.

De acordo com Dias (2016), vários autores usaram a necrofilia como tema de suas criações, entre eles Shakespeare (1599-1601) e Cyril Tourneur (1608), durante o Renascimento; no século XIX, o autor brasileiro Álvares de Azevedo com *Noite na Taverna*, de 1855, e Edgar Allan Poe com os seus contos macabros; Bataille, De Wargny e Faulkner no século XX, incluindo Gabrielle Wittkop. O romance de Ribeiro (2005) insere-se na linha dessa tradição, a qual evidencia que o comportamento necrofilico tem atravessado séculos e instigado diversas áreas do conhecimento, inclusive a da linguagem literária.

2 A ARTE IMITA A VIDA: NECROFILIA VERDADEIRA E FANTASIADA E A GALERIA DE PERVERSÕES DE LEOPOLDO

Leopoldo, personagem maldito, coleciona desejos sexuais, fetiches e crimes. Hiperbólica, a personagem traz em si as marcas do incesto, do estupro, da necrofilia, dos furtos domésticos para que as empregadas ficassem com ele quando adolescente, do satanismo, das incitações de aborto de Aurora, com quem se relaciona na trama, engravidando-a, entre outras. Estabelecendo uma relação conturbada com sua família, vive em um casamento fetichista e sem amor com Eulália, compulsiva em perfumes, em chapéus, em guardar pirulitos na gaveta de calcinha e em lavar seus sapatos quando retornava da rua.

A personagem protagonista não conseguiu romper com o complexo de Édipo com Tarsila, sua mãe. Ao mesmo tempo em que a deseja sexualmente, culpa-a por tudo, chamando-a de Lilith, “a demoníaca, que, atormentada por uma legião de desejos, promove o ódio entre os casais” (ECKEL, 2005, p. 178). Leopoldo acusa Tarsila por não levá-lo à missa e ensiná-lo a rezar, por não lhe contar histórias, por não ser presente em casa. O filho acreditava que o pai fosse um “modelo”, até o momento em que descobre o seu caso com Custódio. Aristides, segundo Leopoldo, teria se suicidado por não admitir as traições de Tarsila, contudo, o que se vê no romance, é a procura de Aristides por amantes que pudessem ficar com Tarsila para satisfazê-lo em seus desejos lascivos. A mãe do necrófilo também mantinha relações com a própria nora, Eulália, demarcando os espaços de traição, sexo e ilimites.

Diversas experiências contribuíram na formação identitária e sexual de Leopoldo. Quando adolescente, mantinha relações com as empregadas, se esfregava nos travesseiros, notava que a mãe saía com os amantes, foi assediado por uma professora de piano que lhe causava náusea. Tudo isso parece ter influenciado seus futuros atos perversos.

O espaço percorrido por ele, o cartório, e a profissão, detetive, foram fundamentais na satisfação dos seus prazeres. No excerto abaixo, percebe-se a relação oculta entre ele e as fotografias, evidenciando o primeiro tipo de necrofilia a ser analisado: a *fantasiada*.⁴

As imagens das vítimas, estampadas no miolo daquelas pastas pardas, domavam os sentidos do menino adolescente e às escondidas, ele, em ritual, reiterava um dos processos do arquivo e levava-o para o banheiro. Imaginava-se a esfregar naquelas carnes mortas e, sequencialmente, a penetrar o corpo da vítima exposto

⁴ Segundo Moscatello (2010), ao usar os estudos de Anil Aggrawal, há uma nova classificação para necrofilia: pseudonecrofilia (uma pessoa finge estar morta), necrófilo romântico, platônicos ou fantasias necrófilas, necrófilos táteis, fetichista, necromutilomania, necrófilos oportunistas, regulares, homicidas e exclusivos.

em séries de fotografias periciais. Todos os dias se masturbava, internalizando, cada vez mais, imagens que tinham tudo de bizarro. E algumas vezes chegou a fazer algumas cópias para levar para casa porque acreditava que sem aqueles retratos não chegaria ao pico do prazer (RIBEIRO, 2005, p.14-15).

As fotografias pelas quais Leopoldo se sentia excitado trazem histórias tristes. São exemplos: Mauro, marido de Arísia, que teria morrido enforcado após uma reunião de negócios; Rubens Tadeu, apontado como amante de Aurora, que fora assassinado; Athina, assassinada durante um assalto. No excerto acima, o narrador confessa as suas atrocidades e, ao mesmo tempo, mostra como a adolescência de Leopoldo foi marcada pelo amor aos mortos. A necessidade é intensa, impossibilitando que ele se veja livre dela. Altamente psicológica e fisiológica, à medida em que se masturba internaliza as imagens, gravando-as e as associando em sua memória, torna-se cativo das próprias perversões. Ao canalizá-las, passa a viver constantemente no ápice do prazer.

Veio-me de novo o fascínio que os retratos de corpos mortos exercia na central dos meus hormônios. Quando adolescente, cuidando-me para não ser visto por meu pai nem por Custódio, eu, disfarçadamente, escolhia um dos processos e o escondia no banheiro. Daí, meus nervos iam se transformando em pura carne. Entrava no secreto e, já na intimidade, alisava as coxas rijas impressas nas fotografias da vítima e sentia meu pênis penetrando em cada putrefação apontada pela perícia. Aquilo era de um gosto tão intenso, que cada labirinto comprimia e dimensionava o meu prazer. E os retratos mudavam de textura, acariciavam-me de tal forma ardentes que, ali mesmo no piso, gozávamos, a um só tempo, as fotografias e eu. Amava aqueles e era por eles amado, talvez por não tê-los condenado à morte (RIBEIRO, 2005, p. 24-25).

Desde a adolescência, o rapaz trazia consigo o desejo sexual pelos corpos mortos, porém não o materializava, ao se apossar de um. Tudo permanece no campo da solidão e da fantasia. Saber que ninguém o percebe enquanto pratica os atos sórdidos aumenta a sua busca por satisfazê-los. De acordo com Dias (2005, p. 217) “não há dois amantes na relação; o necrófilo ama sozinho”. Isso acontece, pois, segundo a autora, durante o ato sexual, as pessoas estão em relação consigo mesmas, tendo como mediador o corpo do outro. Contrapondo sexo e amor, na visão de Dias (2005), no amor, há a necessidade da alteridade, que consistiria no confronto de duas representações diferentes, o que não acontece com os necrófilos, a exemplo de Leopoldo, que estabelece as suas realizações na esfera da solitude. A personagem reforça estar só com os seus desejos, mas, além dela, outros seres humanos também vivenciam os seus abismos, os seus segredos e os seus dilemas.

A narrativa de Ribeiro (2005) coloca à prova as instâncias sociais. Retira as máscaras que os sujeitos trazem à face e mostra o lado oculto que cada um carrega. Instituições e sentimentos, tais como família, casamento, amizade, amor são deslindados e desromantizados. O próprio Leopoldo se incube disso, de afrontar e confrontar: quem poderá julgá-lo? Em vida, seu casamento com Eulália foi sintetizado nos fetiches e na pena que ele nutria por ela. No dia do seu velório, nem o pai, Arthur, compareceu, apenas enviou um telegrama com os pêsames.

No seguinte trecho, Leopoldo pratica pela primeira e única vez a necrofilia dita *verdadeira*. As suas demais experiências não saíram do plano da fantasia. Precisava do não consentimento, precisava amar sozinho e colocar em prática o seu narcisismo sexual.

Leopoldo guardava na boca a essência do beijo. Enquanto procedia a cerimônia fúnebre, seu corpo continuava ardente, conservando o gosto da compulsão experimentada quando, apesar de perceber a ausência de Eulália, arrancou suas vestes,

afogou o rosto em seus cabelos pretos, beijou-lhe a boca colorida de batom, esmiuçou-lhe os seios róseos, buscou-lhe o paladar do púbis e estremeceu ao encontrar pela primeira vez, entre as coxas daquela mulher gélida, todo o fogo que durante uma vida ficara escondido sob as cinzas do chapéu. Disfarçadamente, enfiava a mão no bolso para acariciar o filme que continha a última nudez de Eulália. Agora, eram os retratos dela a sua compulsão. Compreendeu que Tarsila continuava, porque era ela o seu calvário (RIBEIRO, 2005, p. 104).

A própria Eulália, que no fim da vida se suicidou, era descrita como uma mulher morta em vida. O chapéu enterrado na cabeça, os perfumes parisienses que pareciam transmitir o cheiro das coroas de flores dos cortejos fúnebres, compunham sua atmosfera. Mesmo exalando o óbito, Leopoldo não foi capaz de amá-la. Aliás, o que é o amor, sabendo-se a partir da exposição de Costa (1992), usando Teddy como exemplo, que cada um possuirá seu vocabulário cultural sobre o que esse sentimento significa. “Platão afirma que, no amor, há o germe do universal. Schopenhauer amaldiçoa as mulheres que amam por darem continuidade à espécie humana” (DIAS, 2015, p. 216). Eulália não concebeu filhos, não por ser estéril, mas por voltar toda a sua dedicação amorosa aos seus fetiches. Eles eram para ela, assim como para Leopoldo, o ponto de satisfação individual. Não havia aborrecimentos da parte dos perfumes, ou das fotografias, mas a total entrega de quem não podia resistir ou exigir. Leopoldo não se servirá das fotografias de Eulália para se lembrar da esposa com afeto, mas para satisfazer os seus desejos malditos.

Do mesmo modo que Amaral, necrófilo do artigo de Moscatello (2010) sofria com as alucinações após cometer seus crimes, Leopoldo transitava entre o onírico e o real, chegando a ver as pessoas mortas com as quais ele, por meio das fotografias, se satisfazia. Ribeiro (2005) traz para a sua narrativa todas as possibilidades em torno da necrofilia, desde o satanismo, como era julgada a prática anteriormente, até as causas psíquicas desencadeadas a partir de complexos na má-formação familiar e individual.

Leopoldo ficou lívido enquanto, novamente, os processos se movimentavam. De dentro deles foram saindo imagens distorcidas e intensas, que tomavam forma e alongavam-se em sua direção. Um cheiro de velas e flores constrangeu o ambiente. E um difuso clarão iluminou os vultos, que, humilhados em suas vergonhas, foram tornando-se identificáveis e ameaçadores. Leopoldo tentava de todas as formas fugir do desconforto que as visões lhe provocavam. Todos os homens e mulheres que ele, de alguma forma, usou para alimentar seu lado diferente, estavam ali e cobravam honra, gritando-lhe improperios. Apavorado, com dificuldades se levantou e percebeu que a extensa cerca de fantasmas impedia-lhe a saída. Se apalpava e, apesar das roupas, sentia no tato a tensão de suas carnes duras. Chegou a imaginar que era também um deles e, passado para outra dimensão, teria que se encontrar com o Satanás e sua rede de sadismos, pois estava certo de enlouquecer-lhe a consciência. Crispado pelo medo, pediu socorro à imagem de Aristides Dornellas, que, do canto, o observava com ares de desaprovação (RIBEIRO, 2005, p. 100-101).

A psique de Leopoldo o condena. Tomado pelo pavor, tenta fugir das atrocidades cometidas, mas não consegue. Para ele, os fantasmas das pessoas mortas estão à sua frente, mas é o seu consciente que não está em equilíbrio. A personagem, no decorrer de sua travessia, recebe a companhia do Demônio que se alimenta das vítimas. “Se fosse um Demo, haveria de se ver com o outro que respira do meu lado” (RIBEIRO, 2005, p. 118). Desde novo, a personagem sofre com as alucinações, resultados das questões que já se encaminhavam mal resolvidas. E sempre, o demônio Lilith, ou Tarsila, sua mãe, o persegue.

Na *travessa dois*, ida, Leopoldo, ao acordar de seus sonhos, se depara com os seios de sua mãe dependurados no teto, jorrando leite sobre ele, mistura-se ao seu esperma esbranquiçado que escorre no banheiro do cartório. Enquanto isso, Tarsila o olha do canto e ri sensualmente. Na *travessa quatro*, retorno, Leopoldo, ao desabafar com Marina, fala que vê os olhos azuis do seu filho com Aurora surgindo em todos os objetos, ambos, mãe e filho, haviam sido assassinados por ele. É por este motivo que Leopoldo teria ido embora da casa de Edilberto, seu também amante, companheiro de Leonel, que se suicidou. Edilberto manteve um caso com Eulália, e Leopoldo chegou a descobrir a relação entre ambos. Leopoldo deixou a casa de Edilberto levando consigo os seus elefantes voadores, devido ao medo que estes tinham dos olhos de seu filho morto. Os animais se configuram na narrativa como produtos das psicoses de Leopoldo que não foram superadas, conforme afirma Eckel (2005), no posfácio do livro.

Os estudos psicanalíticos fornecem subsídios para a compreensão dos comportamentos das personagens literárias, como é o caso de Leopoldo. Pautando-se no que o DSM-5 diz a respeito do diagnóstico do transtorno parafilico e correlacionando-o à vida de Leopoldo, tem-se que a personagem sente angústia sobre o seu interesse sexual. Prova disso é quando Leopoldo, ao falar sobre Marina, seu porto seguro, que não o julgava diz: “O amor de Marina me acalmava e deixava a minha consciência sem ruídos” (RIBEIRO, 2005, p. 91). Os ruídos são as perturbações psíquicas provocadas por toda a sua vivência em meio aos prazeres e crimes. Se o outro componente é o desejo sexual que envolve o sofrimento psicológico e lesão ou morte de outras pessoas, Leopoldo se encaixa perfeitamente nessas exigências. Na ficcionalização de Maria Luísa Ribeiro, o ponto terapêutico, de escuta psicanalítica, parece funcionar com o divã Marina, ou divã-bacia-fetice, pois, a personagem nutre um prazer por aquele objeto que evoca a imagem da mulher até então desconhecida, com a qual ele se encontrou, após o pai lhe esfregar um chapéu em rosto quando criança; aquela mulher de cheiro único e substituível que lhe ofereceu amparo em seus seios. Leopoldo afirma que ela era a única que o compreendia, sem julgá-lo. Vê-se essa afirmativa no seguinte trecho:

A única a quem revelei a minha verdadeira personalidade. A ela consegui detalhar todas as travessas que percorri na *via crucis*. Contei-lhe de minhas excentricidades, do meu fascínio por esperma, suor, óvulo e sangue. Entreguei-lhe meu membro marcado de todos os buracos do mundo. Expus-lhe a benevolência de meus cadáveres arquivados e do demoníaco prazer que carregava para assustar os anjos dos pudicos. Marina era mesmo diferente: não julgava meus ilimites nem se assustava com meus escombros. Ouvia-me sem deixar vaziar temor (RIBEIRO, 2005, p. 95, grifos no original).

Em toda a narrativa, ninguém foi capaz de ouvi-lo, de lhe dar atenção ao desabafar. As demais pessoas, Eulália, Tarsila, o seu pai, as suas vítimas, serviam apenas para sua satisfação. Marina era o ponto terapêutico, a escuta, como um psicanalista que ouve o seu paciente sem condená-lo pelos seus atos, mas que busca formas de auxiliá-lo no tratamento das perturbações psíquicas.

Posto isso, o romance de Ribeiro (2005) choca, pois mostra lados que a sociedade busca ocultar, ou não comentar. Por trás das falsas aparências, das personagens caóticas, a procura pela superação de si, pelo rompimento com os desejos sórdidos, se confunde com a fraqueza do sujeito, movido pelo embate constante entre Eros e Thânatos. Pulsões de prazer que tanto pedem para que sejam satisfeitas, mesmo que para isso, outras personagens sejam prejudicadas. É a disputa de quem consegue sobreviver à solidão, à tristeza, à angústia. Leopoldo diz para Marina, na *travessa quatro*, retorno, ao expressar suas angústias psíquicas que “só conseguirei me livrar deles se eu for embora de mim. Por isso quero lhe dizer que estou propenso a ir e nunca mais me encontrar”

(RIBEIRO, 2005, p. 149). Dividido entre a necessidade de satisfazer suas pulsões e a de pedir perdão pelos atos que cometeu, Leopoldo continua, mesmo com o término da narrativa, na peregrinação rumo ao abismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ponto de vista dos aspectos culturais, a prova que se teve é a de que a necrofilia, vista pelo prisma sociocultural e histórico, recebe interpretações diferentes, sendo aceita ou não. Paralelamente a isso, o escritor deixa as suas marcas ao retratar por meio da obra literária essas personagens complexas. Ribeiro (2005) deixa como testamento, para o século XXI, os pedaços de lápides, de corpos, dos destroços sentimentais que compõem a intimidade humana. Os estudiosos da psique humana abrem caminhos para se entender esse comportamento que carece da transgressão da lei, e do silêncio do outro no momento da copulação.

Verdadeira ou fantasiada, a necrofilia em Leopoldo evidenciou mais do que uma patologia, esboçou em seus delírios toda uma desestrutura familiar que teria influenciado os seus comportamentos sádicos. Ribeiro (2005) oferta aos seus leitores as travessas de experiências únicas. Eleva o *status* de reflexão a um nível máximo quando transpassa o impossível. Na caminhada final de Leopoldo há avaliações internas e externas a serem feitas, pontos de interrogação que permanecem sobre o fardo da vida.

A cruz como símbolo de tudo aquilo que não se quer carregar, daquilo que se quer negar para transcender a um lugar maior, talvez seja o treinamento para a elevação da consciência na purificação dos erros cometidos. Leopoldo e as demais personagens se fizeram humanos na medida em que serviram à encenação narrativa deixando à mostra ao leitor, todos os seus crimes e perversões.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5)*. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento *et al.* 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARISTÓTELES. *In.: Arte Poética*. 2001. Disponível em: <encurtador.com.br/giotE>. Acesso em: 24/12/ 2019.

COSTA, J. F. *A inocência e o vício* – Estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

DIAS, A. L. *Desmantelando o monstro: O necrófilo de Gabrielle Wittkop*. Universidade Federal de Santa Catarina. 2º Semestre de 2016.

FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 18. <encurtador.com.br/krHM5>. Acesso em: 28/06/ 2020.

FREUD, S. *Um caso de histeria. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 7. Disponível em: <encurtador.com.br/yAGMO>. Acesso em: 24/12/2019.

HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11^a ed. DP&A Editora, 2006.

ISER, W. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional.1983. In.: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves. pp. 385-412.

LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LIMA, A. P. *Romancidade: sujeito e existência em leituras geográfico-literárias nos romances A centopeia de neon e Os cordeiros do abismo*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, UFG. 2013.

LUCENA, B. B.; ABDO, C. H. N. Transtorno parafílico: o que mudou com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. 5^a ed. (DSM-5). *Diagn Tratamento*, 2014.

LOPES, Y. J. *A certeza da morte: um caso de necrofilia*. Psicologia.pt, 2017.

MACEDO-ECKEL, E. Leopoldo e a via cruz de demoníacos prazeres. In.: RIBEIRO, M. L. *Os cordeiros do abismo*. Goiânia: R&F, 2005.

MOSCATELLO, R. Necrofilia: Uma rara parafilia. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. vol. 32. n° 3, 2010.

RIBEIRO, M. L. *Os cordeiros do abismo*. Goiânia: R&F, 2005.



A POLIFONIA BAKHTINIANA E O CONFRONTO DE VOZES EM *ZAMA* E *O RASTRO DO JAGUAR*

THE BAKHTINIAN POLYPHONY AND THE VOICES CONFRONTATION IN *ZAMA* AND *O RASTRO DO JAGUAR*

Rafael Victor Rosa Oliveira¹
 Felipe dos Santos Matias²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo estabelecer um estudo comparativo entre os romances *Zama* (1956), do escritor argentino Antonio Di Benedetto (1922-1986), e *O Rastro do Jaguar* (2009), do escritor brasileiro Murilo Carvalho (1948), a partir do pensamento teórico-crítico de Mikhail Bakhtin (1895-1975), analisando a polifonia e a representatividade possibilitada pelas distintas vozes presentes em ambos os textos literários. Procura-se também, a partir de uma ótica dialógica, falar sobre a importância do resgate feito pelas obras selecionadas como *corpus* em relação aos povos originários, sufocados ao longo do tempo pela literatura canônica ocidental e pela historiografia oficial. Isso oferece uma visão alternativa sobre a participação dos indígenas na construção de identidades nacionais culturalmente distintas. Por fim, abordam-se alguns questionamentos sobre a fragmentação da identidade coletiva no âmbito do continente americano, fruto do embate discursivo, político e ideológico de enunciação entre dois mundos distintos: o universo do colonizador e do colonizado.

Palavras-chave: Polifonia. *Zama*. *O Rastro do Jaguar*.

ABSTRACT

This article aims to establish a comparative study between the novels Zama (1956), by Argentine writer Antonio Di Benedetto (1922-1986), and O Rastro do Jaguar [The track of jaguar] (2009),

¹ Mestrando em Literatura Comparada na Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Bolsista DS-UNILA. Graduado em Direito pela Faculdade Católica do Tocantins (FACTO). <http://orcid.org/0000-0002-0343-8062>

² Doutor em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora, com período sanduíche na Universidade de Coimbra, Portugal. Professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, atuando na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada. <http://orcid.org/0000-0002-6147-9612>

by Brazilian writer Murilo Carvalho (1948), from the theoretical-critical thinking of Mikhail Bakhtin (1895-1975), analyzing the polyphony and the representativeness made possible by the different voices present in both literary texts. It is also sought, from a dialogical perspective, to talk about the importance of the rescue made by the works selected as a corpus in relation to the original peoples, suffocated over time by western canonical literature and official historiography. This offers an alternative in order to offer an alternative view on indigenous participation in the construction of culturally distinct national identities. Finally, some questions are raised about the fragmentation of collective identity within the scope of the American continent, as a result of the discursive, political and ideological clash between two distinct worlds: the universe of the colonizer and the colonized.

Keywords: Poliphony. Zama. O Rastro do Jaguar.

1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista que a literatura considerada canônica e a historiografia oficial dão enfoque comumente à história dos celebrados heróis e das poderosas nações, o presente estudo objetiva trazer ao debate a importância de resgatar e tornar audíveis as vozes de uma parcela da população sufocada ao longo do tempo pela dita cultura erudita. Sendo assim, duas obras literárias serão analisadas neste artigo: uma delas, escrita por um brasileiro, e a outra, por um autor argentino. Ambas são, em certo sentido, construções poéticas que pretendem recuperar as vozes de uma camada da sociedade geralmente negligenciada pelos campos literário e histórico; são também textos que suscitam um debate acerca de uma possível identidade latino-americana que está sempre à beira do esquecimento e da ruína.

O Rastro do Jaguar, romance ganhador do prêmio Leya de 2008, de autoria do escritor brasileiro Murilo Carvalho, propõe recriar os intensos choques culturais e sociais que marcaram a segunda metade do século XIX no Brasil, além da relação conflituosa entre os recém-constituídos estados-nações e as populações originárias do continente sul-americano. Trata-se, portanto, de uma narrativa que propicia alguma luz sobre um dos lados mais obscuros e encobertos da memória e da história brasileira: a contenda violenta travada entre o Brasil e seus aliados (Argentina e Uruguai) contra o país vizinho, o Paraguai. O referido romance é ainda uma tentativa de ficcionalizar e retratar as escaramuças travadas pelos indígenas frente à exploração colonial financiada pelo Estado brasileiro da época, cujo objetivo seria conquistar pequenas frações de terras ainda pertencentes às populações originárias, e dizimá-las completamente num processo de branqueamento da população. Sobre este escopo, a obra de Carvalho também recria uma guerra particular: a da definição de si mesmo, declarada pela personagem de nome Pierre, índio guarani levado ainda criança para a Europa, que retorna ao Brasil na época de intensos conflitos em que brasileiros, argentinos, uruguaios e paraguaios morriam aos milhares, e os indígenas lutavam por uma terra onde pudessem viver novamente livres e em paz.

Antonio Di Benedetto, em *Zama*, romance argentino publicado em 1956, também está interessado nesse tipo de conflito. Nele, a batalha é travada contra a imposição ideológica do conquistador europeu, que incute forçosamente ao indivíduo americano elementos culturais alheios, e busca redefini-lo identitariamente de acordo com um projeto de poder em curso. O protagonista do romance, Diego de Zama, funcionário da Coroa espanhola na América conquistada, durante o século XVIII, representa este homem fragmentado, em conflito com a memória e constituído sistematicamente por um projeto de colonização. Longe de querer definir a si mesmo enquanto

latino-americano, Zama está mais preocupado em ser reconhecido pelos colonizadores espanhóis por uma coisa que não é: europeu. Ao invés de declarar sua condição de americano e reivindicar a ressonância das vozes que foram sufocadas violentamente durante a conquista espanhola, o protagonista prefere louvar os monumentos dos vencedores e sua burocracia incipiente de estrutura de poder. Através da negação de si mesmo e da crença numa divindade que impõe o silêncio aos povos conquistados, cujo vazio impede que o eco de suas vozes chegue ao presente, Zama pretende afirmar-se e ser reconhecido enquanto sujeito histórico. Ambientada também em um passado pouco explorado da América do Sul, *Zama* é um intento de recriar a história de povos mergulhados em um continente à deriva, marcado pela imposição do esquecimento e pela tentativa violenta de destruição e apagamento de memórias coletivas e diversificadas que nele coexistiam.

2 A MULTIPLICIDADE DE VOZES NA LITERATURA, NA HISTÓRIA E NO SUJEITO

Há algumas décadas, o “consagrado” cânone literário vem sendo questionado³ por, na maioria das vezes, dar ressonância apenas às camadas dominantes da sociedade e ocultar as vozes de outros grupos sociais que a compõem. Não raro, a literatura era evocada para narrar os grandes feitos político-sociais e as ações dos “notáveis” homens do segmento hegemônico. Não obstante, tais narrativas só foram dignas de ser narradas e perpetuadas porque assim foi convencionado, isto é, durante muito tempo houve (e, infelizmente, ainda há) no campo intelectual quem dissesse (ou diga) que isto ou aquilo era (ou é) prescindível ou imprescindível para o legado histórico e artístico da humanidade.

A partir da década de 60 do século XX, com o advento do pós-estruturalismo e do processo de desconstrução da metafísica ocidental, a teoria literária passou a considerar, em sua abordagem crítica, as múltiplas vozes que desejavam ser ouvidas, os ecos marginalizados, que até então não tinham mérito de serem estudados e registrados nos compêndios de literatura. A academia percebeu, então, que não havia mais como ignorar e negligenciar a representação poética destas outras subjetividades e identidades coletivas.

Nessa esteira de raciocínio, pode-se mencionar o pensamento de Mikhail Bakhtin que, em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (1963), denomina o que viria a ser conhecido como romance polifônico, ou seja, aquele tipo de narrativa que se preocupa em deixar impresso na literatura os diversos setores de uma sociedade que são representados por personagens não subordinados à voz do narrador. Estas, independentes, não ficam, por assim dizer, submissas às opiniões do escritor que lhes dá voz; suas consciências são representadas esteticamente de forma autônoma. Segundo Bakhtin:

A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski. Não é a multiplicidade de caracteres e destinos que, em um mundo objetivo uno, à luz da consciência uma do autor, se desenvolve nos seus romances; é precisamente a multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos que aqui se combinam numa unidade de acontecimento, mantendo a sua imiscibilidade. Dentro do plano artístico de

³ Nessa direção, são muito elucidativas as reflexões de Walter Mignolo, nos ensaios “Entre el canon y el corpus: alternativas para los estudios literarios y culturales en y sobre América Latina” (1991) e “La lengua, la letra, el territorio (o la crisis de los estudios literarios coloniales)” (1986).

Dostoiévski, suas personagens principais, são, em realidade, não apenas objetos do discurso do autor, mas os próprios sujeitos desse discurso diretamente significativo (BAKHTIN, 2008, p. 4-5).

Levando-se em consideração a citação acima, pode-se dizer que Dostoiévski trabalhava com um estilo de romance, o polifônico, cujo enredo é composto de personagens que possuem independência de fala em relação às opiniões do escritor. Esta é uma das características de seu texto literário que se contrapõe à prosa de sua época, preocupada em narrar a partir da ótica de um criador do discurso poético. Para Bakhtin, a multiplicidade desses discursos equipolentes é a base de uma narrativa em que os atores sociais retratados não estão mais sob o domínio total do autor, pois estes sujeitos, em vez de serem apenas peças de um tabuleiro que o escritor pode mover para modelar sua trama, manifestam-se como consciências independentes, que atuam significativamente na obra. É, por assim dizer, a inauguração de uma nova estética de romance, que recria um universo repleto de vozes que convergem e se contrapõem discursiva e ideologicamente, assim como o é no plano real das ações humanas.

Na trama polifônica, o autor traz à tona o entrelaçamento dos discursos através de uma relação dialógica, cujo embate se dá no campo ideológico. Diz Bakhtin:

Pode-se dizer que, para Dostoiévski, tudo na vida é diálogo, ou seja, contraposição dialógica... O romance polifônico é inteiramente dialógico. Há relações dialógicas entre todos os elementos da estrutura romanesca, ou seja, eles estão em oposição como contraponto

[...]

Dostoiévski teve a capacidade de auscultar relações dialógicas em toda a parte, em todas as manifestações da vida humana consciente e racional; para ele, onde começa a consciência começa o diálogo (BAKHTIN, 2008, p. 47 e 49).

A representação dostoiévskiana da realidade tinha por norte o confronto ideológico. Bakhtin foi o primeiro a notar que, nessa nova vertente do gênero romanesco, a relação entre as personagens era estabelecida de forma dialógica, isto é, em oposição discursiva. A polifonia de vozes que ecoavam em sua escrita estabelecia um diálogo conflitante, em que os elementos de cada discurso são ao mesmo tempo constituídos a partir da interlocução e da relação conflituosa. No romance polifônico, a consciência se estabelece a partir do diálogo com o outro e, desta relação dialógica, surge o contraponto, a oposição. Por isso é que não há de se falar em unicidade ideológica na trama polifônica, pois sua característica inovadora e peculiar é justamente a de demonstrar que, assim como na vida e em suas formas de representação, o entrecruzamento de vozes, como contraponto, é a base das relações humanas e da própria constituição da consciência do indivíduo.

No romance *O Rastro do Jaguar*, Murilo Carvalho insere em sua narrativa a participação das camadas sociais excluídas pela história oficial e pela literatura canônica na constituição política e identitária do Brasil enquanto estado-nação. Traz para dentro do contexto histórico de seu enredo as vozes dos negros, índios, pobres e outros excluídos e faz delas elementos primordiais da narrativa, que antes eram relegadas ao esquecimento pela historiografia hegemônica da nação. Desta feita, essas vozes minoritárias são o contraponto à versão oficial histórica que, além de tentar apagá-las definitivamente da constituição identitária, cultural e política do país, faz delas ressonâncias embaciadas por um acatamento e por uma passividade diante do projeto de nação encaçado pelo império brasileiro. Em vez de retratá-las como pertencentes a sujeitos passivos, que aceitavam a cultura do homem branco e “civilizado” de modo indolente, o autor as invoca para que se reconheça – por meio de um exercício de alteridade – o seu papel decisivo e importante na

constituição dos recentes estados-nações sul-americanos. A representação do negro e, principalmente, do indígena, é ativa e versa sobre a participação de ambos os grupos sociais nos conflitos que ocorreram na América do Sul durante o século XIX. Suas representações e vozes são um contraponto aos discursos das camadas privilegiadas das nações do continente, que pretenderam homogeneizar ideologicamente a narrativa histórica e torná-la uma verdade incontestável, imparcial e absoluta.

Inserida por meio de cartas, a voz de Pierre se faz ouvir e dá também amplitude a todas as outras vozes indígenas, que o discurso dominante tentou ideologicamente ocultar e destruir. Nas missivas, a versão do branco conquistador (de que os índios eram seres que aceitavam sua cultura e dominação sem resistência) é posta em xeque com a descrição que Pierre faz da formação dos guerreiros guaranis e de suas táticas de preservação:

A guerra, nos disse Ñezú, é parte da nossa imperfeição; os guerreiros guaranis são, na verdade, forjados pelo desconhecimento que outras nações têm dos preceitos de Ñamandu. Defender-se não é guerrear; quando somos atacados, precisamos nos preservar, pois a vida, como dom de Ñamandu, é cara demais e muito rara. Por isso nos formamos guerreiros: para nos preservar. O verdadeiro guerreiro de Ñamandu não busca inimigos, mas tem que ser forte e esperto em suas táticas para preservar seu povo. As guerras nos ensinam uma só lição: toda guerra é desgraça; é dor; é o domínio das trevas (CARVALHO, 2009, p. 368).

A altivez dos índios guaranis pode ser lida na narrativa de *O Rastro do Jaguar* como uma oposição ao discurso muitas vezes disseminado de que o indígena é um ser indolente, que nada faz para preservar sua cultura e o seu território.⁴ Muito utilizada pelas vozes das classes dominantes e pela história oficial, para legitimar a conquista da subjetividade e das terras indígenas, essa visão sobre os povos originários da América do Sul é rebatida pela versão que Murilo Carvalho insere no romance através das cartas de Pierre. Vê-se claramente no fragmento destacado acima, que os índios não buscavam guerrear para conquistar, mas aceitavam a guerra como consequência. Em outra passagem – narrada por Pereira, personagem de origem portuguesa, grande amigo de Pierre e que veio ao Brasil para acompanhá-lo –, a voz narrativa, mais uma vez, trata de salientar a ideia de que os indígenas não aderiram pacificamente ao domínio do “civilizado” império brasileiro, visto que houve oposição por parte dos povos originários, até mesmo de forma violenta:

Hesitei; não sabia se deveria atirar. Os dois guaranis levantaram-se e fizeram fogo; não acertaram, os homens continuaram correndo, agora em zigue-zague, tentando chegar à borda da floresta, onde encontrariam proteção entre as árvores. Também comecei a atirar, era difícil acertar um vulto ziguezagueando na escuridão; um dos homens tombou, ferido pelos nossos tiros, mas o outro já penetrara na floresta. Um dos guaranis correu sobre o homem caído e vi quando o degolou com dois golpes lentos de faca (CARVALHO, 2009, p. 440).

Este excerto trata de uma cena de conflito entre os índios guaranis e os colonos do império brasileiro pelas terras do vale do Iguariacá, no sul do Brasil. Mais uma vez é retratada a resistência

⁴ Nesse sentido, Francisco Adolfo de Varnhagen, o historiador oficial do império brasileiro, desqualificava os povos originários: “essas gentes vagabundas que [...] povoaram o terreno que hoje é do Brasil, eram pela maior parte verdadeiras emanções de uma só raça ou grande nação; isto é, procediam de uma origem comum, e falavam dialetos da mesma língua, que os primeiros colonos do Brasil chamaram geral”; “nos selvagens, não existe o sublime desvelo, que chamamos patriotismo, que não é tanto o apego a um pedaço de terra ou bairrismo, que nem sequer eles como nômades tinham bairro seu, como um sentimento elevado que nos impele a sacrificar o bem-estar e até a existência pelos compatriotas, ou pela glória da pátria” (VARNHAGEN, 1975, p. 15 e 24).

índigena frente à colonização de suas terras, o que serve novamente para (no âmbito do entrelace dialógico discursivo) contrapor a ideologia dominante e oficial da história, que cristalizou o discurso de que os índios eram seres passivos, incapazes, ociosos⁵ e que aceitaram a cultura do homem branco sem resistência. Vale salientar que, nesse trecho, a representação do indígena é narrada por um personagem que não é índio; Pereira, personagem que descreve esta cena, é de origem europeia; no entanto, isso não o impede de narrar as peripécias daqueles que são marginalizados e de denunciar as atrocidades cometidas pelo império contra as populações indígenas brasileiras; em suma, mesmo que não seja, neste caso, propriamente o índio quem diga, sua voz está representada na trama por outra voz irmanada que a ecoa.

Retrato semelhante da resistência indígena frente às conquistas cultural e territorial perpetradas pelo europeu na América do Sul é feito no romance *Zama*, de Antonio Di Benedetto. A imagem do silvícola cativo, indolente,⁶ que aceita a cultura do homem branco e a espoliação de seus bens de modo pacífico, é rejeitada pela representação dos índios como guerreiros, que revidam e repelem com violência a presença do invasor nos bosques americanos. Em um dado trecho do romance, o personagem-protagonista Zama, em companhia de uma comitiva que perseguia um bandoleiro chamado de Vicuña Porto, se defronta com uma tribo de índios Mbayas, e o contato se dá de modo violento:

Creo que la noche, puesta a favor de los indígenas, se descargó en pocos momentos. Sólo se veían, a distancia, las móviles llamaradas de los fogones. El ulular nos golpeó de repente. Un rato antes yo había enganchado el trabuco en bandolera y no acerté a recordarlo. Estaba desarmado cuando percibí que los alaridos se volvían una masa próxima, flotante y continua, como una cinta en derredor de nuestro grupo. Nada percibí entre los nuestros, ningún sonido. Todo venía de afuera. Pero el cuerpo múltiple que formábamos con soldados, caballos y vacas tendió a reventar y yo, que estaba en un extremo, me sentía impulsado a ese muro envolvente y atronador. Cesó. Los indios se retiraron. Entonces fue el tiempo de escuchar los gritos de dolor, las llamadas de socorro revueltas con los relinchos y mugidos que exhalaban las pobres bestias espantadas o heridas tapando por momentos las voces humanas. Los indígenas se habían replegado, presumi yo, preparando otra embestida (DI BENEDETTO, 2016, p. 203-204).

Tendo em vista esta resistência indígena contra o conquistador e tudo o que ela representava, retratada tanto pela narrativa de Di Benedetto quanto pela de Carvalho, é possível ao leitor revisitar o passado e dar a este uma maior amplitude e, por isso mesmo, mais justa, sobre o papel ativo dos povos originários na resistência ao processo de colonização, cuja historiografia tradicional⁷ reiteradamente tratou de atenuar ao retratar o índio de uma maneira estereotipada e enviesada.

Após serem capturados pelos indígenas, Zama e a comitiva assistem com temor a um ritual Mbayas, depois da vitória destes contra aqueles; este episódio vem contrapor, mais uma vez, a

⁵ Segundo o escritor e político argentino Domingo Faustino Sarmiento, que foi presidente de seu país durante o período de 1868-1874, “mucho debe haber contribuido a producir este resultado desgraciado la incorporación de indígenas que hizo la colonización. Las razas americanas viven en la ociosidad, y se muestran incapaces [...] para dedicarse a un trabajo duro y seguido” (SARMIENTO, 1999, p. 28).

⁶ De acordo com Varnhagen, os indígenas eram “povos entorpecidos pela incúria, a preguiça e o ilhamento” (VARNHAGEN, 1975, p. 680).

⁷ Como a representada por Francisco Adolfo de Varnhagen, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), autor de *História Geral do Brasil*, obra publicada em dois volumes (1854-1857); e pelo argentino Domingo Faustino Sarmiento, autor da biografia *Facundo - Civilización y Barbarie: Vida de Juan Facundo Quiroga* (1845).

história oficial e a literatura canônica indianista, apresentando uma imagem do espírito guerreiro, de luta e valentia do indígena na América do Sul:

No era una fiesta, sino pelea. Pero como una batalla pensada y ritual. Llegamos a los toldos sin anunciarnos ni ser recibidos de manera especial. Nos incorporamos a los espectadores: niños, mujeres, ancianos, sentados en el suelo sin mostrar inquietud, pasión ni compasión. Procuré discernir esa función bárbara. Los indios se golpeaban unos a otros, en batalla de puñetazos que no eximía al parecer, a ningún mayor ni adolescente. De momento no pude creer en la eficacia de los golpes: no admitía mi entendimiento que, en cuanto nos hubieron batido, se produjo entre ellos la discordia. Pero vi narices sangrantes, labios partidos, ojos estropeados. Uno de ellos se detuvo, terminó de aflojar un diente, lo arrojó al suelo y buscó adversario, con el que en seguida estaba nuevamente en pérdida (DI BENEDETTO, 2016, p. 205).

Cíntia Paula Andrade de Carvalho, em seu estudo “A narrativa híbrida de *O Rastro do Jaguar*: a representação dos índios da América do Sul revisitada no romance histórico contemporâneo”, fala sobre um efeito de contraponto e ruptura com o discurso oficial histórico, causado pela representação de vozes pertencentes às minorias, outrora indignas de serem foco narrativo das obras consideradas clássicas da literatura ocidental; vale transcrever aqui o que pensa a autora sobre o referido tema:

O romance *O Rastro do Jaguar* (2009), do jornalista mineiro Murilo Carvalho, configura-se como um significativo projeto de reinterpretação de fatos históricos. Vencedor do Prêmio Leya, em 2008, o livro é um convite a uma viagem literária e histórica de valorização à alteridade, na medida em que revisita a representação do índio, no que diz respeito à sua participação na Guerra do Paraguai e em outros conflitos na América do Sul do século XIX. Acompanhá-lo nessa viagem, implica refletir sobre a tendência de escrita literária de ruptura das narrativas hegemônicas e, ao mesmo tempo, de reivindicação da tomada da palavra por parte das minorias para uma representação da diferença cultural. Afinal, a trama romanesca promove não apenas o diálogo entre ficção e história, mas também um mergulho nas motivações humanas e na reflexão acerca das questões identitárias (CARVALHO, 2011, p. 1).

A ruptura proposta por Murilo Carvalho é semelhante à analisada por Bakhtin nos romances de Dostoiévski, tendo em vista que o texto literário de ambos os escritores possibilita romper com uma visão discursiva que se pretenda hegemônica; as vozes de ambos os autores são quase sobrepostas pelas de seus personagens, múltiplos e ideologicamente independentes. Percebe-se que em *O Rastro do Jaguar*, além de salientar esse conflito dialógico, estabelecido entre a história oficial e as camadas sociais marginalizadas, Murilo Carvalho pretende também dar enfoque aos problemas oriundos desses embates nas questões identitárias nacionais dos recentes constituídos estados-nações sul-americanos. Nesse viés, é possível fazer uma relação com a perspectiva teórico-crítica de Bakhtin, a qual vislumbra que a consciência começa com o diálogo, sendo possível dizer que, nesse sentido, a consciência coletiva, abarcadora da identidade nacional, também emerge desse embate discursivo ideológico, de modo a problematizar a historiografia tradicional, a qual pretende homogeneizar povos e camadas sociais distintas.

Do mesmo modo, Antonio Di Benedetto, em seu romance *Zama*, fragiliza a ideia de que a história e a constituição de uma identidade nacional se encontram sedimentadas sobre uma base unitária e homogênea. Os personagens inseridos na trama são representações distintas às tão almejadas de serem imortalizadas pela história oficial, cujo interesse está estritamente dirigido aos heróis pri-

vilegiados e às nações poderosas. Ao contrário, em *Zama*, trata-se da história de sujeitos marginalizados pela historiografia clássica, pois à vista desta, estes são homens insignificantes, renegados e deixados à deriva, como o macaco morto que Diego de Zama observa no início do romance:

Salí de la ciudad, ribera abajo, al encuentro solitario del barco que aguardaba, sin saber cuándo vendría. Llegué hasta el muelle viejo, esa construcción inexplicable, puesto que la ciudad y su puerto siempre estuvieron donde están, un cuarto de legua arriba. Entreverada entre sus palos, se maneja la porción de agua del río que entre ellos recae. Con su pequeña ola y sus remolinos, sin salida, iba y venía, con precisión, un mono muerto, todavía completo y no descompuesto. El agua, ante el bosque, fue siempre una invitación al viaje, que el no hizo hasta no ser mono, sino cadáver de mono. El agua quería llevárselo y lo llevaba, pero se le enredó entre los palos del muelle decrepito y ahí estaba él, por irse y no, y ahí estábamos. Ahí estábamos, por irnos y no (DI BENEDETTO, 2016, p. 17).

Os personagens de *Zama* são seres que não podem se agarrar a um destino certo, pois estão rodeados por um porvir de incertezas. O mundo ao qual se encontram ligados é perigoso, tanto pela existência do risco de contágio de doenças mortais, quanto pela falta de tutela governamental, visto que as leis não eram respeitadas pela coroa, e suas promessas de bonança desapareciam num átimo de segundo. Sendo assim, Di Benedetto, ao invés de dirigir seu enfoque aos poderosos, como assim o recomenda a história dos vencedores, prefere se preocupar em dar vida a personagens vencidos, deixados à deriva, levados pelos fluxos da história tradicional que os impelem ao esquecimento. O macaco morto é a própria representação dos seres humanos indignos de terem seus nomes transcritos nos anais do tempo, aliás, é mais do que isso, visto que, em realidade, representa toda uma gama de acontecimentos menores, repletos de detalhes, isto é, de fatos do cotidiano deixados à deriva pela história oficial.

Conforme expressado anteriormente, o conceito de polifonia proposto por Bakhtin é uma alternativa à ideia de unicidade discursiva na narrativa, que pretende uniformizar o discurso. Levado ao campo da narrativa da história, que também se constrói sob uma perspectiva discursiva, pode-se analogamente dizer que o discurso historiográfico só tem a possibilidade de se tornar representativo na medida em que inserir, em seu bojo, uma pluralidade de vozes até então negadas pela prática cristalizada do texto histórico oficial, supostamente dotado de pureza e de veracidade. Uma essência, ou seja, uma verdade pura e imutável, nega o descontínuo, a divisão, a dramatização e a multiplicação do discurso. Nesse percurso de reflexão, Michel Foucault afirma que: “A história será ‘efetiva’ na medida em que introduza o descontínuo em nosso mesmo ser. Dividirá nossos sentimentos; dramatizará nossos instintos; multiplicará nosso corpo, e irá se opor a ele mesmo” (FOUCAULT, 1984, p. 18).

É perceptível no pensamento foucaultiano o repúdio a toda ideia de pureza discursiva centrada sobre si mesma. Quanto maior o número de lacunas, e de vozes preocupadas em preenchê-las, mais perto se estará de se construir uma história plural e multifacetada. Deste modo, repele-se a ideia de voz una e objetiva na história, e, por conseguinte, o discurso oficial desta, trazendo para o debate o confronto ideológico oriundo do embate discursivo polifônico. No romance *Zama*, história e sujeito encontram-se imbricados em razão da impossibilidade de possuírem uma origem única, o que quer dizer que ambos são compostos de vozes carregadas de forças discursivas que se atraem e se repelem. Mauro Enrico Caponi diz o seguinte acerca dessa relação entre sujeito e história abordada no presente estudo:

Fica ainda mais evidente neste momento a relação que buscamos fazer entre sujeito e história. O romance *Zama* é composto por lacunas esquecidas pela his-

tória tradicional, pois o protagonista quebra qualquer tipo de estereótipo, não se identificando totalmente americano nem totalmente espanhol, ao mesmo tempo, a ambientação do romance ilustra um momento de transição e transformação da sociedade. O protagonista torna-se um *oxímaron*, uma contradição dentro de sua dupla identidade. Esta reflexão sobre o caráter da história não se refere a uma busca de uma origem (em alemão *Ursprung*) ou uma essência... Este tipo de observação do passado considera o homem como um sujeito mutável e insuficientemente fixo para compreender-se plenamente a si mesmo e aos outros (CAPONI, 2017, p. 347).

Este confronto, fruto da dupla identidade do protagonista Diego de Zama, é o que nos permite entrecruzar um complexo emaranhado de discursos ideológicos que constituem o sujeito e a história. Analisando a identidade fragmentada do protagonista, é possível fazer uma investigação sobre a construção da identidade multifacetada do sujeito e apontar este mesmo emaranhamento no campo da história e da literatura, composta de vozes que se relacionam, contradizem, se enfrentam e também se completam. Zama (sujeito), assim como a história e a literatura, é uma representação pura do dialogismo repleto de oposições e contrapontos. Ao desconstruir a essência pura identitária do sujeito, desconstrói-se também a pureza e homogeneidade daquilo que constituiu sua consciência, ou seja, o seu passado e o meio cultural no qual se encontrava submerso. Sendo assim, Zama é um indivíduo constituído de várias essências, incapaz de fixar-se como sujeito em qualquer polo, e em decorrência, incapaz também de classificar o seu semelhante em uma posição imutável. Vale transcrever abaixo uma passagem do romance em que fica evidente (à luz da própria consciência do narrador) a fragmentação e o caráter multifacetado de sua identidade:

¡El doctor don Diego de Zama!... El enérgico, el ejecutivo, el pacificador de indios, el que hizo justicia sin emplear la espada. Zama, el que dominó la rebelión indígena sin gasto de sangre española, ganó honores del monarca y respeto de los vencidos. No era ése el Zama de las funciones sin sorpresas ni riesgos. Zama el corregidor desconocía con presunción al Zama asesor letrado, mientras éste se esforzaba por mostrar, más que un parentesco, cierta absoluta identidad que aducía (DI BENEDETTO, 2016, p. 26).

Neste excerto, percebe-se que a narrativa está tratando de dois Zamas distintos. Essa dupla identidade é bem elucidada quando Zama, em terceira pessoa, fala de si mesmo. Em outras passagens do romance ele parece que ora transita pela matriz americana, ora, pela matriz espanhola, não podendo fixar-se em nenhuma delas; no fragmento transcrito acima, apresenta-se uma imagem de um Diego de Zama fragmentado em virtude da burocracia incipiente da corte espanhola e do cargo que ele ocupa nela. Drama quase kafkaniano, no qual a burocracia estatal (império espanhol) fragmenta a identidade do sujeito pela função que ele desempenha na engrenagem do sistema (ao mesmo tempo corregedor e assessor letrado), o personagem Zama é a representação da impossibilidade de uma essência pura e verdadeira da consciência humana e daquilo que a constitui (mundo simbólico da linguagem e da história).

Já no caso de Pierre, em *O Rastro do Jaguar*, índio Guarani levado ainda criança para a Europa, a fragmentação de sua identidade é fruto do embate entre duas culturas acentuatamente díspares. É do dialogismo conflitante delas que resulta a fluidez de sua identidade. A guerra é travada pela própria personagem na busca pela definição de si mesmo; sendo o reencontro com sua cultura ancestral, parte determinante para definir de qual lado Pierre irá se fixar. Todavia, ao longo do romance, fica claro o ceticismo quanto à possibilidade de um “eu” individual, constituído pelo dialogismo conflitante de culturas dessemelhantes, optar apenas por um universo cultural, já

que a constituição da consciência, neste caso, é oriunda justamente das múltiplas enunciações culturais de ambos os lados. O trecho a seguir evidencia a dúvida que se mostra latente nas interrogações feitas pelo narrador personagem:

Pierre talvez deixasse para sempre sua identidade, uma identidade que para ele já pouco significava, descobriria outra? Pierre não era um índio guarani apenas porque em suas veias corria o sangue guarani; existia enorme distância entre o mundo que conhecera até então e o mundo dos homens silenciosos das serras e dos campos, haveria uma ponte a ligar esses universos? E ele seria capaz de cruzá-la? (CARVALHO, 2009, p. 254)

Tanto Zama quanto Pierre são sujeitos portadores de uma identidade insuficientemente fixa, porque ambas as personagens flutuam entre mundos culturalmente distintos. Fruto do embate ideológico, as personagens abarcam o universo do colonizador e do colonizado, motivo pelo qual suas identidades são compostas de enunciações distintas e de vozes por vezes conflitantes, que ora se negam e contradizem, ora se aproximam e se complementam.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise das considerações bakhtinianas sobre as características do romance polifônico nas obras de Dostoiévski, cuja voz una e homogênea de um narrador onisciente é substituída por uma multiplicidade de vozes autônomas e independentes, que buscam na relação dialógica contrapontos divergentes e consonantes, salientou-se a importância desta polifonia para a valorização e a reivindicação de vozes minoritárias, que a literatura canônica e a história oficial tratam, muitas vezes, de negar. Duas obras foram então apreciadas: *O Rastro do Jaguar* e *Zama*. Nelas, a matriz indígena sul-americana é representada de forma atuante e ativa na constituição identitária e cultural das nações do continente; ambos os autores também deram enfoque, em seus respectivos textos, ao caráter combatente dos índios americanos frente aos planos “civilizatórios” do império brasileiro e da Coroa espanhola, oferecendo, portanto, um contraponto às narrativas (literárias e historiográficas) hegemônicas, que retrataram as populações nativas da América do Sul como sendo passivas e indolentes.

Por fim, foi feito também um entrelaçamento entre sujeito e história, analisando os personagens Zama e Pierre, de ambos os romances pesquisados, e chegando-se à ideia de que suas identidades fragmentadas e multifacetadas são frutos justamente do embate ideológico e cultural de universos distintos, compostos de vozes que, ao mesmo tempo em que se contradizem e se afastam, se aproximam e se afirmam.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CARVALHO, Cíntia Paula Andrade de. A Narrativa Híbrida de *O Rastro do Jaguar*: a representação dos índios da América do sul revisitada no romance histórico contemporâneo. In: XII Congresso

Internacional da ABRALIC, 2011, Curitiba, PR. *Anais* (online). Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0946-1.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

CARVALHO, Murilo. *O Rastro do Jaguar*. São Paulo: Leya, 2009.

CAPONI, Mauro Enrico. *A fragmentação da identidade em Zama: uma leitura genealógica*. Dissertação (Mestrado em Literatura) – UFSC. Florianópolis, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/132481>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

DI BENEDETTO, Antonio. *Zama*. Buenos Aires: Editora Adriana Hidalgo, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

MIGNOLO, Walter. La lengua, la letra, el territorio (o la crisis de los estudios literarios coloniales”). *Dispositio*, vol. XI, n. 28-29, 1986.

MIGNOLO, Walter. Entre el canon y el corpus: alternativas para los estudios literarios y culturales en y sobre América Latina. *Nuevo Texto Crítico*, Stanford University, 1991.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo*. Buenos Aires: Losada, 1999.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História geral do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1975.



ORAÇÕES COMPLETIVAS E COMPLETIVAS DESGARRADAS: COMPORTAMENTO PROSÓDICO

COMPLEMENTED CLAUSE AND UNATTACHED COMPLEMENTED CLAUSE: THE PROSODIC BEHAVIOR.

Violeta Virginia Rodrigues ¹
 Adriana Cristina Lopes Gonçalves Mallmann ²

RESUMO

Entendemos por *desgarramento* o fenômeno pelo qual uma cláusula, que constitui uma unidade informacional, pode ocorrer solta sintaticamente de outra e, mesmo assim, apresentar um comportamento funcional-discursivo. No que tange especificamente às completivas *desgarradas*, além do caso apontado por Decat (1993, 2011), Silvestre e Rodrigues (2017) defendem que estas, mesmo não estando em sequenciação parafrástica, reiterando ou repetindo estruturas sintáticas que ocorreram antes na cadeia discursiva, podem se *desgarrar*. Nesse sentido, as autoras apresentam uma ampliação da descrição proposta por Decat (1993; 2011). Neste artigo, portanto, com o objetivo de reforçar a proposta de Silvestre e Rodrigues (2017), mostramos a análise prosódica de três cláusulas completivas *desgarradas* e três cláusulas completivas não *desgarradas*, adaptadas de um *corpus* constituído por postagens da rede social *Facebook*, a fim de identificar o movimento melódico nestas cláusulas. Para tanto, conjugamos os pressupostos teóricos funcionalistas à análise da fonética acústica.

Palavras-chave: Funcionalismo. *Desgarramento*. Completivas.

ABSTRACT

We understand by unattached clause the phenomenon by which a clause, which constitutes an informational unit, can occur syntactically loose from another and, nevertheless, exhibit a functional-discursive behavior. With regard specifically to the unattached complemented clause, besides the Decat study (1993; 2011), Silvestre and Rodrigues (2017) argue that, even though they are not in paraphrastic sequencing, repeating or repeating syntactic structures that occurred before in the

¹ Professor associado IV da UFRJ, integrando o quadro de docentes permanentes do Departamento de Letras Vernáculas - Setor de Língua Portuguesa, atuando nos cursos de graduação e no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ.

² Doutoranda em Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, com bolsa de doutorado pelo programa Capes/UFRJ.

discursive chain, they may be torn apart. In this sense, the authors present an extension of the description proposed by Decat (1993; 2011). In this article, therefore, with the purpose of reinforcing the proposal of Silvestre and Rodrigues (2017), we show the prosodic analysis of three complemented clause and three unattached complemented clause by a corpus consisting of posts of the social network Facebook, in order to identify the melodic movement in these clauses. For that, we combine the functionalist theoretical assumptions with the acoustic phonetics analysis.

Keywords: *Functionalism. Unattached clause. Complemented clause.*

INTRODUÇÃO

A tradição gramatical adota o critério morfossintático para rotular as orações subordinadas substantivas como aquelas que exercem as funções sintáticas que o substantivo pode exercer e as conjunções que as introduzem são denominadas de integrantes. O quadro teórico gerativista, por sua vez, adota critérios sintático-semânticos para classificá-las como argumentais, como aquelas que exercem as funções sintáticas de seus argumentos e que são introduzidas por complementizador/complementador e são denominadas de completivas. Na proposta funcionalista, as completivas são consideradas estruturas de subordinação, já que se encaixam em um constituinte de outra, estabelecendo com esta uma integração sintático-semântica.

Na postagem a seguir, identificamos uma completiva “que o seu domingo seja alegre e divertido” cujo predicador é “desejo”, portanto, encaixada neste constituinte verbal.

Figura 1

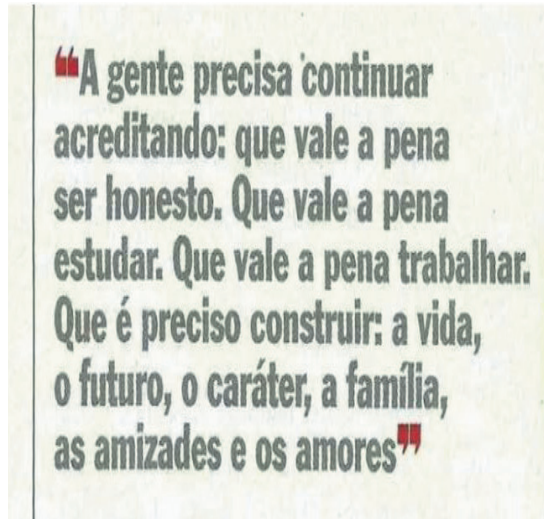


Fonte: própria *timeline* do Facebook

No português em uso atualmente, no entanto, tem se identificado casos de orações que têm forma de uma subordinada como a mostrada na Figura 1, mas que não se vinculam sintaticamente a nenhum constituinte anteriormente expresso, fenômeno denominado de *desgarramento* (cf. DECAT, 1993; 2011).

Decat (2011, p. 42) afirma que as cláusulas mais encaixadas, as completivas, só se *desgarram* quando formam uma sequenciação parafrástica, reiterando ou repetindo estruturas sintáticas que ocorreram antes na cadeia discursiva, contribuindo para enfatizá-las e visando a objetivos comunicativo-interacionais, conforme identificamos na postagem a seguir.

Figura 2



Fonte: própria *timeline* do Facebook

Na postagem antes reproduzida, há uma completiva “que vale a pena ser honesto” encaixada no constituinte “acreditando”, seguida de três completivas *desgarradas* “que vale a pena estudar”, “que vale a pena trabalhar” e “que é preciso construir: a vida, o futuro, o caráter, a família, as amizades e os amores”, formando uma enumeração. Segundo a proposta de Decat (2011), são cláusulas *desgarradas* porque ocorrem isoladas como enunciado independente, sem vínculo com a oração matriz e isto se evidencia pelo uso do ponto final que separa umas das outras. Por meio do isolamento pela pontuação de orações que comporiam um único período composto, o escrevente não só modifica a estrutura sintática do período como também seu sentido.

Rodrigues (2019) acrescenta ao âmbito das completivas *desgarradas* de Decat (2011), como visto antes na Figura 2, casos como o que se segue, em que não há uma completiva não *desgarrada* e em sequência parafrástica uma completiva *desgarrada*.

Figura 3



Fonte: própria *timeline* do Facebook

Na postagem antes reproduzida, há o verbo “permitir” e a *desgarrada* “que a sua noite seja tranquila e abençoada...” que se separa desse constituinte por meio das reticências, formando outra unidade linguística. Portanto, a completiva *desgarrada* não ocorreu antes em uma sequenciação parafrástica. Vale frisar que casos como esse são menos frequentes; os mais recorrentes são de exemplos como o que se segue:

Figura 4



Fonte: própria *timeline* do Facebook

Assim, pretendemos com este artigo, não só analisar dados como esses e complementar a descrição das completivas *desgarradas* em relação ao que propôs Decat (2011), mas também dar a estas estruturas um tratamento prosódico. Portanto, acreditamos que há casos em que, por motivação discursiva, algumas orações completivas ocorrem como unidades de informação à parte. Segundo Chafe (1980), unidades de informação são jatos de linguagem que contêm toda a informação que pode ser ‘manipulada’ pelo falante num único foco de consciência. Outro exemplo que bem ilustra isso é o que se segue:

Figura 5



Fonte: própria *timeline* do Facebook

A análise de dados retirados do *Facebook* como os mostrados anteriormente seguirá a proposta funcionalista que parte do pressuposto de que a língua não é autônoma e de que o uso ajuda a definir a sua estrutura. Levando-se em conta que o *desgarramento* é um fenômeno linguístico, conforme postulado por Decat (1993), acreditamos que seu uso está a serviço da argumentação e que o uso não convencional da pontuação é um de seus índices na língua escrita. Acreditamos, ainda, com base em Bakhtin (2013, p. 7), que “as formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve sempre em conta seu significado estilístico. Quando isolada dos aspectos semânticos e estilísticos da língua, a gramática inevitavelmente degenera em escolaticismo”.

O *corpus* preliminar se constitui de 65 postagens (sessenta e cinco) do *Facebook* compostas por diferentes tipos de cláusulas: cláusulas completivas e completivas *desgarradas*, cláusulas hipotáticas relativas e hipotáticas relativas *desgarradas*, cláusulas hipotáticas circunstanciais e hipotáticas circunstanciais *desgarradas*. Embora tenham sido coletados dados destes tipos de cláusulas, o foco principal deste trabalho são as cláusulas completivas e completivas *desgarradas*, já que pretendemos verificar se as completivas e as completivas *desgarradas* apresentam comportamento diferenciado em relação ao fator prosódico denominado contorno melódico.

No que se refere ao *desgarramento*, além dos trabalhos de Decat (1993; 2011), utilizaremos também Chafe (1980), Rodrigues (2019) e Silvestre e Rodrigues (2014; 2017); sobre questões relativas à pontuação, utilizaremos os estudos de Ford (1980), Tenani (2008), Soncin e Tenani (2010); sobre os aspectos prosódicos adotaremos Moraes (1998) e Nespor (2010).

Além desta introdução, apresentamos neste estudo os pressupostos teóricos, a descrição do *corpus*, a análise dos dados e os resultados.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

As estruturas mais recorrentes em nosso *corpus* são, segundo Góis (1943, p 65-66), denominadas, quanto ao sentido, optativas, já que são orações que exprimem votos, têm verbo no subjuntivo, vêm regidas de conjunção expletiva “que” e permitem a elipse do verbo “desejar”, conforme já atestado por Rodrigues (2019).

Silvestre e Rodrigues (2014), aos estudarem as comparativas, além da diferença em relação ao tom que antecede as cláusulas *desgarradas*, verificaram ser categórica, em seus dados, a existência de pausa entre a cláusula núcleo e a cláusula *desgarrada*, fato não observado nos sintagmas entoacionais (Is) em que não há *desgarramento*.

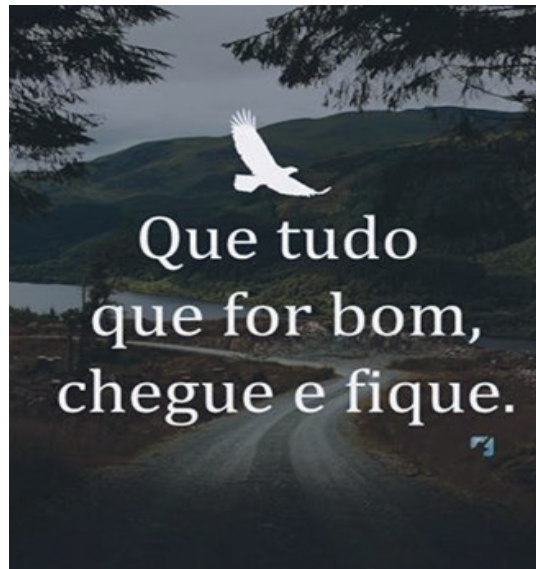
Pela configuração tonal, segundo elas, pode-se postular que a cláusula *desgarrada* constitui um I à parte e essa verificação corrobora a afirmação de Decat (1993), em referência a Chafe (1980), sobre o fato de as cláusulas *desgarradas* formarem uma unidade de informação à parte e serem identificáveis pela entoação ou pela pausa, ainda que breve, que as separa de outra.

Cunha e Cintra (1985, p. 632), ao abordarem o uso dos sinais de pontuação, afirmam que:

O PONTO tem sido utilizado pelos escritores modernos onde os antigos poriam PONTO-E-VÍRGULA, ou mesmo VÍRGULA. Trata-se de um eficiente recurso estilístico, quando usado adequada e sobriamente. Com a segmentação de períodos compostos em orações absolutas, ou com a transformação de termos destas em novas orações, obriga-se o leitor a ampliar as pausas entre os grupos fônicos de determinado texto, com o que lhe modifica a entoação e, conseqüentemente, o próprio sentido. As orações assim criadas adquirem um realce particular: ganham em afetividade e, não raro, passam a insinuar ideias e sentimentos, inexprimíveis numa pontuação normal e lógica.

Acerca da dicotomia espontaneidade e expressividade do período composto, Bakhtin (2013) aponta o conceito de dramatismo, que consiste em estudar estruturas sintáticas que fogem à organização tradicional do período, garantindo um caráter mais espontâneo à língua e, conseqüentemente, um traço mais dialógico. Acreditamos, portanto, que as completivas *desgarradas* podem ser um exemplo de procedimento de dramatização, tendo em vista que as orações empregadas no gênero textual analisado pressupõem estruturas associadas ao campo semântico do *desejo*, como, por exemplo, a postagem apresentada a seguir em que há a informação [Eu desejo] implícita na oração [que tudo que for bom, chegue e fique], porém, a ausência da primeira oração garante a segunda um caráter mais interativo e expressivo.

Figura 6



Fonte: própria *timeline* do Facebook

Além disso, é importante ressaltar a influência do contexto de circulação e do conteúdo implícito ao estilo do gênero textual postagem. Embora haja diversos tipos de postagens, a abordada neste trabalho possui conteúdo temático associado ao gênero autoajuda – aquele que tem como propósito motivar ou ajudar as pessoas a lidarem com problemas cotidianos. Assim, o propósito comunicativo e o contexto de circulação digital favorecem o uso de estruturas mais simples do ponto de vista sintático, porém mais expressivas do ponto de vista semântico e interacional.

Outro aspecto relevante, no que tange às postagens em análise, é o conceito de multimodalidade inerente a esse gênero. A multimodalidade, conceito proveniente da Linguística Textual, utiliza-se de recursos linguísticos e semióticos, como a escrita, a imagem, a fonte, a tabulação, o som, a entoação, os ângulos, o jogo de luzes, as cores, só para citar alguns, combinados para criar sentidos ou ainda para potencializar as possíveis interpretações dos leitores. Portanto, o que determina que um texto seja multimodal são as múltiplas possibilidades de combinação de um signo com outro. Essas combinações possibilitam as diferentes leituras e inferências que um indivíduo poderá realizar ou perceber. Assim, Dionísio, Vasconcelos e Souza (2014, p. 55) salientam que “a imbricação desses vários modos semióticos compõe um novo discurso, no qual a imagem se funde com o verbal e constrói novos sentidos discursivos”.

Assim, no exemplo 5, nota-se que a cláusula completiva *desgarrada* “Que tudo que for bom, chegue e fique” em conjunto com as imagens do pássaro, que é o símbolo da liberdade, e a estrada, que remete à ideia de mudança, promove a criação de um novo significado e um direcionamento da palavra “tudo”, que passa a se referir à ideia de novos rumos e desafios.

Desse modo, embora o recurso semiótico, mais especificamente a imagem de fundo, pareça estar pouco relacionada ao recurso linguístico, que é a oração completiva *desgarrada*, a associação da imagem com a linguagem verbal proporciona ao leitor a ideia de escapismo. Por isso, a imagem de fundo costuma ser uma paisagem ao ar livre ou um objeto e/ou personagem que estejam pouco associados à rotina das pessoas.

É importante ressaltar que a multimodalidade é uma das características encontradas no *site Facebook*, que é um espaço híbrido em que se mesclam características da interação verbal e não verbal. Segundo Araújo e Leffa (2016, p. 62):

no Facebook, as possibilidades criadoras são ainda maiores, uma vez que esta rede social possibilita a mobilização de diferentes modos semióticos na constituição das postagens, que vão desde a escrita, passando por imagens, áudio e vídeos. Contudo, é relevante destacar que a multiplicidade de modos semióticos só é garantia de mais possibilidades criadoras caso os utentes possuam letramentos compatíveis com as diversas linguagens utilizadas (edição de vídeo, áudio, elaboração de formas gráficas...).

Desse modo, acreditamos que as completivas *desgarradas* são estruturas mais expressivas, tendo em vista a ausência da oração matriz, fato que possibilita uma interatividade maior com o leitor. Além disso, a expressividade dos exemplos anteriormente citados aumenta na medida em que o gênero multimodal emprega recursos linguísticos e semióticos.

DESCRIÇÃO DO CORPUS

Nespor (2010) afirma que o interesse de alguns estudos linguísticos em propor a interface entre sintaxe e prosódia se justifica pelo fato de haver uma interdependência entre essas áreas de análise linguística. Assim, partindo do pressuposto de que as duas áreas linguísticas se inter-relacionam, propomos, neste artigo, um teste linguístico preliminar que objetiva verificar como fatores prosódicos, como a pausa e a entoação, se manifestam em cláusulas completivas e em cláusulas completivas *desgarradas*.

Para elaboração desse teste linguístico, em um primeiro momento, foram recolhidos 65 *posts* (sessenta e cinco) do *Facebook* compostos por diferentes tipos de cláusulas, a saber, cláusulas completivas e completivas *desgarradas*, cláusulas hipotáticas relativas e hipotáticas relativas *desgarradas*, cláusulas hipotáticas circunstanciais e hipotáticas circunstanciais *desgarradas*.

Posteriormente, como a estrutura silábica das palavras que constituíam cada sintagma verbal era muito variada por conta dos *posts*, consideramos uma estrutura “padrão” de palavra final, o que não significa dizer que os resultados apresentados façam referência somente a palavras com essa estrutura. Assim, concebemos como estrutura “padrão” das palavras finais aquelas constituídas pelas sílabas pretônica, tônica e postônica. Desse modo, cláusulas como: “Que vivas todo o tempo que quiseres e que viva plenamente” configuram um exemplo dessa estrutura padrão, pois no final da primeira cláusula tem-se a palavra *qui-se-res* e no final da segunda cláusula tem-se *ple-na-men-te*.

Desse modo, para que pudéssemos observar o movimento melódico, o teste foi constituído por 14 (quatorze) *posts* que tiveram suas cláusulas *desgarradas*, totalizando 28 (vinte e oito) dados. Dentre esses dados, somente 6 (seis) cláusulas se tornaram objeto de investigação, as demais cláusulas foram empregadas como distratores para que os informantes não pudessem perceber qual estrutura estava sendo investigada, como se pode identificar pela tabela a seguir:

Tabela 1: *Corpus* do teste de percepção

Tipos de cláusulas	Quantidade
Completivas	10
Completivas <i>desgarradas</i>	10
Hipotática relativa	1
Hipotática relativa <i>desgarrada</i>	1
Hipotática circunstancial	3
Hipotática circunstancial <i>desgarrada</i>	3

TESTE DE PERCEPÇÃO

O teste de percepção foi realizado individualmente, em dias previamente agendados com cada falante de acordo com a sua disponibilidade. As cláusulas foram randomizadas e lidas por 4 (quatro) informantes, totalizando 112 dados, sendo 24 dados o objeto do nosso estudo. Cada falante foi instruído, antes de o teste começar, acerca dos seguintes aspectos: a tarefa a ser realizada consistia na leitura de cláusulas; as cláusulas apareceriam uma a uma na tela do computador; o informante deveria fazer uma leitura silenciosa e, em seguida, uma em voz alta; não haveria tempo limite para a produção de cada cláusula; ao concluir a leitura, deveria apertar a tecla “espaço” para passar para a próxima cláusula e, eventualmente, o instrutor poderia solicitar a repetição de alguma cláusula.

Vale ressaltar que os testes foram aplicados pelos próprios pesquisadores, para que houvesse pouca ou nenhuma interferência de ruído de fundo e, caso fosse necessário, devido a algum problema com a leitura do informante – leitura equivocada, gagueira ou a não leitura de todas as palavras, por exemplo. O som foi digitalizado com uma taxa de amostragem de 22050HZ, os arquivos de áudio foram fragmentados no programa *Audacity*, armazenados no formato WAV e analisados no *Praat*, *software* que permite a análise acústica. Assim, as cláusulas analisadas foram as seguintes:

- (i) Que vivas todo o tempo que quiseres e que viva plenamente.
- (ii) **Desejo** que vivas todo o tempo que quiseres e **que viva plenamente.**
- (iii) **Desejo** que a gente só se dê o trabalho de ter bons pensamentos.
- (iii) Que a gente só se dê o trabalho de regar bons pensamentos.
- (iv) Que a gente tenha: astral bonito.
- (v) **Desejo** que você tenha: astral bonito.

ANÁLISE DOS DADOS

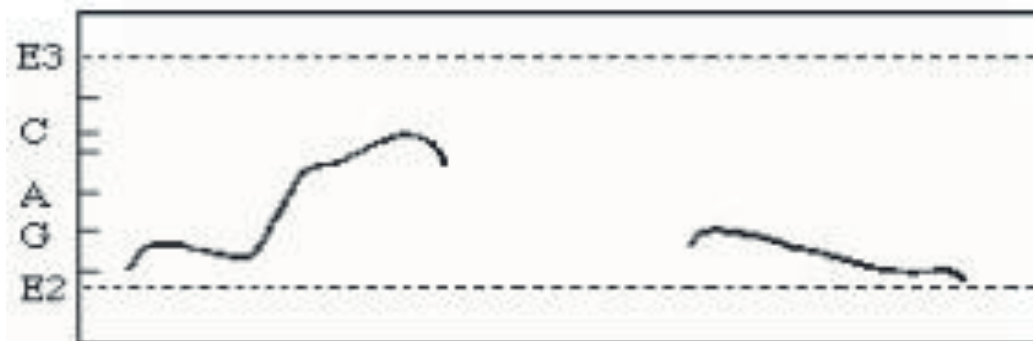
A metodologia de composição e análise dos dados do *corpus* seguiram alguns passos como: escolha e coleta das postagens; escolha e coleta das estruturas a serem analisadas; codificação dos dados; interpretação dos resultados; e análise prosódica.

No que se refere à codificação dos dados, os seguintes aspectos foram levados em consideração: tipo de cláusula *desgarrada* (inerentemente pragmática, cotextual, contextual); conjunção usada na cláusula *desgarrada* (*que, se*); modo verbal usado na cláusula *desgarrada* (subjuntivo, indicativo, imperativo); composição da cláusula *desgarrada* (simples, enumeração, correlação, subordinação); gênero textual da postagem (oração/bênção, cartão de aniversário, de Natal, de Ano Novo, mensagem de autoajuda, recado, exortação, horóscopo, letra de música); forma verbal da oração *desgarrada* (desenvolvida, reduzida); sinal de pontuação empregado antes da cláusula *desgarrada* (ponto final, exclamação, reticências, dois pontos, não há sinal de pontuação); verbo implícito na cláusula *desgarrada* (desejar, esperar etc.) e verbo explícito antes da cláusula *desgarrada*.

Neste estudo, como já dissemos, enfatizamos a análise prosódica. Assim, empregamos como instrumento a análise da fonética acústica, que possibilita a investigação de parâmetros prosódicos envolvidos na realização de rupturas prosódicas no contínuo da fala, como as frequências formânticas, a frequência fundamental (doravante F0), duração de porções de fala, a amplitude e o conteúdo espectral da onda sonora. Em se tratando do *corpus*, buscamos verificar se as cláusulas completivas e as cláusulas completivas *desgarradas* apresentavam comportamento diferenciado em relação ao fator prosódico intitulado contorno melódico.

Os *posts* analisados são constituídos somente por assertivas neutras que estão presentes em diferentes estruturas sintáticas. Desse modo, é possível a variação de padrão melódico (ora ascendente, ora descendente) de um contorno terminal em posição intermediária. Já em posição final, é frequente o padrão apontado por Moraes (1998). Segundo o estudioso, o padrão melódico em posição final é caracterizado por uma queda da frequência fundamental no final do enunciado (mais precisamente no final da sílaba tônica), enquanto o movimento melódico inicial é caracterizado por um início de F0 em nível médio, conforme ilustra a Figura 6:

Figura 7: Exemplo de variação de F0 (MORAES, 1998, p. 183).



Assim, verificamos, na pequena amostra por nós organizada, um movimento melódico descendente em cláusulas completivas *desgarradas* em posição intermediária (cf. imagem IV) e um movimento melódico ascendente em cláusulas completivas em posição intermediária (cf. imagem V). Quanto à posição final, verificamos em ambos os tipos de cláusulas o padrão assertivo neutro apontado por Moraes (1998), conforme ilustra a Tabela 2.

Figura 8: Exemplo de movimento descendente em cláusulas completivas desgarradas.

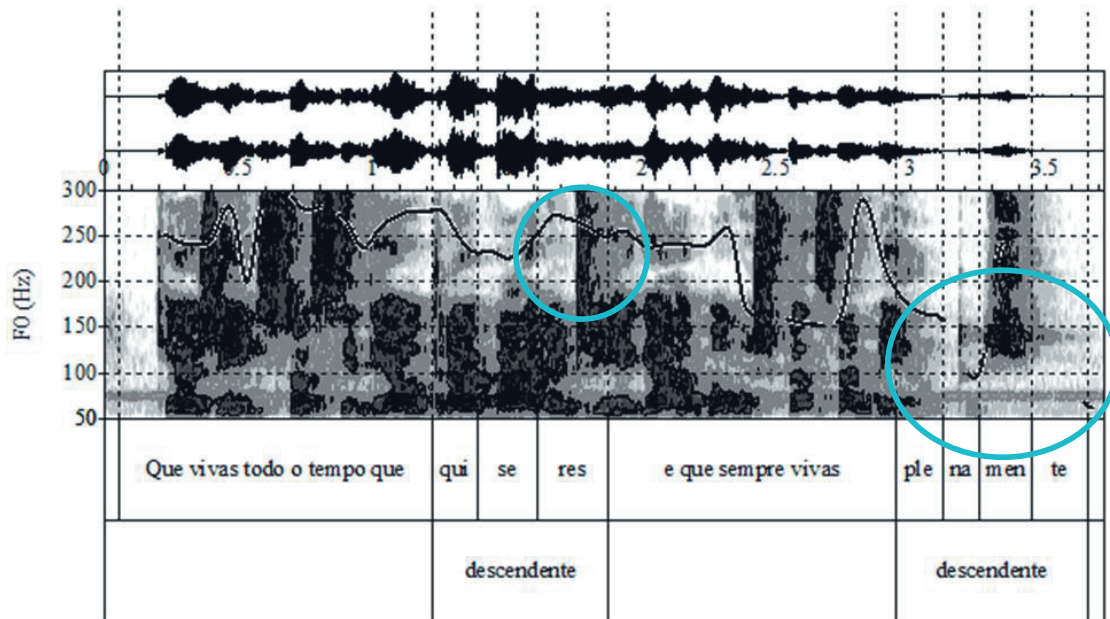


Figura 9: Exemplo de movimento melódico ascendente em posição intermediária em cláusulas completivas.

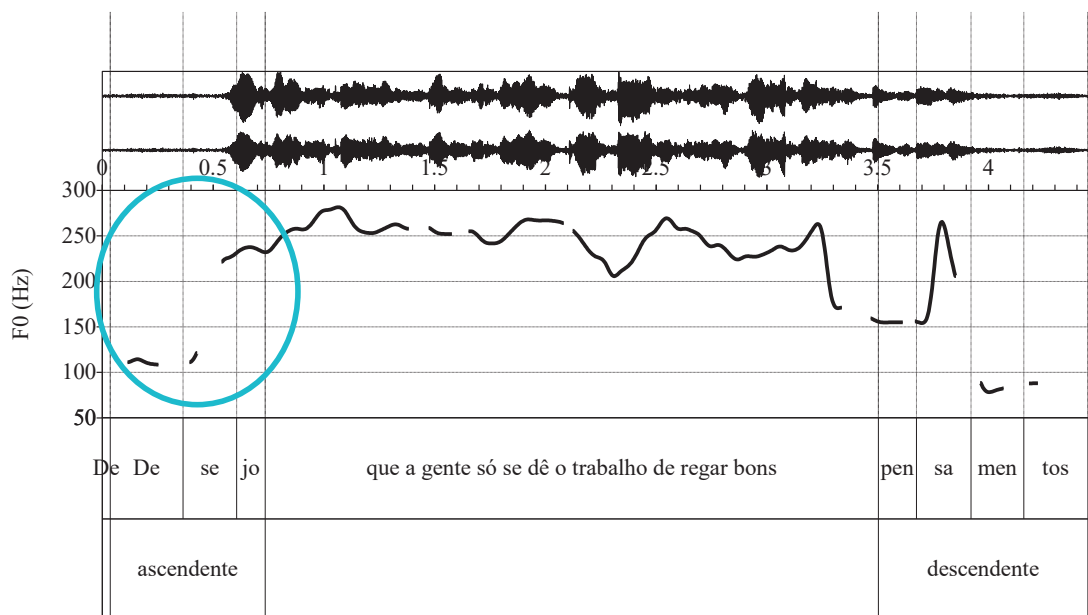


Tabela 2: Padrão melódico das cláusulas completivas e das cláusulas completivas *desgarradas*.

Tipos de cláusulas	Nº de dados	Movimento melódico palavra final em posição intermediária	Movimento melódico palavra final em posição final
Cláusulas completivas <i>desgarradas</i>	12	100% descendente ³	100% descendente
Cláusulas completivas	12	83,4% ascendente 8,4% descendente 8,4% sem movimento melódico	91,6% descendente 8,4% ascendente

Por meio da análise prosódica das completivas não *desgarradas* em cotejo com as *desgarradas*, percebe-se que o movimento melódico das *desgarradas*, em posição intermediária, é descendente e que o das completivas não *desgarradas* é ascendente. Entretanto, no que tange ao movimento melódico em posição final, o comportamento das completivas é descendente em ambos os usos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora reconheçamos que a análise prosódica levou em conta poucos dados e que o único parâmetro prosódico considerado tenha sido o movimento melódico, este aspecto confirmou que a completiva *desgarrada* possui um comportamento diferenciado das completivas não *desgarradas*. Assim, o movimento melódico descendente configura um fraseamento prosódico, o que nos permite afirmar que a completiva *desgarrada* constitui um sintagma entoacional à parte.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson (org.). *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- BAKHTIN, M. *Questões de estilística no ensino da língua*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- CHAFE, Wallace L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, W. L. (Ed.) *The Pear Stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luiz F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DAHLET, Véronique. *As (Man)obras da pontuação: usos e significações*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

³ Vale ressaltar que o padrão descendente nas cláusulas completivas *desgarradas* só pode ser atestado em 1 (um) dado, “Que vivas todo o tempo que quiseres e que viva plenamente”, pois somente esse é composto por 2 (duas) cláusulas completivas *desgarradas* e, portanto, pode-se verificar o movimento melódico em posição intermediária.

DECAT, Maria Beatriz do Nascimento. *Leite com manga, morre!: da hipotaxe adverbial no português em uso*. São Paulo, LAEL/PUC. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua. 287 f, 1993.

_____. *Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa*. Campinas: Pontes Editora, 2011.

DIONISIO, A. P.; VASCONCELOS; L. J.; SOUZA, M. M. Multimodalidade, convenções visuais e leitura. In: DIONISIO, A. P.; VASCONCELOS; L. J. e SOUZA, M. M. *Multimodalidade e leituras*. Recife: Pipa comunicação, 2014. p. 41-69.

FORD, Cecilia. *Variation in the intonation and punctuation of different adverbial clause types in spoken and written English*. Santa Bárbara Papers. Santa Bárbara, 1988.

GÓIS, Carlos. *Método de análise (lexia e lógica) ou sintaxe das relações*. 12ª. ed., Gráfica Sauer: Rio de Janeiro, 1943.

MATTHIESSEN, Christian; THOMPSON, Sandra A. The structure of discourse and ‘subordination’. In: HAIMAN; THOMPSON (Ed.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1988.

MORAES, J. A. Intonation in Brazilian Portuguese. In: HIRST, D.; DI CRISTO A. (Eds.) *Intonation systems: a survey of twenty languages*, Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 179-194.

NESPOR, Marina. Prosódia: uma entrevista com Marina Nespor. *ReVEL*, v. 8, n.15, 2010.

RODRIGUES, Violeta Virginia. O desgarramento de orações completivas no Facebook. In: *Anais do II Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações: organização Ana Beatriz Arena, Ivo da Costa do Rosário, Milena Torres de Aguiar e Monclar Guimarães Lopes*. – 1. Ed. – Niterói: Letras da UFF, 2019 – v. 1, n.2. p. 93-112. ISBN 978-85-65355-27-8

SILVESTRE, A. P. S.; RODRIGUES, V. V. O ‘Desgarramento’ de cláusulas comparativas e a interface sintaxe-prosódia. In: XXV Jornada Nacional do GELNE, 2014, Natal - RN. *Anais da XXV Jornada Nacional do GELNE*. Campus Lagoa Nova - Natal - RN: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - EDUFRN, 2014. v. 1. p. 1-11.

SILVESTRE, A. P. S.; RODRIGUES, V. V. Desgarramento: um novo olhar. In: ARENA, Ana Beatriz et alii (org.). I CCO, 2016, Niterói/RJ. In: *Anais do I Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações*. p. 217-237. Niterói: Letras/UFF, 2017. Disponível em: <https://uffcco.files.wordpress.com/2017/12/anais-do-i-seminc3a1rio-do-cco-pubcac3a7c3a3o-com-isbn.pdf>

TENANI, L. E. Notas sobre a relação entre constituintes prosódicos e a ortografia. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 16, n 1, 231 - 245p, 2008.

_____; SONCIN, G. C. N. O emprego de vírgulas: evidências de relações entre enunciados falados e escritos. In: II Simpósio Mundial de Língua Portuguesa, 2010, Évora. *Estudos de Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora: Universidade de Évora. v. 01, 2010. 44-65p.



UMA RELAÇÃO ENTRE DÊIXIS E METADISCURSIVIDADE

A RELATION BETWEEN DEIXIS AND METADISCOURSE

Mônica Magalhães Cavalcante¹
 Mayara Arruda Martins²

RESUMO

Neste trabalho, com o objetivo de examinar a relação entre a dêixis e as estratégias metadiscursivas de posicionamento e de engajamento que desempenha nos textos, pretendemos analisar os efeitos de sentido criados a partir da relação dêixis-metadiscursividade, considerando, principalmente, a condição enunciativa própria da dêixis. Quanto à dêixis, valemo-nos de autores como Bühler (1982[1934]), Benveniste (1988[1976]), Cavalcante (2000) e Ciulla (2002, 2008). Para esses autores, os dêiticos constituiriam elementos que indicariam o ponto de origem do locutor, a *origo* da situação enunciativa, a partir do qual a interação se dá. Sobre o metadiscorso, valemo-nos principalmente de Hyland (2005a, 2005b), em que temos a divisão entre o metadiscorso textual e o interacional, quer as marcas se refiram a porções mais cotextuais, quer se refiram a relações entre os interlocutores. Além disso, o autor apresenta diversos subníveis de posicionamento e de engajamento. Neste artigo, por um recorte metodológico, nos deteremos especificamente às marcas de automenção e aos pronomes de referência ao leitor, subtipos de posicionamento e engajamento, respectivamente, visto que se constituem a partir de marcas essencialmente dêiticas, como pronomes pessoais e pronomes possessivos. Demonstraremos tais marcas em piadas disponíveis no site “piadasnet.com”. Não escolhemos o texto por um critério temático ou de gênero, mas pelas ocorrências das formas dêiticas. Não atentamos para a quantidade de ocorrências ou casos, mas sim, aos efeitos de sentido que a relação dêixis-metadiscursividade pode exercer no texto para análise. Estamos pressupondo que o uso de formas dêiticas pode constituir diferentes marcas de metadiscursividade e, por essa razão, colabora para o direcionamento argumentativo que o locutor pretende dar ao texto, uma vez que as marcas de automenção e os pronomes de referência ao leitor são

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista de Produtividade em Pesquisa nível PQ-1 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5561-3993>.

² Mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5673-0780>.

formados essencialmente por dêiticos pessoais e que, ao mesmo tempo, o uso desses dêiticos evidencia um caráter metadiscursivo na interação entre os interlocutores, que tanto se marcam quanto evocam seus interlocutores nas situações enunciativas. Cremos ainda que os tipos de dêixis podem ser utilizados como estratégias metadiscursivas e que, nesses usos, essas formas dêiticas colaboram para reforçar posicionamentos e para tentar influenciar o outro.

Palavras-chave: Dêixis. Metadiscursividade. Efeitos de sentido.

ABSTRACT

In this paper, in order to examine the relations between deixis and metadiscursive strategies of stance and engagement these forms play within the texts, we intend to analyze the effects of meaning created from the relation deixis-metadiscourse, by mainly considering the enunciative condition unique to deixis. With respect to deixis, we draw on author such as Bühler (1982[1934]), Benveniste (1988[1976]), Cavalcante (2000) e Ciulla (2002, 2008). For these authors, deictics would constitute elements that would indicate the origin point of the speaker, the origo of the enunciative situation, from which the interaction happens. With respect to metadiscourse, we mainly draw on Hyland (2005a, 2005b), in which we find the division between textual and interactional metadiscourse, with the marks referring either to more cotextual portions, or to relations between interlocutors. Moreover, the author presents various sublevels of stance and engagement. In this paper, following a methodological approach, we will specifically focus on marks of self mention and reader pronouns, which are subtypes of positioning and commitment, respectively, since they arise from essentially deictic marks, such as personal and possessive pronouns. We will show these marks in jokes available at "piadasnet.com". We did not choose the text because of its theme or genre, but because of the instances of deictic forms. We did not pay attention to the quantity of occurrences or its cases, but only to the effects of meaning the deixis-metadiscourse relation might exert upon the text under analyse. We assume the use of deictic forms might constitute different marks of metadiscourse and, for that reason, collaborates for the argumentative directing the speaker intends to give the text, since the marks of self mention and the reader pronouns are essentially formed by person deictics and that, at the same time, the use of these deictics shows a metadiscursive aspect within the interaction between interlocutors, which both highlight and evoke its interlocutors inside enunciative situations. We also believe the types of deixis might be used as metadiscursive strategies and that, within these uses, these deictic forms cooperate to reinforce stances and to try to influence the other.

Keywords: Deixis. Metadiscourse. Effects of meaning.

1 INTRODUÇÃO

A motivação para este trabalho surgiu do interesse em diferentes efeitos de sentido que o uso de dêiticos pode trazer a textos de gêneros diversos. Com o objetivo de examinar as relações entre as diferentes formas de tipos dêiticos e as estratégias metadiscursivas de posicionamento e de engajamento que estas desempenham nos textos, pretendemos atentar para os efeitos de sentido criados a partir da relação dêixis-metadiscursividade, uma vez que a maioria dos estudos na área tem dedicado atenção a cada uma dessas abordagens separadamente. Além disso, tendo em vista o grande interesse pelos efeitos de sentido que podem ser criados a partir da utilização de marcas

dêiticas e considerando, principalmente, a condição enunciativa própria da dêixis, acreditamos ser necessário um estudo que analise o comportamento dos dêiticos em textos de gêneros diversos.

Creemos que os tipos de dêixis podem ser utilizados como estratégias metadiscursivas e que, nesses usos, essas formas dêiticas colaboram para reforçar posicionamentos e para tentar influenciar o outro.

A dêixis, processo referencial de análise neste trabalho, caracteriza-se por sua função ostensiva e subjetiva definida por Bühler (1982[1934]) a partir de coordenadas estabelecidas pelo eu-aqui-agora. Posteriormente, autores como Benveniste (1988[1976]) e Lahud (1979) salientaram na dêixis os traços de subjetividade inseridos na situação comunicativa. É neste caráter intersubjetivo característico da dêixis que acreditamos consistir efeitos metadiscursivos entre os interlocutores.

Sobre o metadiscorso, valemo-nos principalmente de Hyland (2005b), em que temos a divisão entre o metadiscorso textual e o interacional, quer as marcas estejam relacionadas a porções mais cotextuais, quer estejam relacionadas a relações entre os interlocutores. Embora acreditemos que os traços do metadiscorso textual possam ser formados por processos referenciais, acreditamos que são as marcas do metadiscorso interacional que podem ser formadas, em maior quantidade, pelo uso de dêiticos.

Hyland (2005a) apresenta elementos que evidenciam posicionamento e engajamento. Os elementos do posicionamento são os atenuadores, os intensificadores/reforçadores, os marcadores de atitude e as automenções. Os atenuadores indicam a decisão do autor de mostrar o compromisso com a proposição; os reforçadores indicam como os autores expressam suas certezas naquilo que dizem; os marcadores de atitude têm caráter mais afetivo, expressando surpresa, frustração etc.; e as automenções apresentam informações interpessoais à medida que os autores se posicionam em relação aos seus argumentos e seus leitores.

Os elementos do engajamento são os pronomes de referência ao leitor, os apartes pessoais, as diretivas, as questões e o apelo ao conhecimento compartilhado. Com os pronomes de referência ao leitor, o autor introduz o leitor no discurso; com os apartes pessoais, é possível que o escritor se dirija ao leitor diretamente, através de um comentário; com as diretivas, o autor instrui o leitor a desempenhar uma ação que julga importante; com as questões, o autor atrai o leitor; com o apelo ao conhecimento compartilhado, o autor busca encontrar um ponto comum entre o que ele e o leitor pensam.

No entanto, neste artigo, nos deteremos especificamente às marcas de automenção e aos pronomes de referência ao leitor, subtipos de posicionamento e engajamento, respectivamente, visto que se constituem a partir de marcas essencialmente dêiticas, como pronomes pessoais e pronomes possessivos.

2 A DÊIXIS

A dêixis foi caracterizada inicialmente, por Bühler (1982[1934]) a partir de coordenadas estabelecidas pelo eu-aqui-agora. Posteriormente, autores como Benveniste (1988[1976]) e Lahud (1979) enfatizaram a subjetividade presente nela. Os dêiticos constituiriam elementos que apontariam para o ponto de origem do locutor. A situação enunciativa, para esses autores, depende do que está relacionado diretamente ao locutor. Bühler (1982[1934]) o concebe como a *origo*, o ponto zero da comunicação, a partir do qual a interação se dá. É por esse mesmo motivo que outros autores, tais como Lyons (1977) e Cervoni (1989) consideram que o locutor é o referencial da

atividade enunciativa, sendo esta egocêntrica, uma vez que “exige” a marcação do ponto de vista a partir do qual serão apontados também o espaço e o tempo que a ele estão relacionados.

O fenômeno da dêixis envolve aspectos da própria situação comunicativa, o que, no entanto, não impede que se tenha relação com aspectos também cotextuais, visto que os dêíticos podem figurar tanto como introdução referencial quanto como anáfora, como bem mostram Cavalcante (2000) e Ciulla (2002).

Considerando o locutor como ponto de referência, vale frisar que Benveniste (1988) estabelece que, para cada “eu” da enunciação, há um “tu” pressuposto e que ambos se opõem a “ele”, à “não pessoa”, ao “referente” sobre o qual se fala.

A literatura sobre o assunto costuma subdividir a dêixis em seis tipos: pessoal, social, espacial, temporal, textual e memorial.

Segundo os níveis de grau de pessoalidade propostos por Cavalcante (2000), a dêixis pessoal é a que apresenta maior grau de pessoalidade, sendo, inclusive, a responsável pelas indicações dos demais tipos de dêixis. É neste tipo de dêixis que nos deteremos neste trabalho. As formas mais tradicionais de dêixis pessoais são aquelas que marcam a primeira e a segunda pessoa, como os pronomes pessoais, os pronomes possessivos, assim como as demais marcas que se referem aos participantes da situação de enunciação.

Em Ciulla (2008), encontramos elencadas diversas funções que os processos referenciais, inclusive a dêixis, podem trazer aos textos, como a explicitação de pontos de vista e o caráter metadiscursivo. A autora chegou a algumas contribuições que a função metadiscursiva gera nos textos, como organização textual, desenvolvimento argumentativo e orientação ao interlocutor. Foi principalmente essa orientação ao interlocutor atribuída à função metadiscursiva que nos instigou a desenvolver este trabalho, com o apoio de trabalhos de autores como Hyland (2005a). A autora demonstrou, ainda, que várias funções discursivas podem ser desempenhadas simultaneamente pelos processos referenciais, mas nosso foco aqui será especificamente com a relação entre dêixis pessoal e alguns subníveis de engajamento e posicionamento, a saber, automenção e pronomes de referência ao leitor.

3 A METADISCURSIVIDADE

É em Hyland (2005a) que encontramos a divisão dos elementos que evidenciam posicionamento e engajamento. Os elementos do posicionamento são os atenuadores, os intensificadores/reforçadores, os marcadores de atitude e as automenções. Os atenuadores indicam a decisão do autor de mostrar o compromisso com a proposição; os reforçadores indicam como os autores expressam suas certezas naquilo que dizem; os marcadores de atitude têm caráter mais afetivo, expressando surpresa, frustração etc.; e as automenções apresentam informações interpessoais à medida que os autores se posicionam em relação aos seus argumentos e seus leitores.

Os elementos do engajamento são os pronomes de referência ao leitor, os apartes pessoais, as diretivas, as questões e o apelo ao conhecimento compartilhado. Com os pronomes de referência ao leitor, o autor introduz o leitor no discurso – é este elemento que ganhará ênfase neste trabalho; com os apartes pessoais, é possível que o escritor se dirija ao leitor diretamente, através de um comentário; com as diretivas, o autor instrui o leitor a desempenhar uma ação que julga importante; com as questões, o autor atrai o leitor; com o apelo ao conhecimento compartilhado, o autor busca encontrar um ponto comum entre o que ele e o leitor pensam.

Destacamos alguns trabalhos que consideramos relevantes no que diz respeito a determinadas funções discursivas, como Cavalcante e Faria (2009), no que se refere à função metadiscursiva, especificamente.

Nesse trabalho, as autoras atentaram para o emprego dos operadores metadiscursivos na construção argumentativa do texto. Desse trabalho, utilizaremos, sobretudo, as noções de estratégias metadiscursivas que foram aplicadas a diversos processos referenciais, dentre os quais focalizaremos os dêiticos, visto que as autoras não tinham como objetivo verificar somente os subníveis do metadiscorso que se constituem de marcas dêiticas.

Visando à função metadiscursiva, já amplamente explorada em alguns trabalhos, pretendemos demonstrar a que tipos de dêiticos alguns dos subtipos metadiscursivos se relacionam.

4 METODOLOGIA

Neste artigo, demonstraremos as marcas de automenção e pronomes de referência ao leitor em piadas disponíveis no site “piadasnet.com”. Não escolhemos os textos por um critério temático ou de gênero, mas pelas ocorrências das formas dêiticas. Além disso, não atentamos para a quantidade de ocorrências ou casos, mas sim, à relação dêixis-metadiscursividade presente nos textos.

Portanto, este trabalho busca colaborar, sobretudo, com os estudos da dêixis, tendo como foco a relação entre a intersubjetividade e categorias metadiscursivas de automenção e pronomes de referência ao leitor. A escolha de textos desse gênero se deve ao caráter narrativo dos textos que manifestam muitas piadas. Estamos pressupondo que as narrativas das piadas são uma situação propícia ao aparecimento de dêiticos.

Para analisar o caráter avaliativo do uso das formas dêiticas na piada que apresentamos como exemplo, tomaremos como base a metadiscursividade, proposta por Hyland (2005a), que apresenta marcas características de posicionamento – isto é, formas a partir das quais o autor de um texto deixa evidente “sua voz” – e de engajamento, ou seja, formas que o autor de um texto explicita a fim de direcionar e evocar seus leitores.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Consideramos que os marcadores metadiscursivos permitem que o locutor se dirija ao interlocutor a fim de atingir diversos objetivos, seja para chamar a sua atenção, orientá-lo na condução dos pontos de vista envolvidos, influenciá-lo ou torná-lo participante direto da atividade comunicativa. Em suma, o locutor utiliza-os a fim de guiar a percepção de um texto pelo interlocutor, deixando evidente a orientação argumentativa adotada. Sabemos que, neste trabalho, não será possível demonstrar todos esses efeitos de sentido causados pela relação dêixis-metadiscursividade, mas pretendemos demonstrar brevemente alguns deles.

Acreditamos, portanto, que os pontos de vista dos interlocutores estão diretamente ligados à dêixis pela característica enunciativa. Para além do próprio enunciado, o fato de ela apontar para traços da própria enunciação explicita o caráter interativo entre locutor e interlocutor. Estamos pressupondo que o uso de formas dêiticas pode constituir diferentes marcas de metadiscursividade e, por essa razão, colabora para o direcionamento argumentativo que o locutor pretende dar ao texto.

Para iniciar a demonstração sobre os dêiticos pessoais que evidenciam o posicionamento e o engajamento dos interlocutores pela referência à primeira pessoa (“eu”) e à segunda pessoa (“tu”), observemos o exemplo a seguir:

(1)

O bêbado entrou na contramão e o guarda o deteve:

- Onde é que o senhor pensa que vai?

- Bom... eu ia pruma festa, mas parece que ela já acabou... Tá todo mundo voltando.

Fonte: <https://www.piadasnet.com/piada168bebados.htm> Acesso em 15/11/2019.

Nesse primeiro exemplo, é possível perceber uma automenção por meio do uso de “eu” na segunda fala, proferida pelo bêbado. Esse subnível de automenção se apresenta a partir da utilização de um dêitico pessoal e demonstra, desse modo, aquele que fala e se posiciona. Já na fala do guarda, a primeira da piada analisada, percebe-se a utilização de formas dêiticas que instauram o “tu” da situação comunicativa, como “o senhor” associada às formas verbais “pensa” e “vai”. Essa instauração do outro se dá, assim, por uma forma de dêixis social (“o senhor”), que, além de interpelar o outro, demonstra uma relação respeitosa no modo de se dirigir ao outro. Desse modo, além de instaurar uma segunda pessoa, a interpelação demonstra uma tentativa de engajar o interlocutor na situação, chamando a atenção dele nesse momento da situação comunicativa simulada.

Observemos mais um exemplo, disponível a seguir:

(2)

Dois bêbados estavam em cima de um prédio e um falou para o outro:

- Cê duvida que eu pule daqui de cima, faça um oito no ar e pouse? hic...

- Duvido! hic... cê vai é se estabacar!!!

Aí o bêbado 1 pulou, fez um oito no ar e pousou, e o bêbado 2 falou:

- Se ele consegue ...hic... eu também consigo!!! hic...

E ele pulou:

- Aaaaaaahhhhhhhhhhhhhhhhh...

Se estabacou, e o um porteiro de um prédio falou:

- Pô aí, o superman quando tá bêbado só faz merda!

Fonte: <https://www.piadasnet.com/piada178bebados.htm>. Acesso em 25/11/2019.

Do mesmo modo, no exemplo 2, verificamos automenções (“eu”) e pronomes de referência ao interlocutor (“cê”) nas falas dos dois bêbados representados na piada. Essas formas dêiticas servem, mais uma vez, para marcar o posicionamento de quem fala e para engajar a pessoa com quem se fala. O engajamento nessa situação já começa a partir do momento em que o primeiro bêbado instiga o segundo a duvidar (ou não) do desafio proposto por ele, buscando, assim, influenciar o outro com a ação que executará posteriormente. Ambos interagem interdiscursivamente, trocando os papéis de eu e tu, e acabando por realizarem a ação sugerida na primeira fala da piada.

Os subníveis de posicionamento e de engajamento podem servir também para demonstrar os pontos de vista defendidos pelos interlocutores, como podemos verificar no seguinte exemplo:

(3)

- Por que você bebe?

- Eu bebo porque sou egoísta. Gosto que o mundo gire em torno de mim!

- Eu bebo porque sou exigente. E, quando estou bêbado, só vejo mulheres (homens) maravilhosas!

- Eu bebo porque sou solidário. Me preocupo muito com o sustento dos milhões de funcionários das empresas de bebidas alcoólicas e de suas pobres famílias, em vez de ser egoísta e me preocupar com meu fígado.

- Eu bebo pra esquecer, só não me pergunte o quê, porque eu já esqueci! Viu como funciona?

- Eu bebo pra me distrair. Minha mulher me traiu e eu bebo pra me ‘des-trair’! Sai, chifre! Sai, chifre!
- Eu bebo porque sou higiênico. Ouvi falar que a nossa água está cada vez mais infectada com coliformes fecais, poliformes fatais, uniformes de carnavais...ah, sei lá! Seja como for, eu prefiro o álcool!
- Eu bebo porque adoro futebol. E pra aguentar o meu time, só bebendo mesmo!
- Eu bebo porque sou casado. Precisa explicar?
- Eu bebo por recomendação médica. Ele disse pra eu não judiar do meu estômago. E o coitadinho fica tão triste quando eu não bebo. Só vendo...

Fonte: <https://www.piadasnet.com/piada150bebados.htm>. Acesso em 05/11/2019.

No exemplo para análise, encontramos diversas marcas dêiticas, dentre as quais focalizaremos aquelas que se caracterizam por serem automenções e pronomes de referência ao leitor, subníveis de posicionamento e engajamento, respectivamente. Destacamos, no exemplo, algumas dessas marcas, mas enfatizamos que os dêiticos pessoais são expressos por vários elementos linguísticos que indicam os participantes do ato de comunicação. Desse modo, os pronomes oblíquos (“me”), os pronomes possessivos (“minha”), bem como as formas verbais que se referem às primeiras pessoas também são tipos de dêiticos pessoais.

Destacamos o pronome de primeira pessoa “eu” por ser a forma dêitica pessoal mais clássica, a partir da qual se dão todos os outros tipos dêiticos. No exemplo em análise, percebemos o caráter subjetivo da dêixis a cada atualização na situação enunciativa. A forma se mantém, mas os sujeitos da enunciação se alteram. No entanto, no texto em questão percebemos que os pontos de vista defendidos pelos locutores convergem para a mesma ideia, a de que “beber é bom”, o que demonstra que, no exemplo, os argumentos apresentados pelos locutores demonstram uma orientação argumentativa que reforça o ponto de vista em defesa de um grupo, o dos bêbados e reforça a ideia desse estereótipo.

As falas se valem de marcas de automenções, que enfatizam a responsabilidade de quem explica o porquê de beber e dão “autoridade” a quem o diz – e é exatamente isso que gera o humor, a união dos motivos expressos às marcas subjetivas demonstram que quem justifica o fato de beber são os bêbados da situação representada na piada.

Assim como as marcações de primeira pessoa, as de segunda pessoa também são dêiticos pessoais que se classificam como pronomes de referência ao leitor, visto que têm por objetivo convocar o outro para o seu dizer. Logo na pergunta inicial da piada “Por que você bebe?”, temos uma marcação intersubjetiva clássica – você – característica dos textos em que há interações diretas entre um locutor e um interlocutor.

Mais adiante, no texto, duas formas verbais – “pergunte” e “viu” – demonstram a intenção do locutor a trazer o interlocutor para o que ele está dizendo, seja para chamá-lo a atenção ou levá-lo a compactuar de suas ideias, aderir ao seu ponto de vista.

Com isso, estamos pressupondo que o uso de formas dêiticas pode constituir diferentes efeitos de sentido que indicam certo direcionamento argumentativo ao texto, principalmente quando relacionadas a subníveis de posicionamento e engajamento hylandianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme dissemos na introdução deste trabalho, foi feito um recorte a partir da ênfase aos efeitos de sentido que os processos referenciais, especialmente os dêiticos, podem exercer em contextos de uso, considerando as funções que já foram apontadas nos trabalhos da literatura especializada.

Acreditamos, portanto, que os pontos de vista dos interlocutores estão diretamente ligados à dêixis pela característica enunciativa. Para além do próprio enunciado, o fato de ela apontar para traços da própria enunciação explicita o caráter interativo entre locutor e interlocutor.

Consideramos como principal objetivo deste trabalho a relação entre a dêixis e a metadiscursividade, enfatizando que as marcas de automenção e os pronomes de referência ao leitor são formadas essencialmente por dêiticos pessoais, por se relacionarem às pessoas envolvidas na interação. Ao mesmo tempo que possibilitam aos interlocutores tanto se marcar quanto evocar o outro nas situações comunicativas, o uso desses dêiticos pessoais evidencia um caráter metadiscursivo na interação entre os interlocutores, marcando, assim, o posicionamento e o engajamento hylandianos.

Para trabalhos futuros, sugerimos que a investigação da relação entre a dêixis e o metadiscorso seja mais aprofundada e detalhada, explorando, dessa forma, os demais tipos de dêixis e os outros subníveis de posicionamento e engajamento do metadiscorso, visto que, neste trabalho, o foco de análise foram apenas os subníveis de automenção e pronomes de referência ao leitor e os dêiticos pessoais.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral*. 2. ed. Tradução de Maria G. Novak; Maria L. Neri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. Campinas: Pontes. 2v. Título original: Problèmes de linguistique générale, 1988.

BÜHLER, K. *The deictic field of language and deictic words*. In: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W. (eds.) *Speech, place and action: studies in deixis and related topics*. New York: John Wiley and Sons, 1982. p. 9-30.

CAVALCANTE, M. M. *Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos*. Recife, 205p. Tese /Doutorado em Linguística/ – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2000.

CAVALCANTE, M. M.; FARIA, M. G. S. *Posicionamento e engajamento em redações dissertativas*. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3893>. Acesso em: 14 nov 2019.

CERVONI, J. *A enunciação*. Tradução de L. Garcia dos Santos; revisão do Prof. Valter Kehdi. São Paulo: Ática. Título original: L'énonciation. 1989.

CIULLA, A. *A referência anafórica e dêitica – com atenção especial para os dêiticos discursivos*. Dissertação, 90 p. Mestrado em Linguística. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2002.

CIULLA, A. *Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. Tese. 201p. Doutorado em Linguística. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008.

HYLAND, K. *Metadiscourse: Exploring Interaction in Writing*. Continuum: London and New York, 2005a.

HYLAND, K. *Stance and engagement: a model of interaction in academic discourse*. In: *Discourse Studies*. v. 7, n. 2. p. 173-192, 2005b.

LAHUD, M. *A propósito da noção de dêixis*. 1979. São Paulo: Ática.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.



PRONOMES EM PLENO USO: OUTRAS DEMONSTRAÇÕES DO ESSA

PRONOUNS IN FULL USE: OTHER “ESSA” STATEMENTS

Cláudia Sales de Oliveira¹
 Denilson P. de Matos²

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar os usos da forma ESSA e variações, buscando identificar seus usos não prototípicos. A lógica do uso prototípico desta forma compreende os seguintes atributos: a) a relação adjetiva com o substantivo ou estrutura que acompanha; b) a posição próxima a seu núcleo substantivo, com função de adjunto adnominal; c) as relações sintático-semânticas dentro da sentença em que se insere, contribuindo para melhor percepção do sentido das estruturas substantivas com as quais se relaciona; d) a iniciação, direcionamento, com forte apelo ao *status* locativo. Esta pesquisa se baseia nos pressupostos teóricos da perspectiva da Linguística Funcional Clássica (doravante LFC), representada por Givón (1984), Hopper e Thompson (1980). O distanciamento do núcleo e o estabelecimento de relações mais fóricas, para além dos limites da frase, dão espaço a outras regularidades de uso mais semânticas e pragmáticas. Desta forma, perguntamos: que possibilidades funcionais menos sintáticas, mais semânticas e discursivo-pragmáticas há nos usos da forma ESSA? Como se dá a gradiência desses usos na escala de prototipicidade dentro da estrutura linguística, em função de contextos específicos? Para responder a tais questões, baseados nos princípios de iconicidade e prototipicidade da LFC, procedemos à análise dos usos regulares da forma ESSA, a partir de registros de fala, coletados no *corpus* D&G/Natal (1998), no *corpus* VALPB (HORA, 1993), C-Oral Brasil (2012) e comentários em mídias sociais (*blogs*, redes sociais), que evidenciem situações comunicativas reais de uso da língua. De acordo com os resultados, verificamos que, quanto mais distante o ESSA se mantiver do substantivo ou estrutura com a qual se relaciona, menos prototípico será. Como consequência, o uso do ESSA tende a ser menos sin-

¹ Professora da Escola Agrotécnica da Universidade Federal de Roraima – EAgro/UFRR, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística, PROLING/UFPPB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1945-7911>

² Professor Associado na Universidade Federal da Paraíba/UFPB, docente permanente do PROLING/UFPPB, Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal Fluminense – UFF e Pós-Doutorando pela Universidade de Lisboa – Ullisboa/Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6101-4831>

tático, mais semântico e mais discursivo; e, portanto, mais pragmático. Assim, o uso mais prototípico, mais à esquerda na escala, tende a ser mais sintático e o menos prototípico, mais à direita na escala, tende a ser mais discursivo.

Palavras-chave: Demonstrativo ESSA. Linguística Funcional Clássica. Prototipicidade.

ABSTRACT

The main goal of this paper is to analyze the uses of the ESSA form and its variations, in order to identify its non-prototypical uses. The logic of the prototypical use of this form comprehend the following attributes: a) the adjective relation with the accompanying noun; b) the position next to its noun nucleus, with adnominal adjunct function; c) the syntactic and semantic relations within the sentence to which it belongs, contributing to a better perception of the meaning of the substantive structures with which it relates; and d) initiation, direction, with strong appeal to locative status. It is based on the theoretical assumptions of the perspective of Functional Linguistics, represented by Givón (1984), Hopper & Thompson (1980). The distancing of the nucleus and the establishment of more phoric relations, beyond the limits of the sentence, make room for other more semantic and pragmatic regularities of use. Thus, we ask: what less syntactic, more semantic and discursive-pragmatic functional possibilities are there for the uses of the pronoun form ESSA? How are these uses graded on the prototype scale, within the linguistic structure, according to specific contexts? To answer these questions, based on the principles of iconicity and prototypicality of the Functional Linguistics, we proceed to analyze the regular uses of the pronoun, from speech records collected in the corpus D & G/Natal (1998), in the corpus VALPB (HORA, 1993), C-Oral Brasil (2012) and comments on social media (blogs, social networks), which highlight real communicative situations of language use. According to the results, we found that the further the pronoun form ESSA is from the noun to which it relates, the less prototypical it will be. As a consequence, the use of ESSA tends to be less syntactic, more semantic, and more discursive; and therefore more pragmatic. Thus, the most prototypical use, leftmost on the scale, tends to be more syntactic and the less prototypical use, rightmost on the scale, tends to be more discursive.

Keywords: Demonstrative ESSA. Functional Linguistics. Prototypicality.

1 INTRODUÇÃO

Na busca por usos regulares da língua, deparamo-nos com a forma *essa*, que, apesar de inserir-se, segundo os postulados gramaticais, na categoria demonstrativa, em que estabelece junto ao item substantivo ou mesmo a uma oração, uma relação de proximidade e referencialidade dentro da sentença ou fora dela, acreditamos que seus usos evidenciam a possibilidade de se encontrarem funções regulares e inovadoras que tendem a ser mais discursivas que sintáticas.

Nesse sentido, propomo-nos analisar os usos da forma *essa* e variações, na perspectiva da Linguística Funcional Clássica (doravante LFC), representada por Givón (1984), Hopper e Thompson (1980), buscando identificar seus usos não prototípicos.

O demonstrativo *esse* (e flexões) se caracteriza, sintaticamente, como um determinante seguido de um substantivo, servindo como um modificador deste. Nesta acepção, atua na lógica do uso prototípico, considerando os seguintes atributos:

- a. Tem relação adjetiva com o substantivo que acompanha;
- b. Posiciona-se próximo do seu núcleo substantivo, com função de adjunto adnominal;
- c. Estabelece relações sintático-semânticas dentro da sentença em que se insere, contribuindo para melhor percepção do sentido das estruturas substantivas com as quais se relaciona.
- d. Sugere iniciação, direcionamento, com forte apelo ao *status* locativo.

Devido a especificidades de uso, fizemos um recorte e restringimos o escopo de análise à forma pronominal *essa* neste trabalho, cujas conclusões, nos casos mais gerais, aplicam-se às demais formas pronominais demonstrativas. Tais especificidades podem ser observadas nas seguintes frases, em que aparece a forma *essa*:

Ex1: *não me venha com essa [de];*

Ex2: *vamos nessa?*

Ex3: *sem essa;*

Ex4: *essa é boa;*

Ex5: *por essa não esperava;*

Ex6: *corta essa;*

Ex7: *ora essa.*

Estes exemplos apresentam uma espécie de desconstrução prototípica da forma pronominal adjetiva demonstrativa *essa*, já que se afastam do protótipo *essa(s)* + substantivo, fazem parte de uma nova sentença, em cujas relações se tornam menos sintáticas, mais semânticas e discursivas, e, por conseguinte, mais pragmáticas. Logo, o distanciamento do núcleo e o estabelecimento das relações fônicas, para além dos limites da frase, dão espaço a outras regularidades de uso mais semânticas e mais pragmáticas.

Nesta perspectiva, acredita-se que estamos diante de um processo sintático-semântico-pragmático produtivo com a forma *essa*. Destarte, perguntamos: que possibilidades funcionais menos sintáticas, mais semânticas e discursivo-pragmáticas há nos usos de *essa*? Como se dá a gradiência desses usos na escala de prototipicidade, dentro da estrutura linguística, em função de contextos específicos?

Para responder a tais questões, baseados nos princípios de iconicidade e prototipicidade da LFC, empreendemos nossa análise, executando os seguintes passos: primeiro, apresentamos uma descrição gramatical dos demonstrativos e um breve percurso histórico de sua formação e usos; segundo, fazemos uma exposição do quadro teórico que dá suporte ao presente estudo; e terceiro, procedemos a análise dos usos regulares do *essa*, a partir de registros de fala, coletados no *corpus* D&G/Natal (1998), no *corpus* VALPB (HORA, 1993), C-Oral Brasil (2012) e excertos e comentários retirados de mídias sociais (*blogs*, redes sociais), que evidenciem situações comunicativas reais de uso da língua.

2 DESCRIÇÃO E PERCURSO HISTÓRICO DOS DEMONSTRATIVOS

Para descrever e analisar esse fenômeno, partimos do conceito de pronomes demonstrativos, advindo da gramática tradicional, como palavras que situam os objetos em relação às três pessoas

do discurso (ROCHA LIMA, 1994; CUNHA; CINTRA, 2001, BECHARA, 2009, dentre outros), tendo a função de indicar a posição do ser no espaço, no tempo e no discurso. Quanto à posição dos demonstrativos na sentença, os gramáticos são unânimes ao mostrar que a regra geral aponta que o demonstrativo precede normalmente o substantivo que o determina. Isto pode ser verificado no exemplo citado por Rocha Lima (1994, p. 333):

Ex8: *Estes homens e estas mulheres nasceram para trabalhar* (J. SARAMAGO, LC, 327).

Na Língua Portuguesa, distinguem-se as unidades *este* que indicam proximidade do objeto situado em relação ao falante e *aquela* que indicam seu afastamento do falante. O elemento *esse* expressa, em princípio, proximidade em relação ao destinatário (ROCHA LIMA, 1994; BECHARA, 2009; AZEREDO, 2012).

Estas unidades são denominadas pronomes demonstrativos. Segundo Cunha (2001, p. 328) e Rocha Lima (2011, p. 159-160), os demonstrativos designam as pessoas ou coisas referentes às pessoas gramaticais do discurso, situando-as no tempo e/ou no espaço. Já Bechara (2009, p. 167) acrescenta que os pronomes demonstrativos, além de apontar a posição dos indivíduos em semelhança às pessoas gramaticais do discurso, expressam proximidade no tempo, no espaço ou no texto.

Segundo Andrade (1999, p. 156), constituem um sistema complexo, “sujeito a múltiplas variações e interações quer no plano sincrónico quer no plano diacrónico”. O desafio dos estudiosos, em meio à complexidade dos pronomes habitualmente incluídos na classe dos demonstrativos, tem sido de dar-lhes uma sistematicidade.

Para compreender melhor o percurso histórico da constituição e usos dos demonstrativos, Bechara (2009, p. 123) registra em nota de nomenclatura, as origens das categorias nominais incluindo:

Os gramáticos antigos gregos e latinos reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos nomes, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras (ingleses, por exemplo). Só na Idade Média se fez a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos. Isto porque um mesmo objeto pode ser apreendido ou como objeto absoluto e independente (isto é, substância afetada por um acidente: *o forte amor*), ou como objeto dependente (inerente a um sujeito: *o homem amoroso*). Daí, com frequência, poder o mesmo significante ocorrer com um ou outro desses valores: *alto monte – o alto do monte*. Assim também expressões inteiras, inclusive orações, podem “substantivar-se”, vale dizer, podem passar a exercer funções que os substantivos exercem; daí as chamadas orações subordinadas substantivas: *Desejo teu progresso / Desejo que progridas* [ECs.1, 291-308; HVc.1, 427-428]. Por outro lado, uma oração adjetiva não introduzida pelos conectores *cujos* e *o qual* pode voltar a substantivar-se mediante a anteposição do artigo, se se elide o substantivo antecedente: *Não sei o que tem de verdade nisso*, onde a oração transposta de adjetivo passa a substantivo para exercer a função de objeto direto em relação ao predicado *não sei*. Chamar ao *o (a, os, as)* pronome demonstrativo é mascarar a substantivação.

A partir desta reflexão, Bechara compreende que os espaços fronteiros das categorias nominais eram tênues, muitas vezes sendo ultrapassados uns pelos outros, compreendendo um longo caminho para a compreensão de sua respectiva função e lugar na estrutura da língua portuguesa. As categorias desconhecidas no latim clássico, os artigos e os pronomes pessoais de terceira pessoa, emergiram dos demonstrativos, o que, para Ilari (2004), foi “a inovação mais importante” de criação pelos demonstrativos. Assim como os artigos, os demonstrativos estabelecem um vínculo

de uso em que o elemento gramatical acompanha, prototipicamente, no sintagma nominal, um núcleo substantivo.

Segundo Ilari (2004, p. 95), a categoria dos demonstrativos estabelece como critério a distinção de proximidade (próximo do falante; próximo do ouvinte e afastado tanto do falante como do ouvinte) para distribuir seus usos. No entanto, o autor esclarece que tal distinção antes expressa no latim clássico pelo uso das formas *hic*, *iste* e *ille*, “passa a ser expressa por *iste* (reinterpretado como demonstrativo de primeira pessoa), *ipse* (que deixa de ser um indefinido de realce, e se torna um demonstrativo de segunda pessoa) e *ille* (demonstrativo de terceira pessoa)”. Acrescenta, também, que, no latim vulgar, por meio do uso generalizado, esse pronome ganhou o reforço de “partículas de reforço” – *accu-* ou *eccu-* – equivalentes a *eis*, *aí está*.

No português arcaico, distinguem-se as formas dêiticas e anafóricas *este* e *aquele*, “referindo-se portanto a uma localização no âmbito do emissor/receptor” e “no âmbito externo ao eixo E/R” (emissor/receptor). Nesse ponto, esses demonstrativos já funcionam como “anafórico, referindo-se, no âmbito do enunciado, a algo já mencionado antes” (MATTOS; SILVA, 2006, p. 172).

A demonstratividade, em que se especificam relações espaciais, inclui determinadores de terceira pessoa. No entanto, em sua origem, os demonstrativos constituíam-se *dêixis*, cuja função primordial era a de “demonstrar”; “apontar” a coisa ou o referente, e da qual faziam parte os pronomes de 1ª, 2ª e 3ª pessoas. A partir do século XVIII, os demonstrativos passam por uma reestruturação, o que levou a categoria a contar apenas com o uso de *este*, *esse*, *aquele* com referência à terceira pessoa. Como resultado dessa divisão, a categoria do demonstrativo, que compreendia todos os dêiticos, passa a figurar como uma categoria à parte, composta por “alguns pronomes de 3ª pessoa” (CARDOSO, 1994, p. 7), podendo funcionar como *anafóricos*; já os pronomes de 1ª e 2ª pessoas, “os mais dêiticos” ou “os mais demonstrativos” dos pronomes (cf. SALUM, 1983, *apud* CARDOSO, 1994), passaram a compor os pronomes pessoais. Segundo Cambraia e Bianchet (2008, p. 17), “dever-se-ia entender a associação dos demonstrativos à categoria de pessoa apenas como consequência do seu valor localizador”, compreendendo que à categoria de pessoa pertencem os pronomes pessoais (reto e oblíquo).

Manuel Said Ali, em sua *Grammatica Historica da Lingua Portugueza* (1931), já descrevia dentre as funções dos demonstrativos, as funções de espaço, tempo, com destaque ao “*demonstrativo anafórico*”, relacionando-o à “função de *deictico*, isto é, indicando a situação de pessoas ou cousas e o momento da acção em relação à pessoa que fala” (p. 107). Não difere muito das designações dadas hoje aos demonstrativos, cuja noção de dêiticos está relacionada a uma categoria com indicação de referentes situacionais, e de anafóricos, à função de retomadas textuais relativas a termos antecedentes.

A esse respeito, Bechara (2009, p.158) comenta que “a necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas de que trata leva o falante a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos *aqui*, *aí*, *ali*, *acolá*: *este aqui*, *esse aí*, *aquele ali* ou *acolá*.” Nessa esteira, Azeredo (2012) detalha que o uso das formas *este/esse/esta/essa* é preservado na língua escrita. Bagno (2011, 793-4) acredita que “este” (“esta”) está desaparecendo da língua falada por meio do processo de assimilação, em que no grupo consonantal -ST o T sofre assimilação do S, resultando em -SS, levando ESTE a ser produzido como ESSE. Desta forma, as funções básicas das formas ESTE e ESSE são recuperadas, adicionando-se à forma ESSE um advérbio de lugar: “esse aqui”, ou “esse aí”, conforme pode ser demonstrado nos exemplos 9 e 10 com a forma ESSA.

Ex9.: “*Tem essa caneta **aqui** também*”.

(C-Oral Brasil, 2012, bfamcv14.txt)

Ex10.: “*eu falei, não, mas essa parte aí nu pertence nem eu nem você não // CAR*”
(C-Oral Brasil, 2012, bfamcv11.txt)

Além disso, Bechara (2009, p. 141) afirma que o uso dos pronomes demonstrativos “nem sempre” seguem “este rigor gramatical” e que “muitas vezes [eles] interferem em situações especiais que escapam à disciplina da gramática”.

Kerbrat-Orecchioni (1980) afirma que alguns linguistas ampliam a noção de “*déixis*”, incluindo a referência cotextual. Nesse sentido, a autora cita a classificação dos dêiticos proposta por Todorov (1970, p. 10, 1972, p. 406), o qual distingue, a partir de uma convenção terminológica mais ou menos arbitrária, a *déixis indicial* (situacional) e a *déixis anafórica* (co-textual), (tradução nossa)³ (p. 39). A autora, ao discorrer sobre a função espaço-temporal dos dêiticos, destaca que estes “não devem ser considerados apenas como um dos itens da língua e do discurso, como qualquer outra unidade linguística, mas muito mais como aquilo que torna possível a atividade discursiva”(tradução livre)⁴ (p. 55). Nesta perspectiva, pode-se perceber que a referenciação dos demonstrativos acontece a partir da interação entre os sujeitos, quer estejam no contexto linguístico intraoracional, anterior ou posterior à sentença, quer estejam na situação mais imediata, quer sejam apenas pressupostos.

Linguistas como Moura Neves (2011), Castilho (2010), Silva (2018) abordam o demonstrativo a partir da perspectiva dos usos efetivos em situações reais de comunicação. Castilho trata o assunto, levando em conta suas diferentes propriedades gramaticais, semânticas e discursivas. Moura Neves prioriza a fala, a conversação para analisar o funcionamento da língua portuguesa. Discutindo os valores exofóricos e endofóricos do demonstrativo *aquela*, Silva (2018, p. 167) ressalta que é possível verificar, “no uso corrente do Português Brasileiro contemporâneo, além dessas, outras funções também exercidas por esse pronome distintas das registradas na literatura sobre o tema”, em especial as sentenças em que se observam os diferentes usos do *aquela*, os quais evidenciam gradiência no continuum “objetividade – (inter)subjetividade. A respeito de tal gradiência, o autor, com base em De Mulder e Carlier (2011), esclarece que

Essa gradiência se mostra numa escala que vai desde os usos mais vinculados à “concretude” referencial expressa pela construção até os casos que são vistos como mais abstratos, voltados para o locutor e relacionados à sua atitude subjetiva e/ou orientados para o interlocutor, estando sujeitos à interpretação pragmática deste e a certas negociações de sentido (SILVA, 2018, p. 195).

Trata-se, desta maneira, da existência de relações endofóricas e exofóricas estabelecidas pelo demonstrativo. Analogamente, a forma *essa* se insere em novos contextos de uso, esvaziando os significados originais, a partir do que Bybee (2011) chama de *generalização semântica*. Assim, com o desgaste dos sentidos originais, o *essa* passa a formar parte de uma expressão mais complexa, “aberta à reinterpretação no contexto” (p. 17), confirmando que o sistema linguístico é de fato flexível, adaptativo e ‘altamente’ sensível ao contexto (NUYTS, 2008, p. 92).

³ *déixis indicielle, déixis anaphorique.*

⁴ *sont à considérer non seulement comme des unités de langue et de discours au même titre que toute autre unité linguistique, mais bien plus, comme ce qui rend possible l'activité discursive elle-même.*

3 OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA LINGÜÍSTICA FUNCIONAL CLÁSSICA (LFC)

A partir da segunda metade do século XX, muitos estudiosos da linguagem, na abordagem funcionalista, de vertente americana, como Paul Hopper, Sandra Thompsom, Talmy Givón, Elizabeth Traugott, empreenderam esforços para defender uma linguística baseada no uso, cujas características consistem em analisar a língua do ponto de vista do contexto e da situação extralingüística, concebendo o estudo do discurso e da gramática de modo simultâneo, no intuito de entender como a língua se configura, a partir das regularidades observadas no seu uso efetivo, explicadas com base nas condições discursivas em que se verifica a interação sociocomunicativa. Aos domínios da sintaxe e da semântica, soma-se o domínio da pragmática, que identifica as motivações e intenções do usuário da língua. Estes três domínios, segundo Furtado da Cunha, Costa e Cezário (2015, p. 21) “são relacionados e interdependentes”.

Desde então, a Linguística Funcional, em sua versão clássica - LFC, vem adotando um modelo teórico-metodológico da análise linguística em que a estrutura da língua é motivada por aspectos comunicativos. Nesse sentido, os estudiosos da LFC partem do princípio de que “a gramática é, pois, o resultado da cristalização ou regularização de estratégias recorrentes, que decorrem de pressões de uso” (FURTADO DA CUNHA, 2006, p. 116). Constitui um mecanismo produtivo de que o falante se utiliza para produzir sentidos, a partir de sua experienciação, ou seja, dos sentidos produzidos discursivamente. Nesta direção, Furtado da Cunha (2015, p. 25) ressalta que

a língua não é um mapeamento arbitrário de ideias para enunciados: razões estritamente humanas de importância e complexidade refletem-se nos traços estruturais das línguas. As estruturas sintáticas não devem ser diferentes, na forma e organização das estruturas semântico-cognitivas subjacentes.

À ideia de que a estrutura da língua reflete, de alguma maneira, a estrutura da experiência, os linguistas funcionais dão o nome de *iconicidade*. Trata-se de um princípio que norteia a investigação linguística e do qual outros princípios e subprincípios decorrem. Givón (1984), citado por Furtado da Cunha, Costa e Cezário (2015), aponta três subprincípios, nos quais a iconicidade se manifesta, e dos quais destacamos, por sua relação direta com o nosso objeto de estudo, o subprincípio da proximidade.

O *subprincípio da proximidade ou integração* concerne à capacidade que os elementos sintáticos têm de aderir-se na estrutura sintática. A respeito desse princípio, consideremos, a partir de Bybee *et al.* (1994), que dois elementos que apresentam um paralelismo semântico costumam vir próximos um do outro. Isto quer dizer que a relação conceitual que ambos mantêm entre si é diretamente proporcional à distância que os elementos mantêm na cláusula. A força prototípica do *essa* na cadeia sintagmática está em que este acompanha e vem próximo de seu substantivo, isto é, quanto mais distante do substantivo núcleo por ele determinado estiver, menos prototípico será o uso da forma *essa*, conforme observado nos exemplos (11) e (12).

Ex11: *Eu tinha até uma foto quando era pequena, num sei que fim levou **essa** foto.*
(VALPB, HORA, 1993, p. 8)

Ex12: *E* Conte um capítulo de alguma novela que você mais gostou. De Salsa e Merengue ou Rei do Gado.*

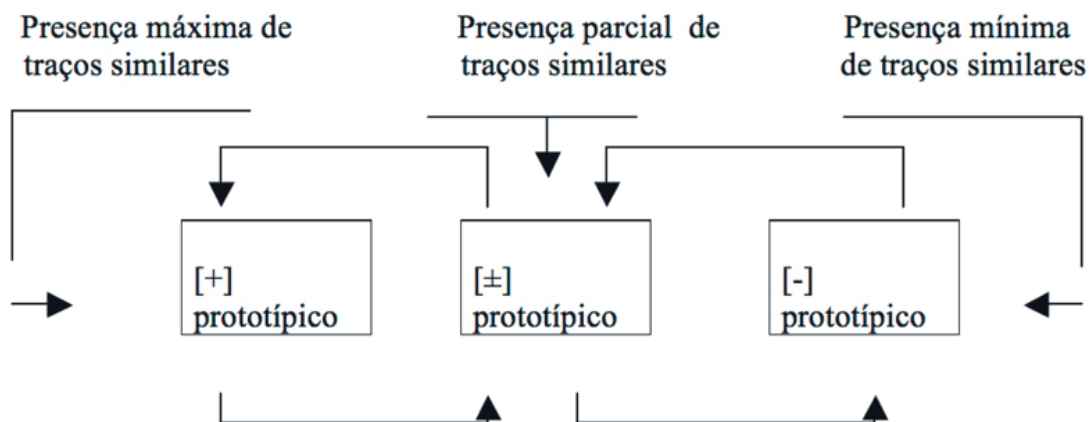
I* [Tem] tem duas parteø. Tem a [de] [da] **dessa [da] das sete, né mesmo? Salsa e Merengue, né? O nome dela? [Tem] foi quando aquele homeø, aquele Bola, né? O nome do homeø né Bola? Marido daquela muléø safada?**

(VALPB, HORA, 1993, p. 24)

Outro princípio que norteia a pesquisa baseada nos usos é o princípio da prototipicidade, segundo o qual há categorias na língua que abrigam um maior número de atributos que as caracterizam como categoria, “não sendo necessário, entretanto, que tais propriedades sejam partilhadas por todas as ocorrências, mas pelo menos se manifestem em um número bastante razoável de elementos linguísticos” (LOBÃO, 2011, p. 2). É o elemento prototípico que vai definir-se como padrão e, portanto, não marcado e servir de parâmetro para o elemento periférico e, por conseguinte, mais marcado. Observando os exemplos (11) e (12), é possível notar que (11) evidencia o uso prototípico do *essa*, maior proximidade do substantivo a que se refere, no interior da sentença; e (12), uso não prototípico, distante do substantivo a que se refere, fora da oração. Portanto, a proximidade e o distanciamento do *essa* em relação ao substantivo a que se refere dentro e fora da sentença, determinam os usos prototípicos ou não do *essa*. No entanto, é importante considerar que, entre o uso mais prototípico e o não prototípico, circulam usos específicos mais ou menos prototípicos, ou seja, podem admitir pelo menos um dos atributos característicos da forma demonstrativa *essa*.

Nesse sentido, Costa (2016) afirma que o fenômeno da prototipicidade ocorre num *continuum* de escalaridade, segundo a qual os dados analisados se distribuem de acordo com o número de atributos definidores de determinada categoria. Desta forma, são elementos aqueles que apresentam maior número de traços similares; são elementos (\pm) prototípicos aqueles que apresentam número de traços parcial, situando-se numa posição medial na escala; e, por último, são elementos ($-$) prototípicos aqueles que se distanciam dos elementos ($+$) prototípicos, possuindo um número mínimo de atributos. Para ilustrar como funciona a escala gradual de prototipicidade, Costa (2016, p. 165) propõe a figura 1.

Figura 1 – Escala gradual de prototipicidade



Fonte: Alves, 2011, p. 54,

Em ambos os princípios funcionalistas, aqui brevemente descritos, se inscreve a ideia de que considerar a gramática como motivada por fatores externos implica reconhecer que há um

componente pragmático que se integra aos demais componentes, sintático e semântico, para a organização da interação. Givón (1984 apud NEVES, 2006, p. 24) declara o objetivo de fornecer um quadro sistemático e abrangente da sintaxe, semântica e pragmática como um todo. Para o funcionalista norte-americano, a sintaxe é a codificação de dois domínios funcionais distintos: a semântica (proposicional) e a pragmática (discursiva).

4 ANÁLISE DOS DADOS

Para melhor conduzir a reflexão que aqui pretendemos desenvolver acerca da forma demonstrativa *essa* e as implicações semânticas, discursivo-pragmáticas, decorrentes de seu uso, escolhemos trabalhar com a) o *Corpus D&G/Natal* (1998), um *corpus* de registro de fala e escrita, de Natal/RN; b) o *corpus* do VALPB (HORA, 1993), registros de fala de João Pessoa/PB; c) C-Oral Brasil (2012); e d) comentários em mídias sociais (blogs, redes sociais), que evidenciem situações comunicativas reais de uso da língua. A escolha dos *corpora* se justifica pelo fato de apresentar registros de fala, que evidenciam situações comunicativas reais de uso da língua,

levando em conta, entre outros aspectos o contexto de produção linguística (o momento e o lugar da interação verbal, os parceiros da comunicação, seus propósitos comunicativos etc.), especificidades do gênero textual, efeitos de sentido pretendidos, questões relativas à expressividade e/ou à economia, a extensões metafóricas e/ou metonímias, à distribuição da informação da informação na oração e no texto (BISPO; SILVA, 2017, p. 92).

Assim, uma investigação que tenha base funcional, “busca, entre outras coisas, identificar motivações de natureza interacional” (BISPO; SILVA, 2017, p. 91-92), a partir de dados de fala e/ou escrita oriundos de situações reais de comunicação.

Como já especificamos, a forma *essa* se caracteriza, sintaticamente, como um determinante seguido de um substantivo, servindo como um modificador deste. Nesse sentido, atua na lógica do uso prototípico, considerando os seguintes atributos:

- a) Tem relação adjetiva com o substantivo que acompanha;
- b) Posiciona-se próximo do seu núcleo substantivo, com função de adjunto adnominal;
- c) Estabelece relações sintático-semânticas dentro da sentença em que se insere, contribuindo para melhor percepção do sentido das estruturas substantivas com as quais se relaciona.
- d) Sugere iniciação, direcionamento, com forte apelo ao *status* locativo.

Analisemos os usos prototípicos e não prototípicos do *essa* nos exemplos que seguem.

Ex13: ... a metade né ... da massa que já é pra eu fazer duas né ... a metade ... aí pego uma estiro a metade também ... estiro mais ... quando tiver bem estirada aí eu coloco na ... na ... na ... na forma ... corto o que sobrar né ... de ... de ... de ... de massa ... sobrar coloco na forma e geralmente quando eu faço duas ... sobra ainda massa né ... com **essa massa** aí eu já faço outra coisa ... eu faço os enroladinhos né ...

(*Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 11-12)

Ex14: *Por mais bárbaro que tenha sido o crime, será que esse preso não seria mais útil se trabalhasse para ajudar o estado e a família do criminoso? Essa é uma questão que causa dúvida, muitos dizem que isso é teórico e não se realizaria na prática, para mim isso não é motivo para não se tentar.*

(Corpus D&G/Natal, 1998, p. 101)

Ex15 *Que linguagem é essa aí, meu filho.*

(C-Oral Brasil, 2012, <https://www.linguateca.pt/cgi-bin/acao.pl>)

Ex16 *Andressa Suíta aparece pra lá de estilosa em uma foto que compartilhou no início da tarde desta quinta-feira, 2, em seu perfil do Instagram. Na imagem, a modelo, que é namorada do cantor sertanejo Gusttavo Lima, aparece usando um shortinho listrado, boina, camiseta e um casaco tipo trench coat.*

[Comentário] (...) **Essazinha** aí só aparece na mídia sendo ou ex namorada de alguém ou namorando alguém, mais fica a pergunta quem é **essazinha** mesmo e o que faz da vida.

(Fonte: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2013/05/estilosa-andressa-suíta-aparece-com-pernas-de-fora.html>, em 02/05/2013)

O exemplo 13 ilustra bem o uso prototípico do demonstrativo *essa*, o qual, obedecendo aos critérios de prototipicidade, constitui-se um pronome adjetivo, ligado a um substantivo – *massa* – o acompanha e estabelece uma relação, eminentemente sintática no interior da frase, posicionando-se próximo a seu núcleo, atuando na lógica de um bom pronome demonstrativo, dispondo-se à esquerda da escala gradual de prototipicidade, como (+) prototípico, constituindo um uso eminentemente sintático.

No exemplo 14, o *essa* ocupa a posição do núcleo do sujeito na oração, perde seu atributo prototípico de adjetivo ligado a um substantivo e estabelece relações com o elemento oracional. Neste caso, a reestruturação da sentença, em que o demonstrativo ocupa posição topicalizada, distante do substantivo a que se refere, dá espaço a uma conotação mais semântica que sintática. Ao alterar uma sentença do tipo “Essa questão causa dúvida” para “Essa é a questão que causa dúvida”, o falante não só altera sintaticamente uma frase, afastando-se do protótipo, mas também, produz no interlocutor uma atenção aos sentidos que deseja transmitir, ou seja, a uma “questão” específica não a qualquer uma. A alteração nas relações sintáticas produz como resultado uma função sintática, porém, com o *essa* ligado à oração, configurando-se, desta forma, um uso (±) prototípica, posicionando-se no centro da escala gradual de prototipicidade. O reposicionamento das unidades sintáticas traria de volta a condição prototípica, porém com menor expressividade.

O exemplo 15 apresenta um distanciamento dos critérios prototípicos, pois não acompanha um núcleo substantivo e não apresenta referência na oração. Cumpre sua função de apontar e remeter a algo, que está fora da oração. Este algo fora da sentença, compartilhado entre os interlocutores, pode ser recuperado por meio de uma oração adjetiva, restabelecendo a condição prototípica do uso do *essa*, na sentença onde se encontra – *Que linguagem é essa* [linguagem que você está usando], *meu filho!*. A frase, tal como se apresenta no exemplo 15, cuja referência se encontra fora da oração, dá mais força ao tom de reprovação, de rechaço expresso pela mãe ao uso de determinada ‘linguagem’ do filho. Dita de outro modo, não teria a mesma expressividade. Desta maneira, evidencia uma função mais semântica e menos sintática do uso do pronome, evidenciando um uso (±) prototípico, posicionando-se no centro da escala gradual da prototipicidade.

Considerando a proximidade, um subprincípio da iconicidade proposta por Givón (1984), segundo o qual a relação conceitual que as unidades linguísticas mantêm entre si é diretamente proporcional a distância que os elementos mantêm na cláusula, verificamos que quanto mais distante for o *essa* do substantivo com o qual se relaciona, menos prototípico será. Como consequência, o uso do *essa* tende a ser menos sintático, mais semântico e mais discursivo; e, portanto, mais pragmático.

O exemplo 16 corresponde a um tipo de sentença em que o *essa* aparece no diminutivo, em que o sufixo *-inha* pode expressar a diminuição ou depreciação de uma mulher. Segundo Silva (2018, p. 192), uma forma como o *essa* compo um substantivo a partir do diminutivo “pode ser considerada idiossincrática e bastante marcada em relação às demais”. A forma pronominal *essa* assume uma forma substantiva, a partir da adição do sufixo *-inha*, aponta para um referente fora da oração (exofórico) e estabelece uma conotação semântica bastante marcada, assumindo um valor depreciativo do seu referente (Andressa Suita), ressaltando aspectos negativos da mulher que vão acentuar proximidade locativa, “repulsa (ou afastamento afetivo) e desvalorização da pessoa” (*op. cit.*). Trata-se, pois, de um caso, cuja função semântica se sobrepõe à função sintática, e, portanto, (–) prototípica, posicionando-se entre o centro e a direita na escala gradual de prototipicidade.

Ex17: *I: aí eu sei que o carro ... o eixo do carro quebrou ... aí meu pai não teve controle e capotou quatro vezes ... quatro vezes ... eu ... fracturei o braço ... machuquei o rosto ... porque eu levei uma pancada muito grande ... porque eu vinha dormindo ... o Emerson num teve nada ... meu irmão ... e:: minha tia ... essa do primeiro acidente ... que entrou nas ferragens ... vinha no carro ...*
(Corpus D&G/Natal, 1998, p. 103)

Ex18: *E* ... Que “Momentos de Amor”?*

I Sim, eu escutava muito ela. Era cum mais deles. Os povo0 só pedia, telefonava, pedia mais dele aí, a gente gostava aí, quando meu marido ia tira0 p0a: p0a escuta0 outra, eu dizia: “Não, eu quero é essa”. Aí, ele dizia: “Tu é cheia de frescura!”. Eu digo: “Não. Se eu sou fã deles, eu tenho que escuta0 a música deles”.*

(VALPB, HORA, fem., 1993, p. 12)

Ex19: *Aí o menino lá atrais, né? Num foi nem eu, o menino lá atrás perguntou: “Professora, que letra é essa?” Ela cum raiva, ela olhou pra traz e disse disse mesmo assim: “aqui aqui num tem aqui eu num tô ensinando a burro não, se você é burro, num posso fazer nada.”*

(VALPB, HORA, 1993, masc., p. 149)

Considerando os exemplos de 17 a 19, observamos que os usos que se posicionam mais ao centro da escala gradual da prototipicidade apresentam uma relação do *essa* com seu determinado fora da oração, sendo este um substantivo, uma oração ou estando, contextualmente, pouco ou mais distante do pronome. No exemplo 17, embora o *essa* e o substantivo se encontrem na mesma sentença, a anteposição do substantivo ao pronome, ou seja, do determinado – *tia* – ao determinante – *essa*, evidencia algo além do sintático. Não resta dúvidas de que ambas unidades sintáticas, presentes na sentença e próximas uma da outra, revelam um uso prototípico, em que o *essa* é um pronome adjetivo, ligado a um substantivo, o acompanha e existe em função dele e atua na lógica de um típico pronome demonstrativo, porém sua posição em relação ao substantivo cumpre uma função, em que o falante busca identificar a pessoa de que fala – a *tia* – detalhando informações

de que possivelmente seu interlocutor necessite para reconhecê-la. Para tanto, recorre ao uso de uma expressão e uma oração na posição de núcleo do sintagma nominal – *essa do primeiro acidente e que entrou nas ferragens*.

No exemplo 18, o trecho “não, eu quero é *essa*.” evidencia o uso do pronome *essa* que aponta para um substantivo fora da sentença. Embora sintaticamente o *essa* possua o atributo de apontar algo, este algo se encontra distante do pronome, qualificando seu uso como (\pm) prototípico; mais sintático, menos semântico, mas é mais fórico, seu substantivo correspondente encontra-se em outra oração.

Já o exemplo 19 – *que letra é essa?*, à semelhança do exemplo 15 – *que linguagem é essa?*, em que, além de apontar algo fora da oração, sendo mais fórico, alterando as relações prototípicas, remete a algo (+) semântico, pois, em ambos os usos, imprimem um tom pejorativo ao uso da *linguagem* (chula, imprópria) e da *letra* (ilegível, mal desenhada), respectivamente.

Além dos tipos de usos do demonstrativo *essa*, analisados acima, existem aqueles cujo distanciamento da forma prototípica revelam que, para dar maior expressividade às suas interações comunicativas, os falantes e seus interlocutores fazem uso de formas atípicas, não prototípicas do demonstrativo *essa*, passando a dar espaço a frases e expressões do tipo *vamos nessa; sem essa; essa é boa; corta essa, ora essa* entre outras, evidenciando esvaziamento sintático e semântico, compondo formas, iconicamente, mais expressivas. Para ilustrar estes casos, vejamos os exemplos 20 e 21.

Ex20: Conta Outra
(Maria Rita)

*Conta outra
nessa eu não caio mais
já foi-se o tempo em que eu pensei
que você era um bom rapaz
corta essa
de querer me impressionar
coisa boa é Deus quem dá
besteira é a gente que faz*

(Letras. Disponível em: Tedeschi, Edu. <https://www.lettras.mus.br/maria-rita/83851/>
Acesso em: 30/07/2020)

Ex.21: *Dinheiro dos fundos na praça. Vamos nessa?*

Muitos fundos que compram participações em empresas emergentes com grande potencial de crescimento estão à procura de negócios para 2012

(Revista Exame, 17/01/2012, in: <https://exame.com/pme/dinheiro-na-praca/>, acesso em
30/07/2020)

A expressão *essa menina*, muito usada no Nordeste do Brasil, demonstra mais um caso dos usos atípicos da forma *essa*. Observe-se o exemplo 22.

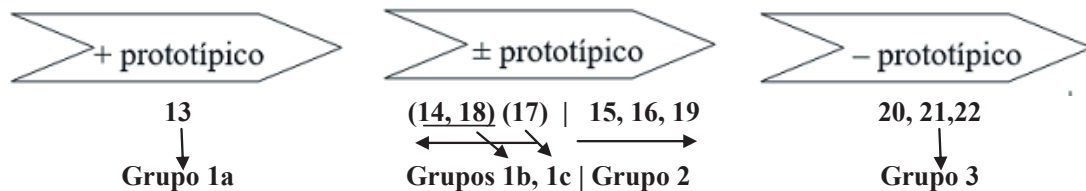
Ex22: *Aí ela disse: “Mais já pensou se eu chegasse tivesse a casa aí incendiada!” (Risos) Mayø foi uma confusão tão grande, essa menina, que num sei não. (Risos) É cada uma que acontece com a gente, visse?*

(VALPB, HORA, 1994, p. 23)

No exemplo 22, entre o *essa* e o substantivo *menina* não há uma relação de referencialidade. A composição *essa* + *menina* refere-se a uma fórmula relativa ao tratamento dado ao interlocutor pelo falante. Assim, o uso não é sintático, nem fórico, mas discursivo, e, portanto, mais expressivo; cumpre uma função pragmática.

Resumindo os dados de uso da forma demonstrativa *essa*, indicados nos exemplos de 13 a 20, apresentamos a escala gradual de prototipicidade, apontando o posicionamento de cada ocorrência no *continuum* gradiente da escala e identificando o seu perfil prototípico frente aos demais membros analisados.

Figura 2 – Escala gradual de prototipicidade



Fonte: Alves, 2011, p. 55.

Considerando os exemplos propostos nesta análise, observemos a escala gradual de prototipicidade, levando em conta o subprincípio de proximidade apresentado por Givón (1984), evidenciando que quanto mais distante o *essa* se mantiver da estrutura com a qual se relaciona, menos prototípico. Como consequência, o uso do *essa* tende a ser menos sintático, mais semântico e mais discursivo; e, portanto, mais pragmático. Assim, o uso mais prototípico, mais à esquerda na escala, tende a ser mais sintático e o menos prototípico, mais à direita na escala, tende a ser mais discursivo. Dessa maneira, de acordo com a escala gradual de prototipicidade apresentada na Figura 2, podemos classificar os usos da forma *essa*, em 3 (três) grupos: Grupo 1a (13), 1b (14, 18), 1c (17); Grupo 2 (15, 16, 19); Grupo 3 (20) (21) (22). Pertencem ao Grupo 1a os usos eminentemente sintáticos; ao Grupo 1b, sintático e mais fórico (a estrutura ligada ao *essa* encontra-se fora da frase); ao Grupo 1c, sintático e mais fórico (o elemento ligado ao *essa* é um termo que, embora esteja próximo, encontra-se distante da memória do interlocutor). Os grupos 1b e 1c são na escala gradual de prototipicidade (±) prototípicos com tendência a (+) prototípicos; ao Grupo 2, usos mais semânticos que sintáticos (expressam valor semântico depreciativo), com tendência a ser menos prototípicos; ao Grupo 3, os usos atípicos da forma pronominal *essa*, em que há um esvaziamento da noção demonstrativa do *essa*, ou seja, não atua na lógica de um pronome demonstrativo; não aponta algo; compreendendo um uso muito mais discursivo, evidenciado em sentenças interjetivas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a necessidade de maior expressividade e as pressões sociocomunicativas sofridas pelos falantes no uso cotidiano da língua levam ao reposicionamento da forma *essa* na sentença e a seu distanciamento da estrutura a que se refere dentro e fora da sentença.

Como se pôde notar ao longo da exposição, as formas pronominais demonstrativas, mais especialmente a forma *essa*, constituem dentro do funcionamento da língua portuguesa, uma das categorias mais produtivas e mais complexas dentro de seus usos. Tanto do ponto de vista gramatical, como dos pontos de vista semântico e discursivo-pragmático, o item *essa* evidencia uma diversidade de usos que impulsiona o pesquisador a entender sua sistematicidade e a idiosincrasia de seus usos. Recomendamos ampliar o escopo dos parâmetros a serem avaliados para melhor compreender a dimensão do processo de variação nos usos, especialmente das construções idiomáticas com a forma *essa*.

6 REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. Demonstrativos e [ana]fóricos em Latim. *Ágora*. Estudos Clássicos em Debate 1 (1999) 155-171.
- AZEREDO, J. C. *Iniciação à Sintaxe do Português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BYBEE, J.L. Usage-based theory and grammaticalization. *The Oxford Handbook of Grammaticalization*, Oxford University, 2011.
- CAMBRAIA, C. N. & BIANCHET, S. M. G. Caleidoscópio latino-românico: demonstrativos. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 35, p. 15-36, 2008.
- CARDOSO, S. H. B. *Demonstrativo, dêixis e Interdiscurso*. Tese de doutoramento. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994. 278p.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- COSTA, J. da L. A categorização do gênero gramatical: uma leitura crítica para o ensino de português. In: *Furtado da Cunha, M. A.; Távares, M. A. Funcionalismo e ensino de gramática* [recurso – 1. ed. – Natal, RN : EDUFRN, 2016. 223 p.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DE MULDER, Walter; CARLIER Anne. The emergence of the definite article in Late Latin *ille* in competition with *ipse*. In: DAVIDSE, Kristin et al. *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. The Hague: Mouton de Gruyter, 2010. p. 241-276.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. *Estrutura argumental e valência: a relação gramatical objeto direto*. *Gragoatá*, Niterói, n. 21, p. 115-131, 2. sem. 2006.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, Marcos Antônio Costa; CEZÁRIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (orgs.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 21-47, 2015.

FURTADO DA CUNHA, M. A. *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.

GIVON, Talmy. *Syntax – a functional-typological introduction*, volume II, Amsterdam, Benjamins Publishing Company. 1984

ILARI, R. *Linguística Românica. Ática*, São Paulo, 2004.

HOPPER, P. J. e THOMPSON, S. A. Transitivity in Grammar and Discourse. *Language*, vol. 56, nº 2, 1980, p. 251-299.

HORA, D. *Projeto variação linguística no Estado da Paraíba*. 1993.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'énonciation de la subjectivité dans le langage*. Paris, 1980. p. 56

LOBÃO, D. “*Se beber não dirija*” ou “*se dirigir não beba*”: uma análise do Funcionamento Pragmático-discursivo das adverbiais condicionais e sua aplicação ao ensino de Língua Portuguesa. Disponível em: <https://studylibpt.com/doc/2795881/%E2%80%9Cse-beber-n%C3%A3o-dirija%E2%80%9D-ou-%E2%80%9Cse-dirigir-n%C3%A3o-beba%E2%80%9D--uma-an%C3%A1lise>. Acesso em: 30/07/2020.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O Português Arcaico - fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

MOURANEVES, M. H. *Gramática de Usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NUYTS, J. Pattern versus process concepts of grammar and mind: A cognitive-functional perspective *Jezikoslovlje*, 9.2 (2008): 87-107.

RASO, T. & MELLO, H. (eds), *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

SAID ALI, M. *Grammatica Historica da Lingua Portugeza*. São Paulo, Melhoramentos, 1931.

SALUM, I. N. (1983), “As vicissitudes dos dêicticos e anafóricos, in *In memorium separata*, EFLCH/USP, pp.311-342.

SILVA, J. R. (Inter)Subjetividade E Extensão Semântica Em Construções Com *Aquele*. In.: FURTADO DA CUNHA, M. A., BISPO, E. B. e SILVA, J. R. *Variação e mudança em perspectiva construcional* [recurso eletrônico] – Natal: EDUFRN, 2018. 286 p.

TODOROV, T. Problèmes de l'énonciation », *Langages* 1970 :17, p. 3-11, In.: Kerbrat-Orecchioni, Catherine. *L'énonciation de la subjectivité dans le langage*. Paris, 1980. p. 56.



UMA PROPOSTA TEÓRICA PARA ANÁLISE DOS TEMPOS VERBAIS A PARTIR DOS MUNDOS DISCURSIVOS E DOS TIPOS DE DISCURSO

A THEORETICAL PROPOSAL FOR ANALYSIS OF VERBAL TENSES FROM DISCURSIVE WORLDS AND TYPES OF DISCOURSE

Thiago Gil Lessa Alves¹

RESUMO

O presente artigo visa apresentar uma proposta teórica para a análise dos tempos verbais dentro da perspectiva dos mundos discursivos e dos tipos de discurso, como postulados por Bronckart (2003). O trabalho fundamenta-se na consideração de que os tempos verbais se estruturam nas línguas naturais, primeira e principalmente, como um dos mecanismos que atualizam e marcam os diferentes mundos discursivos a partir dos quais os participantes de uma interação verbal produzem seus textos, e não como um recurso prioritário de expressão do tempo cronológico, como geralmente são considerados. Metodologicamente, a proposta é construída a partir de uma discussão teórica da perspectiva de interpretação temporal das línguas naturais de Reichenbach (1947), que estabelece a existência de três pontos teóricos na linha do tempo; da simulação formal dos modos de expressão do tempo em português de Corôa (1985); e, também, dos parâmetros de referência dos mundos discursivos apresentados por Bronckart (2003). A conclusão a que se chega é a de que os tempos verbais podem ser analisados e definidos, dentro de cada mundo discursivo, com base em quatro parâmetros: a) processo; b) eixo de referência temporal global; c) fase atual do processo de textualização e d) eixo de referência temporal local.

Palavras-chave: Tempos verbais. Mundos discursivos. Tipos de discurso.

ABSTRACT

This article aims to present a theoretical proposal for the analysis of verbal tenses within the perspective of discursive worlds and of types of discourse, as they were postulated by Bronckart

¹ Professor Associado do Curso de Letras da Universidade Regional do Cariri – URCA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1151-3525>.

(2003). *It is based on the consideration that verbal tenses are structured in natural languages, first and foremost, as one of the mechanisms that express and mark the different discursive worlds from which the participants of a verbal interaction produce their texts, and not as a priority resource for the expression of chronological time, as they are generally considered. Methodologically, the proposal is built from a theoretical discussion of the Reichenbach's (1947) perspective of temporal interpretation of natural languages, which proposes the existence of three theoretical points in the timeline; of the Corôa's (1985) formal simulation of the modes of expression of time in Portuguese; and also of the reference parameters of the discursive worlds presented by Bronckart (2003). The conclusion reached is that the verb tenses can be analyzed and defined, within each discursive world, based on four parameters: a) process, b) global time reference axis, c) current phase of the textualization process and d) local time reference axis.*

Keywords: *Verbal tenses. Discursive worlds. Types of discourse.*

INTRODUÇÃO

Os tempos verbais, desde os primórdios dos estudos da linguagem na antiguidade greco-romana, são tratados quase sempre em função de suas relações com o tempo cronológico. Tem sido assim mesmo depois do advento da Linguística em inícios do século XX.

Benveniste (1995[1966]) foi o primeiro que delineou uma abordagem diferente para essa categoria gramatical. Em um estudo sobre os tempos verbais do francês, percebeu que os tempos se organizam em dois grupos gerais relacionados a dois planos de enunciação diferentes: o da *história*, que é reservado à língua escrita e à terceira pessoa e que engloba a narrativa dos acontecimentos passados, sem qualquer participação do locutor; e o do *discurso*, que abarca as variedades dos discursos orais, em que o locutor sempre intervém com a intenção de influenciar o ouvinte, e dos discursos escritos que reproduzem os discursos orais ou que se baseiam em sua construção e fins.

Weinrich (1974) segue a ideia geral de Benveniste, mas critica o fato de ter limitado o plano enunciativo da história à língua escrita e à terceira pessoa, somente, segundo o autor, com o fim de justificar o *passé simple* como o tempo central desse plano. Estabelece, então, a partir da *consecutio temporum*, ou concordância dos tempos, dois grupos de tempos e os relaciona a dois mundos que designam os conteúdos possíveis de uma comunicação linguística: o *mundo narrado*, em que estaria assinalada uma atitude de “relaxamento”, no sentido de menos comprometimento, por parte do locutor, perante o que está sendo relatado; e o *mundo comentado*, em que a atitude diante do que está sendo enunciado seria mais “tensa”, comprometida.

Bronckart (2003) inspira-se nas ideias desses dois autores, na esteira dos quais situa sua proposta de divisão de mundos discursivos. Através de um refinamento teórico que busca explicá-los com base nas operações psicológicas que os constituem e na descrição das unidades linguísticas dos tipos de discurso que os traduzem, divide-os em quatro: *mundo do expor autônomo (discurso teórico)*, *mundo do expor implicado (discurso interativo)*, *mundo do narrar autônomo (narração)* e *mundo do narrar implicado (relato interativo)*.

Para que cada um desses mundos seja codificado, as línguas naturais oferecem uma série de recursos, dentre os quais os sistemas de tempos verbais são o principal. Tais sistemas organizam-se, portanto, como uma ferramenta que possibilita aos interlocutores envolvidos em uma situação discursiva identificarem os mundos discursivos a partir dos quais produzem seus textos e neles se localizarem.

Cada um desses mundos apresenta suas próprias coordenadas espaçotemporais. Dessa maneira, os tempos verbais também podem ser analisados em uma dimensão que comporta a marcação

de anterioridade, simultaneidade e posterioridade dos processos verbais em relação a pontos de referência. Reichenbach (1947) apresenta uma proposta de interpretação temporal das línguas naturais baseada na existência de três pontos teóricos na linha do tempo, que foi utilizada por Corôa (1985) para desenvolver uma simulação dos modos de expressão do tempo verbal em português. Essas propostas podem servir de base para uma análise da organização dos tempos verbais nessa dimensão, dentro de cada mundo discursivo. É justamente o que propomos neste trabalho: apresentar parâmetros, dentro da perspectiva dos mundos discursivos de Bronckart (2003) e das propostas de Reichenbach (1947) e Corôa (1985), a partir dos quais os tempos verbais possam ser analisados e definidos.²

Para isso, dividimos o artigo em mais quatro seções: uma próxima, em que apresentamos os mundos discursivos e os tipos de discurso segundo Bronckart (2003); uma posterior, em que discutimos as propostas de Reichenbach (1947) e de Corôa (1985); uma outra, em que apresentamos os parâmetros para a definição dos tempos verbais, e uma última, em que contemplamos as conclusões do trabalho.

1 OS MUNDOS DISCURSIVOS E OS TIPOS DE DISCURSO SEGUNDO BRONCKART (2003)

Bronckart (2003, p. 149) distingue três níveis de abordagem da situação de interação verbal: o das *atividades de linguagem*, desenvolvidas no quadro de formações sócio-discursivas, e de que participam agentes singulares, que sediam ações de linguagem particulares; o dos *textos*, “como *formas comunicativas* globais e ‘finitas’ constituindo os produtos *concretos* das ações de linguagem, que se distribuem em gêneros adaptados às necessidades das formações sócio-discursivas” (BRONCKART, 2003, p. 149); e o dos *tipos de discurso*,

[...] como formas lingüísticas que são identificáveis nos textos e que traduzem a criação de mundos discursivos específicos, sendo esses tipos articulados entre si por mecanismos de textualização e por mecanismos enunciativos que conferem ao todo textual sua coerência seqüencial e configuracional (BRONCKART, 2003, p. 149).

Os *mecanismos de textualização* e os *mecanismos enunciativos* juntamente com a *infraestrutura textual*, entendida como o nível profundo da arquitetura interna dos textos, são os três níveis superpostos e em parte interativos que compõem o *folhado textual* (BRONCKART, 2003).

Os *tipos de discurso* são um dos elementos da *infraestrutura textual*. Também compõe essa infraestrutura, o *plano geral do texto*, que pode assumir formas muito variadas porque depende do *gênero* a que o texto pertence e de diversos fatores que conferem a este sua singularidade (extensão, condições externas de produção etc.). Além do mais, o plano geral do texto resulta de combinações dos tipos de discurso e das *formas de planificação do texto*,³ o que aumenta sua complexidade. As formas de planificação dizem respeito à outra dimensão da infraestrutura textual: a da *organização seqüencial* ou *linear* do conteúdo temático.

² Essa proposta teórica foi desenvolvida e testada em tese de doutorado no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará – UFC. Para mais detalhes, consultar Alves (2011).

³ Adam (1992) apresenta como formas de planificação cinco tipos de seqüências: *narrativa*, *descritiva*, *argumentativa*, *expliativa* e *dialogal*, dando, inclusive, a estas, primazia na infraestrutura do texto, que é definido a partir da combinação dos tipos de seqüência nele presentes.

Os *tipos de discurso* associados aos diferentes *mundos discursivos* constituem os elementos centrais na proposta de Bronckart e são abordados como *arquétipos psicológicos* e como *tipos linguísticos*.

1.1 OS TIPOS DE DISCURSO COMO ARQUÉTIPOS PSICOLÓGICOS

Os arquétipos psicológicos correspondem aos tipos de discurso vistos a partir da perspectiva das operações psicológicas que os constituem, sem codificação por meio dos recursos linguísticos de uma língua natural específica. Tais operações são de duas ordens e possibilitam a criação de quatro diferentes mundos discursivos que derivam em quatro arquétipos correspondentes.

Um primeiro tipo de operação psicológica diz respeito à relação entre as coordenadas gerais dos conteúdos mobilizados em um texto e as coordenadas do mundo ordinário em que se desenvolve a ação de linguagem da qual o texto se origina. Há duas possibilidades: a primeira é a de que a relação entre as coordenadas seja explicitada como *disjunta*, de forma que as coordenadas gerais dos conteúdos mobilizados em um texto, possam ser estabelecidas sem referência às coordenadas do mundo ordinário em que se desenvolve a ação de linguagem. A organização dos conteúdos do texto será feita com base em uma *origem espaçotemporal*, a partir da qual se constrói todo um eixo de referência. Essa origem espaçotemporal pode ser absoluta, independente e completamente indiferente à duração associada ao ato de produção, ou pode ser dêitica, independente, mas calculável a partir da duração associada ao ato de produção. Os fatos constantes do texto, portanto, não são apresentados como acessíveis no mundo ordinário, são *narrados* como se tivessem se dado em outro lugar e em outro tempo. Os mundos discursivos assim criados constituem os *mundos do narrar*.

A segunda possibilidade é a de que não haja explicitação quanto à disjunção das coordenadas. Dessa forma, as coordenadas gerais dos conteúdos mobilizados em um texto não poderão ser construídas sem referência às coordenadas gerais do mundo ordinário. A organização dos conteúdos do texto será feita a partir de um eixo de referência que não terá como base uma origem espaçotemporal, podendo ancorar-se na própria duração do ato de produção. Embora o mundo discursivo criado seja outro em relação ao mundo ordinário, aquele é constituído com base nas relações espaçotemporais deste: o passado, o presente e o futuro terão como base o passado, o presente e o futuro do mundo ordinário. As coordenadas do mundo discursivo são *conjuntas* às coordenadas do mundo ordinário. Os fatos constantes do texto, portanto, são apresentados como acessíveis no mundo ordinário, não são narrados, mas mostrados, *expostos*. Os mundos discursivos assim criados constituem os *mundos do expor*.

O segundo tipo de operação psicológica diz respeito à relação das instâncias de agentividade de um texto, nele situadas espaçotemporalmente – em outras palavras, dos personagens, grupos sociais etc. mobilizados em um texto e seu contexto espaço-temporal –, com os parâmetros físicos da ação de linguagem que se desenrola no mundo ordinário, isto é, com agente-produtor, interlocutor e o eixo de referência espaçotemporal da própria produção.

Também há duas possibilidades: uma delas é a de que a relação das instâncias de agentividade e sua inscrição temporal com os parâmetros físicos da ação de linguagem seja explicitada, de forma que se estabeleça uma interdependência entre essas instâncias e os parâmetros físicos. O texto *implica* os parâmetros físicos da ação de linguagem: as instâncias de agentividade nele mobilizadas só são identificadas com referências dêiticas a esses parâmetros. Ele só pode ser completamente interpretado se houver acesso às suas condições de produção.

A outra possibilidade é a de que haja uma *autonomia* das instâncias de agentividade e de sua inscrição espaçotemporal em relação aos parâmetros físicos da ação de linguagem. O texto, por conseguinte, não implica esses parâmetros e para sua interpretação não é necessário conhecimento das condições de produção.

Dessa maneira, tanto os mundos do narrar, quanto os mundos do expor podem ser apresentados como *implicados* ou como *autônomos*, do que derivam quatro mundos, conforme o quadro com entrada dupla reproduzido abaixo:

Quadro 1 – Mundos discursivos conforme Bronckart

Relação ao ato de produção	Coordenadas gerais dos mundos		
		Conjunção EXPOR	Disjunção NARRAR
	Implicação	Discurso Interativo	Relato Interativo
Autonomia	Discurso Teórico	Narração	

Fonte: Bronckart (2003, p. 157)

Cada um desses arquétipos psicológicos é atualizável nos textos através de conjuntos de unidades linguísticas disponíveis nas línguas naturais. Quando se busca descrevê-los a partir da identificação das unidades de uma determinada língua que se atualizam mais regularmente em cada um deles, os tipos de discurso deixam de ser vistos como arquétipos psicológicos para ser vistos como *tipos linguísticos*.

1.2 OS TIPOS DE DISCURSO COMO TIPOS LINGUÍSTICOS

São vários os tipos de unidades linguísticas que, por sua ocorrência mais ou menos regular, podem caracterizar cada um dos tipos de discurso. Os subsistemas temporais, contudo, têm um papel crucial nessa caracterização e é o que interessará mais de perto neste artigo. Bronckart (2003) procede à descrição dos conjuntos de unidades que ocorrerem regularmente em cada tipo de discurso, no francês.

No discurso interativo, ocorrem unidades que se referem à situação de interação verbal e que marcam a implicação dos parâmetros físicos no mundo discursivo criado. A interação, oral ou escrita, fica explícita pelos turnos de fala nas situações dialogadas e pela presença de frases não declarativas. A implicação dos parâmetros físicos fica explícita pela ocorrência de unidades que se referem a objetos acessíveis, aos interlocutores e ao espaço-tempo da interação, como dêiticos espaciais e temporais; pela ocorrência de nomes próprios, pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e do plural referentes aos interlocutores, com valor exofórico, e formas verbais de primeira e segunda pessoa. Ocorrem, ainda, mais ou menos regularmente, outras unidades com valor discriminativo mais fraco em relação ao tipo de discurso, como anáforas pronominais (em oposição às nominais) e auxiliares com valor modal e pragmático como *poder dever e querer*. O discurso interativo é caracterizado também por uma alta densidade verbal (verbos por palavra) e muito baixa densidade sintagmática.

A implicação, no discurso interativo, é também marcada pela ocorrência de um subsistema de tempos que tem o presente e o passado composto como centrais, aos quais se junta a forma de

futuro perifrástico com *aller + infinitivo*.⁴ No discurso interativo, os tempos verbais têm um caráter acentuadamente dêitico, pois o eixo de referência global em que são localizados tem a duração associada ao ato de produção como centro.

O discurso teórico, que ocorre, principalmente, em situações monologadas escritas, é caracterizado inicialmente pela ausência de frases não declarativas. A autonomia das instâncias de agentividade e da sua inscrição espaçotemporal em relação aos parâmetros físicos é marcada: pela ausência de unidades que remetem aos interlocutores ou ao espaço-tempo da interação; pela não ocorrência de nomes próprios, de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular com valor exofórico e de formas verbais de primeira e segunda pessoa do singular. A autonomia é marcada, também, em conjunto com essas características principais: pela presença de organizadores com valor lógico-argumentativo, como *por outro lado, de fato, mas* etc.; pela ocorrência de modalizações lógicas e, sobretudo, do auxiliar modal *poder*; pela presença de procedimentos de focalização de segmentos textuais e de referência a outras partes do texto ou ao intertexto científico; pela grande ocorrência de frases passivas; pela ocorrência frequente de anáforas pronominais e nominais e de procedimentos de referenciação dêitica intratextual; por uma baixa densidade verbal e por uma muito alta densidade sintagmática.

O subsistema temporal que ocorre no discurso teórico é semelhante ao que ocorre no discurso interativo, mas com uma nítida dominância do presente em relação ao passado composto e com muito poucas ocorrências de futuro, sendo que o valor desses tempos é agora genérico, diferente do valor mais dêitico que têm no discurso interativo. Isso decorre da não ancoragem do eixo de referência temporal global no ato de produção e da não explicitação de uma origem para esse eixo temporal. Os eventos expostos passam a ter validade ilimitada. Há, ainda, ocorrência de formas do condicional no discurso teórico.

O relato interativo é próprio de situações de interação geralmente monologadas, orais reais ou postas em cena em trechos de gêneros escritos, e caracteriza-se, a princípio, por ausência de frases não declarativas. Nesse tipo de discurso disjuncto, a implicação dos parâmetros físicos da ação de linguagem é estabelecida: pela ocorrência de organizadores temporais que servem como traços de escansão da atividade narrativa iniciada a partir da origem espaçotemporal; pela ocorrência de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e do plural, que se referem aos interlocutores da situação de interação em que o relato foi desenvolvido; pela ocorrência dominante de anáforas pronominais em relação às nominais, que geralmente se apresentam na forma de repetição fiel do sintagma antecedente; por uma alta densidade verbal e por uma baixa densidade nominal, como acontece no discurso interativo.

A implicação, no relato interativo, também é marcada pela utilização de um subsistema temporal que tem o imperfeito e o passado composto como tempos centrais, juntos com o mais-que-perfeito e o condicional.

Na narração, tipo de discurso geralmente monologado e próprio de gêneros escritos, há presença apenas de frases declarativas. A autonomia das instâncias de agentividade em relação aos parâmetros físicos da ação de linguagem é caracterizada: pela presença de organizadores temporais; pela ausência de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e do plural que se referem ao produtor do texto ou destinatário; pela ocorrência conjunta de anáforas pronominais e nominais (sendo

⁴ Relativamente ao português, como não há um passado composto com valor temporal semelhante ao do francês, seu papel acaba sendo assumido pelo pretérito perfeito simples do indicativo. A função da forma de futuro perifrástica pode ser assumida não só pela forma perifrástica correspondente em português, *ir + infinitivo*, mas por outras formas de expressão de futuridadade como o próprio presente simples do indicativo e o futuro do presente do indicativo.

que estas últimas retomam, geralmente, o sintagma nominal por substituição lexical), e por densidades verbal e sintagmática medianas em relação aos outros tipos de discurso.

A autonomia, na narração, é caracterizada especialmente pela utilização de um subsistema temporal que tem como tempos centrais o pretérito simples e o imperfeito, aos quais se associam o passado anterior, o mais-que-perfeito, o condicional e formas com o auxiliar no imperfeito + infinitivo.

É claro que as configurações de unidades dos tipos linguísticos descritas acima são relativas ao francês. De antemão, já pode ser apontada, em relação ao português, uma grande diferença, no que diz respeito à configuração dos subsistemas temporais, que é a inexistência, nessa língua, de um passado composto nos moldes do passado composto francês. Consequentemente, como o passado composto ocupa o lugar de tempo central em certos tipos de discurso, os subsistemas temporais no português terão uma organização razoavelmente diferente.

No francês, entre os subsistemas temporais dos tipos de discurso do mundo do narrar, uma das diferenças mais importantes é justamente a oposição *passado simples X passado composto*. No português, essa diferença fica anulada, uma vez que o pretérito perfeito assumirá a função dos dois tempos. Outra consequência é a de que o pretérito perfeito terá, no português, um duplo papel a cumprir: tanto poderá ser um tempo do mundo do narrar, de que é próprio no francês, como do mundo do expor, já que nesse mundo ocupará o lugar do passado composto francês.

Apesar dessas diferenças, os tempos verbais em português respondem também às diferenças nessa dimensão dos mundos discursivos. Koch (1984, 1989, 1992) identifica grupos temporais no português a partir da proposta de Weinrich (1974), cujos grupos de tempo são bastante semelhantes aos subsistemas temporais apontados por Bronckart, e os associa também aos mundos discursivos. O trabalho de Machado (1995) também confirma a relação entre subsistemas temporais e os tipos de discurso no português.

Além de observados quanto a suas funções na dimensão dos mundos discursivos, os tempos verbais podem ser analisados quanto a suas funções em uma dimensão mais específica, interior a cada mundo discursivo: a dimensão que comporta as marcações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade dos *processos* expressos pelos verbos em relação a pontos de referência, relacionados ou não à duração do ato de produção.

Weinrich (1974, p. 349-350) denomina essa dimensão de *dimensão da perspectiva comunicativa*, que compõe as três dimensões fundamentais a partir das quais o sistema temporal do verbo deve ser analisado, ao lado da *dimensão da atitude comunicativa*, correspondente à dos mundos discursivos, e da dimensão do relevo,⁵ que é relativa aos efeitos da distinção aspectual perfectivo/imperfectivo, embora Weinrich tenha outra interpretação, por rejeitar a noção de aspecto. A dimensão da *perspectiva comunicativa* é um dos únicos pontos em que o autor reconhece a influência do tempo cronológico, que tenta a todo custo excluir da explicação dos sistemas temporais. Na verdade, como pondera Abreu (1998, p. 28), a perspectiva dos tempos verbais a partir dos mundos discursivos não é incompatível com as perspectivas mais referenciais dos tempos.

Entendemos, portanto, que cada tipo de discurso atualizador de um mundo discursivo apresenta seu subsistema temporal, composto de tempos verbais que expressam anterioridade, simultaneidade e posterioridade, em outras palavras, passado, presente e futuro. Um ponto central é, então, definir anterioridade, simultaneidade e posterioridade na dimensão da perspectiva comunicativa.

⁵ A *dimensão de relevo*, que diz respeito às distinções aspectuais, traduz-se, na perspectiva de Bronckart (2003), em duas de quatro funções de coerência verbal, às quais faremos remissão a seguir. Essas funções relativas a valores aspectuais não são definidas com base nos parâmetros que são nosso foco, portanto, não são exploradas neste trabalho.

2 REICHENBACH E OS TRÊS PONTOS TEÓRICOS NA LINHA DO TEMPO

Para definir anterioridade, simultaneidade e posterioridade, recorreremos, primeiramente, a Reichenbach (1947), lógico que formalizou uma interpretação temporal das línguas naturais. Um ponto fundamental para entender a sua teoria é a consideração de como o próprio tempo pode ser definido. Há três tipos de teorias pelas quais se pode fazê-lo: as do *tempo absoluto*, para as quais o tempo tem existência independente dos eventos e flui sem relação com qualquer coisa externa a ele; as de *tempo relacional*, para o qual não existe uma entidade tempo, o qual somente é constituído a partir dos eventos e de suas relações; e as de *tempo relativo* (das quais a mais conhecida é a de Albert Einstein), para as quais as relações temporais entre percepções de eventos podem não corresponder às relações temporais entre eventos, ou seja, o tempo só pode ser definido relativamente a um observador, de cuja posição dependerá a simultaneidade ou a sucessividade dos eventos. É na teoria da relatividade de Einstein que se baseia a interpretação de Reichenbach.

Para formalizar sua interpretação, Reichenbach estabeleceu três pontos teóricos na linha do tempo: o *momento do evento (ME)*, aquele em que ocorre o evento a que o enunciado se refere, ou seja, o tempo da predicação; o *momento da fala (MF)*, o tempo da comunicação, isto é, o momento em que a enunciação sobre um dado evento se realiza; e o *momento de referência (MR)*, eixo temporal fixo de referência, com relação ao qual são localizados tanto o momento da fala, quanto o momento do evento, e a partir do qual se define simultaneidade e anterioridade; é o tempo da referência. Embora esses três pontos sejam construtos teóricos, o momento de referência é o mais abstrato de todos e sua inclusão na interpretação de Reichenbach é uma consequência direta da visão relativista do tempo: só se pode proceder a uma interpretação temporal a partir de um sistema de referência, pois o tempo não existe como entidade absoluta.

A percepção dos eventos não será única, mas dependerá do ponto de vista, ou de referência adotado. Presente, passado e futuro não podem ser definidos absolutamente, já que agora um evento que é presente, passado ou futuro quando observado de um determinado ponto de referência, pode não o ser, de outro.

Corôa (1985), a partir da teoria de Reichenbach, desenvolve uma simulação formal dos modos de expressão da categoria de tempo em português. É com base nas relações de anterioridade e simultaneidade entre os três pontos temporais de Reichenbach que os *tempora*⁶ das línguas naturais podem ser estudados e delimitados. As combinações matematicamente possíveis nunca estão presentes todas de uma vez em uma língua, que faz uma seleção das possibilidades no seu desenvolvimento histórico, organizando-as em sistemas.

No português, o presente é definido como *tempus* em que ME, MF e MR são simultâneos (ME, MF, MR).⁷ Essa simultaneidade só é percebida quando se consideram ME, MF e MR não como momentos únicos e indivisos, mas como conjuntos de momentos. Dessa forma, para que haja a simultaneidade entre os três momentos, eles não precisam coincidir quanto aos seus limites: é necessário tão somente que um ponto de cada um dos três coincida. Podem ser, na verdade, parcialmente simultâneos, mas quanto menos pontos entre os três coincidirem, mais fraca é a força dêitica do tempo expresso.

As formas do pretérito são as que mais diretamente se relacionam com o ME. Traduzem fatos mais reais e um mundo mais objetivo, uma vez que se referem a eventos já acontecidos.

⁶ A autora faz uma distinção terminológica entre tempo, que usará para se referir ao conceito de tempo que faz parte de nossa consciência, e *tempus* (plural *tempora*), para as formas gramaticais que o expressam.

⁷ Vírgulas entre os momentos nessas representações indicam simultaneidade, e travessões, anterioridade.

Nelas, o ME ocorre sempre antes do MF. Dentre as possibilidades matemáticas, o português seleciona ME-MR-MF, que representaria o pretérito mais-que-perfeito, ME-MR, MF, o pretérito perfeito, e ME, MR-MF, o pretérito imperfeito.

Já nas formas do futuro, o ME está sempre precedido por MF. As possibilidades em português são: MF, MR-ME; MR-MF-ME e MF-ME-MR. A representação MF, MR-ME corresponderia ao futuro do presente do português, como na oração “O garoto virá mais cedo” (CORÔA, 1985, p. 58). Há certas semelhanças entre futuro e perfeito: o evento tem lugar num tempo necessariamente diferente do momento da fala, só que em um tempo que virá e não que já foi, tomado de uma perspectiva do MF. Também se percebe que o MF e o MR são simultâneos, só que em vez de se fazer referência a um evento totalmente acabado, faz-se referência a um momento totalmente não começado.

A representação MR-MF-ME retrata o futuro do pretérito do português, como na oração “O garoto viria mais cedo” (CORÔA, 1985, p. 58). Segundo Corôa, tentando-se excluir as interpretações modais e hipotéticas, constata-se que o evento ainda não ocorrido já era previsto em um tempo anterior ao da enunciação. No chamado futuro histórico, como na frase “Na manjedoura, nascia (nasceu) aquele que seria (viria a ser) o salvador do mundo” (CORÔA, 1986, p. 60), essas relações ficariam bem evidentes: o falante compreende que o evento “ser o salvador do mundo” é futuro somente em relação a um passado e o faz tomando como base um ponto de referência anterior ao momento da fala.

A representação MF-ME-MR ocorre também em português, mas com uma forma analítica, como na frase “Telefone-me amanhã que já terei lido sua proposta”. O evento “telefonar”, MR para o evento “ler sua proposta”, é posterior ao evento no futuro.

Embora apoiadas na perspectiva de Reichenbach (1947), da qual também fazemos uso, essas definições dos tempos verbais apresentam alguns problemas do ponto de vista que estamos adotando. Percebemos que os três momentos são colocados e relacionados em uma linha temporal a partir da qual se obtém um sistema temporal único, em que se opõem todas as formas verbais. Observando as delimitações dos tempos do futuro, por exemplo, vemos que futuro do presente e futuro do pretérito têm de ter, nessa análise de Corôa, representações diferentes, assim como o futuro do presente composto.

Contudo, chama atenção o fato de o futuro do pretérito composto (por exemplo, “teria ficado” em “Joana teria ficado mais feliz se você tivesse vindo”) não ter representação. É certo que Corôa (1985, p. 58) tenta se ater, ao máximo, aos empregos menos modais e mais temporais do futuro, mas isso não explica a falta de referência ao futuro do pretérito composto, já que ela procurou delimitar o futuro do pretérito simples, nem mais nem menos rico em relação a valores modais.

Questionamos, também, e isso dentro da proposta que desenvolvemos é ainda mais importante, a própria representação MR-MF-ME como explicativa do futuro do pretérito português. Ora, considerando, como o faz Corôa (1985), um único sistema temporal em que se posicionam numa linha um ME, um MR e um MF, do que se pode chegar à definição de todos os tempos, não vemos como justificar, no próprio exemplo que usa, o evento “seria o salvador do mundo” como posterior ao momento da fala. Em sua explicação sobre o exemplo acima, ela afirma que o momento do evento é posterior a um momento de referência anterior ao momento da fala, mas nada diz em relação ao posicionamento do momento do evento relativamente ao momento da fala: “O evento “ser o salvador do mundo” é futuro apenas a partir de uma perspectiva passada – hoje em dia seria presente ou passado. O falante e o ouvinte contemplam essa possibilidade a partir de um sistema de referência que se colocou antes da enunciação de (54)” [Na manjedoura, nascia (nasceu) aquele que seria (viria a ser) o salvador do mundo] (CORÔA, 1985, p. 60). Fica bem claro que ME é posterior a um MR anterior a MF, mas nada fica dito de ME em relação a MF. Isso se dá por uma

única e muito importante razão: MF, exatamente como o momento da enunciação no mundo ordinário do agente produtor, em que se localiza também o ouvinte, não influi em exemplos como esse. Dessa forma, mesmo MR não pode ser definido como anterior em relação a esse MF.

Entendemos que os pontos teóricos de Reichenbach (1947), numa análise das formas verbais e de suas funções em uma língua, devem ser considerados de uma perspectiva mais ampla, que leve em conta a dimensão dos tipos de discurso tradutores dos diferentes mundos discursivos. Chegamos, então, à nossa tese central: postulamos que a constituição desses pontos depende das características dos tipos de discurso. Dessa forma, as funções temporais devem ser analisadas e definidas a partir da consideração de que os tempos verbais então organizados não em um sistema temporal único, mas em subsistemas característicos de cada tipo de discurso.

Cada tipo de discurso teria sua própria linha temporal em que os pontos teóricos se localizam em termos de simultaneidade, anterioridade e posterioridade, que não se sobreporia à linha temporal de outro tipo de discurso. Em linhas gerais, as relações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade entre os pontos teóricos seriam as mesmas; a diferença residiria no estatuto desses pontos em cada tipo de discurso.

As línguas são sensíveis a isso, traduzindo essa diferença com diferentes conjuntos de formas verbais organizados em subsistemas temporais. Por isso, temos, por exemplo, futuro do presente e futuro do pretérito; não é, porém, que se trate de dois “futuros” diferentes que podem ser opostos entre si em uma mesma linha temporal: remetem à posterioridade, a mesma, mas em diferentes tipos de discurso tradutores de diferentes mundos discursivos.

Ressalte-se, contudo, que os tempos verbais desses subsistemas não são exclusivos de um determinado tipo de discurso, numa relação isomórfica, de um-para-um. Muitas vezes, tempos verbais característicos de um tipo de discurso podem ocorrer em outro. No entanto, essas ocorrências causam efeitos no tipo de discurso em que a forma verbal aparece deslocada, levando, para este, aspectos semântico-discursivos próprios do tipo de discurso de que são características. Weinrich (1974, p. 139) explica tais ocorrências a partir da noção de *metáfora temporal*: por causa do deslocamento, a forma verbal adquire valores metafóricos que são decorrentes da tensão entre seu valor original e o valor que passa a ter no novo contexto. De maneira semelhante, Bronckart (2003) explica, por exemplo, o uso de formas do presente do indicativo como o tempo de perspectiva de presente em um texto do mundo do narrar (e dos outros tempos, pretérito perfeito e futuro do presente, como os tempos de perspectiva de passado e futuro, respectivamente), que teria o intuito de trazer, para o texto do narrar, a característica dos textos do expor de maior envolvimento com os eventos enunciados. Isso produz, no interlocutor, o efeito da *hipotipose* (BRONCKART, 2003, p. 200), a sensação de que os fatos se desenrolam diante de si, embora tenham se dado em “outro mundo”.

3 UMA PROPOSTA DE PARÂMETROS DE LOCALIZAÇÃO TEMPORAL BASEADA NOS TIPOS DE DISCURSO

Bronckart (2003), na análise dos mecanismos de textualização e coesão verbal, também faz uso das proposições de Reichenbach (1947). Critica as abordagens-padrão do tempo que definem os valores de temporalidade tendo em vista as relações entre o momento da fala e o momento do processo verbal. Presente, passado e futuro são definidos, assim, respectivamente, a partir da simultaneidade, anterioridade e posterioridade do segundo momento relativamente ao primeiro. A crítica de Bronckart (2003) reside no fato de essas abordagens serem *fisicalistas*, pois tomam esses momentos como objetáveis fisicamente no mundo ordinário, e *binárias*, dado que se baseiam exclusivamente na existência desses dois momentos.

O autor argumenta que um terceiro momento, o momento de referência de Reichenbach (1947), é fundamental na descrição das funções temporais das formas verbais. Além disso, os momentos não seriam diretamente objetáveis, teriam um caráter psicológico. Através da postulação desses três momentos, seriam melhor explicadas, por exemplo, as diferenças entre as frases “Amanhã, Pedro *vai* a Lausanne” e “Amanhã, Pedro *irá* a Lausanne” (BRONCKART, 2003, p. 276). A forma verbal no presente ou no futuro seria explicada em termos da codificação de diferentes percepções das relações entre os três momentos: a primeira resultaria da codificação de uma relação de *inclusão* de ME em MR, e a segunda, da codificação de uma relação de posterioridade de ME em relação a MF.

Para adequá-los à sua perspectiva textual, Bronckart (2003, p. 181) redimensiona MF, MR e ME, que passam a ser chamados, respectivamente: *duração de produção*, que remete à duração psicologicamente construída de qualquer produção discursiva, podendo levar um segundo, no caso da tomada de fala, ou anos, no caso da produção de um romance, por exemplo; *eixo de referência temporal*, duração formal ou psicológica em que se desenvolve o *processo narrativo* e o *processo expositivo*; e *processo*, referente aos conteúdos expressos pelos verbos, tanto os que podem ser objetivamente datados, como os fictícios ou hipotéticos.⁸ Esses três parâmetros são a base de duas das quatro funções de coesão verbal: a *temporalidade primária* e a *temporalidade secundária*⁹:

Na função de temporalidade primária, o processo é diretamente relacionado ou com um dos eixos de referência, ou com a duração associada ao ato de produção. Em termos culiolianos, essa função estabelece um modo determinado de localização do processo em relação a um dos parâmetros de controle. Quando esse parâmetro é a duração associada ao ato de produção, distinguiremos localizações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade; quando esse parâmetro é o eixo de referência global de um tipo de discurso, distinguiremos localizações neutras, assim como localizações isocrônicas, retroativas e projetivas; quando se trata de um eixo de referência local, identificaremos, finalmente, uma localização de inclusão.

A função de temporalidade secundária consiste em situar um processo em relação a outro processo, que é, por sua vez, relacionado com um dos parâmetros de controle. (BRONCKART, 2003, p. 283)

A distinção entre a função de temporalidade primária e a de temporalidade secundária reside, pois, na relação direta do *processo* relativamente a um dos parâmetros de controle, no caso das primeiras, e na relação indireta, mediada por outro *processo*, no caso das segundas.¹⁰

Nesse ponto, levantamos alguns problemas e pretendemos desenvolver uma proposta algo diferente da de Bronckart (2003). Repare-se que, nessa forma de explicar, uma forma de presente

⁸ Os tipos de discurso, como temos visto, revelam a construção de mundos discursivos específicos. Os tipos de discurso são regidos pelo *narrador* e pelo *expositor*, “instâncias teóricas às quais o agente produtor atribui ‘a responsabilidade do dizer’ e sob a égide dos quais se desenvolvem, respectivamente, o processo narrativo e o processo expositivo” (BRONCKART, 2003, p. 281). As noções de *narrador* e *expositor*, englobadas pela denominação de *textualizador* (BRONCKART, 2003, p. 96), correspondem à noção de *enunciador* tal como introduzida por Ducrot (1984) para dar conta das diferentes vozes (*polifonia*) que se expressam em um texto. O processo narrativo e o expositivo constituem, portanto, o encadeamento dos *processos*, apresentados por essas instâncias teóricas, para compor o texto narrativo e o expositivo.

⁹ As outras duas funções de coerência verbal, baseadas em distinções aspectuais, são: *contraste global*, em que uma série de processos é colocada em primeiro plano em relação a outras; e *contraste local*, em que um processo é colocado em primeiro plano em relação a outro, localmente. Tais distinções traduzem a forma de Bronckart (2003) incluir o aspecto verbal em sua perspectiva.

¹⁰ Essa noção de temporalidade secundária se aproxima do que Comrie (1985) chama de *tempo relativo-absoluto*, e Fleischman (1982) chama de *tempo relativo*, em que a localização de uma situação não é definida a partir do presente do momento da fala, mas a partir de um momento de referência fornecido pelo contexto linguístico.

do indicativo, como no exemplo acima (“Amanhã, Pedro *vai* a Lausanne”) não poderia ser considerada como uma variante que expressa futuridade, por exemplo, como o é em muitos estudos (cf. OLIVEIRA, 2006; ALVES, 2011), uma vez que resultaria, nos termos de Bronckart (2003), da codificação de uma relação específica entre somente dois dos parâmetros, com o que, de antemão, não concordamos.

Em nossa visão, tal forma de explicar as funções temporais continua sendo *binária*. Na codificação de cada relação, só entram dois termos como está dito na citação acima: o *processo* ou é situado em relação ao eixo de referência temporal, do que resultou o presente, em uma das frases do exemplo acima, ou à duração de produção, do que resultou o futuro, na outra frase. Preferimos considerar alternativamente que, tanto num como no outro caso, a forma verbal codifica a mesma função de localização do *processo*. Pretendemos assumir que os mesmos parâmetros entram em jogo nos dois casos, o que nos permitiria analisar as duas formas verbais como variantes codificadoras de uma mesma função, a de expressão de futuro, como têm sido consideradas em vários estudos, como os mencionados acima. Mas, para isso, é necessário um rearranjo na proposta de Bronckart (2003).

De acordo com tal proposta, nos mundos do expor, a função de temporalidade primária é estabelecida tendo como base a localização do *processo* ou relativamente à duração associada ao ato de produção, do que resultam *localizações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade*, ou relativamente a eixos de referência, que podem ser ilimitados e atemporais, do que resultam *localizações neutras* (principalmente no discurso teórico) e também podem ser locais, delimitados por advérbios e outras expressões temporais, do que decorrem *localizações isocrônicas e heterocrônicas* (retroativas ou projetivas) ou de *inclusão*, como no exemplo “Amanhã, Pedro vai a Lausanne”.

Nos mundos do narrar, a função de temporalidade primária é estabelecida tendo em vista a localização do *processo* somente em termos do eixo de referência temporal, cujo início é marcado pela origem espaçotemporal. Os *processos* podem, então, ser narrados *pari passu* com o desenvolvimento desse eixo, do que decorrem localizações *isocrônicas*, ou sem sincronia em relação a esse eixo, do que resultam localizações *heterocrônicas* (retroativas ou projetivas). A duração associada ao ato de produção não tem pertinência na localização dos *processos*.¹¹

Talvez se possa sustentar um ponto de vista diferente: o de que a função de temporalidade primária é sempre estabelecida com base em três parâmetros de localização (no mínimo): o *processo* (parâmetro que será adotado por nós nos moldes propostos por Bronckart) é sempre situado em relação a um *eixo de referência temporal global* e a um ponto de referência identificado como a *fase atual do processo de textualização* (*fase atual do processo expositivo* ou *fase atual do processo narrativo*).¹²

Conforme já comentamos, Bronckart (2003) redimensiona, em sua perspectiva textual, o momento de referência (MR) de Reichenbach (1947) e passa a chamá-lo de *eixo de referência temporal* de um tipo de discurso, que corresponde à duração formal ou psicológica do processo narrativo ou do processo expositivo. Seria, portanto, um eixo de referência global que ajuda a

¹¹Esse fato também é afirmado, por exemplo, em Reinhart (1984). Segundo a autora (REINHART, 1984, p. 786), o fato de as sequências narrativas não serem tomadas a partir do momento da fala é uma de suas características centrais. Nelas, o tempo da fala é irrelevante e o mundo temporal do texto é construído internamente. Tem seu próprio “presente narrativo”, a partir de que os eventos são avaliados.

¹² Estamos usando o termo especificador “de textualização” para subsumir, numa designação mais geral, os termos *expositivo* e *narrativo*. Como as instâncias formais, expositor e narrador, são chamadas de *textualizadores* (BRONCKART, 2003, p. 95-96), são responsáveis por *textualizar*, ou seja, desenvolver os processos expositivo e narrativo. Vemos, então, a possibilidade de usar o termo especificador “de textualização” para nos referirmos de forma geral aos processos expositivo e narrativo.

definir o próprio tipo de discurso. Entretanto, Bronckart (2003) também menciona a possibilidade de esse eixo global coexistir com *eixos de referência locais*, mas não se aprofunda em como essa coexistência se efetiva. Fica dito apenas que tais eixos podem ser tomados para a definição de uma localização de *inclusão* do *processo*.

Esses eixos de referência temporal locais parecem ter, na verdade, uma função mais geral de *especificar* a localização de determinado *processo* em relação ao eixo de referência global, ressaltando as relações de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade, como o fazem advérbios e expressões adverbiais, a exemplo de *amanhã, ontem, na semana passada*. Outros, no entanto, para além de especificar, chegam a *limitar* a temporalidade do *processo*, colocando-o como dependente de outro *processo* não acontecido, como o fazem orações temporais e condicionais como *quando ele chegar, se ele vier, se ele tivesse vindo*. Esse tipo de eixo local parece interferir na relação entre o *processo* e os outros parâmetros: ocorre a atuação simultânea de dois momentos de referência na localização do evento: o *eixo de referência temporal global* situa a temporalidade do evento e estabelece o mundo discursivo, e o *eixo de referência temporal local*, constituído de um *processo* não acontecido, limita essa temporalidade. Por exemplo, essa limitação parece estar na base da distinção entre um futuro mais temporal e outro mais modal (cf. CAMARA JR, 1994, p. 101). O eixo de referência limitador diminui a força dêitica da forma verbal e acentua as perspectivas modais de irrealidade, possibilidade e probabilidade.

O que chamamos de *fase atual do processo de textualização* (*fase atual do processo expositivo* ou *fase atual do processo narrativo*) se refere a um ponto de referência que o expositor ou o narrador toma como centro do eixo de referência temporal global para apresentar um *processo* como simultâneo, anterior ou posterior a ele. Esse centro ou pode ser a *duração associada ao ato de produção*, como postulada por Bronckart, e nesse caso será fixo, permanecendo como centro em todo o processo de textualização; ou pode ser um outro *processo*, quando a duração de produção não tiver pertinência, e, nesse caso, será momentâneo, podendo ser substituído adiante, no decorrer do processo de textualização.

Na verdade, nas próprias explicações de Bronckart, está pressuposto esse parâmetro, mas não nos moldes em que o estamos desenvolvendo. Para explicar esse parâmetro que estamos propondo e mostrar em que se diferencia do que Bronckart (2003) propõe, reproduzimos abaixo o mesmo exemplo de texto narrativo em que se baseia:

Robert passou (L.iso) às margens do Rhône duas semanas encantadoras. Pois Avignon para onde todo o ouro da Cristandade afluía (L.iso), era (L.iso) uma cidade de prazer sem igual [...] O novo par de França teve várias audiências com o Santo Padre, um festim foi dado (L.iso) em sua honra no palácio pontifical e ele se entreteve (L.iso) doutamente com bom número de cardeais [...] De volta a Paris no mês de março, Robert esfregava (L.iso) as mãos e afirmava (L.iso) que de novo ia se produzir (L.pro).

No começo de maio, morreu (L.iso) o bravo Gaucher de Chatillon, na entrada de seu octagésimo ano. Ele tinha nascido (L.retro) sob o reinado de Saint Louis e tinha exercido (L. retro) durante vinte anos o cargo de 'connetable'. Sua voz tinha várias vezes mudado (L. retro) a sorte das batalhas e prevalecido (L.retro) nos conselhos reais.

No dia 26 de maio, Eduardo III [...] embarcou (L.iso) em Douvres para vir prestar homenagem a seu primo de França [...]. Um soberano de dezesseis anos, confiado à guarda de dois bispos, ia então afrontar (L.pro) a mais impressionante corte do mundo [grifos do autor] (DRUON, 1970 apud BRONCKART, 2003, p. 286)

Vejamos como o autor explica a organização da coesão verbal na *narração* a partir desse trecho:

Examinando esse trecho de narração, observamos, primeiramente, que nenhum dos tempos verbais que aparecem traduz uma relação dos processos com a duração de produção. Isso confirma a não-pertinência absoluta desse parâmetro externo.

*Os tempos verbais observáveis, na verdade, marcam modalidades específicas de localização dos processos em relação ao eixo de referência constituído pelo decorrer do processo narrativo. Permanecendo no plano referencial, poderíamos admitir que os processos constitutivos da diegese (da história narrada) desenvolveram-se de acordo com uma ordem de sucessão <<objetiva>>. Mas, na narração mesma, a apresentação [grifo nosso] desses processos não se efetua necessariamente reproduzindo, tal qual, esse ordenamento temporal verossímil. Em alguns casos, é certo, os processos são efetivamente apresentados [grifo nosso] em uma ordem que parece reproduzir a dos acontecimentos da diegese; consideraremos, então que o decorrer do processo narrativo e a ordem de sucessão dos processos se desenvolvem <<em paralelo>> e que esses processos são objetos de uma **localização isocrônica (L.iso)** em relação ao eixo de referência temporal. Mas, em outros casos, os processos são claramente apresentados [grifo nosso] em uma ordem deslocada em relação à da diegese: ou eles são apresentados [grifo nosso] como anteriores à fase atual do curso do processo narrativo [grifo nosso] e, então, são objetos de uma **localização retroativa (L.retro)**, ou são apresentados [grifo nosso] como posteriores à fase atual desse processo [grifo nosso] e, então, são objeto de uma **localização projetiva (L.pro)** (BRONCKART, 2003, p. 286-287)*

Em vários momentos da exposição, há referência ao fato de os *processos serem apresentados*, conforme grifamos. Se os *processos* são apresentados, são apresentados por alguma entidade, nesse caso, o narrador, que assume e gerencia a responsabilidade de *dizer*. Chama atenção a expressão *fase atual do processo narrativo*. Essa *atualidade* tem de ser definida a partir de algum ponto de referência, que, a nosso ver, nesse caso, é um *processo* já enunciado, que o narrador toma como centro momentâneo, de onde enuncia um outro *processo*, como passado, presente ou futuro em relação a essa fase atual.

Como se percebe, nesse ponto, nossa interpretação segue um caminho diferente do traçado na argumentação de Bronckart (2003). Entendemos que o autor toma como um mesmo parâmetro o eixo de referência temporal e a fase atual do processo narrativo. Quando está se referindo à localização isocrônica, ele afirma que os *processos* são localizados em relação ao eixo de referência temporal. Como fica claro no início do próprio trecho acima, esse eixo de referência temporal é constituído pelo *decorrer* do processo narrativo. Quando o autor está se referindo às localizações retroativa e projetiva, o *processo* é situado em relação à fase atual do processo narrativo. Argumentamos que a fase atual do processo de textualização (narrativo, no trecho) não corresponde ao que Bronckart (2003) tem chamado eixo de referência temporal. Não percamos de vista o fato de que esse eixo, como mesmo define Bronckart (2003), é global e corresponde ao *decorrer* ou à *duração* do processo de textualização e, portanto, envolve todas as fases desse processo e não só a fase atual. Dessa maneira, estamos identificando dois parâmetros diferentes: o eixo de referência global do tipo de discurso e o ponto de referência que define uma atualidade no processo de enunciação, que, no processo narrativo, constitui-se momentaneamente de um determinado *processo* já apresentado.

Para exemplificar, no trecho acima, o eixo de referência global tem início com o primeiro *processo* enunciado, *passou* (duas semanas). A partir daí se desenvolve pela apresentação de vários outros processos e tem seu fim no último processo enunciado, *ia afrontar*. Ressaltamos que o eixo de referência global é constituído de todos os processos enunciados. Reparemos que, como Bronckart (2003) afirma, muitas vezes os *processos* são apresentados em uma ordem que parece reproduzir a dos acontecimentos da história narrada, do que decorrem *localizações isocrônicas* como as das formas verbais no perfeito (*passou, teve, entreteve, foi dado, embarcou*) e imperfeito do indicativo (*afluía, era, esfregava e afirmava*). Em outros casos, os processos são apresentados em ordem diferente da ordem da história, do que decorrem *localizações heterocrônicas*, retroativas, com as formas do mais-que-perfeito (*tinha nascido, tinha exercido, tinha mudado, tinha prevalecido*), e projetivas, com as formas perifrásticas de futuro do pretérito (*ia se produzir, ia afrontar*).

A partir da nossa consideração da existência do parâmetro *fase atual do processo de textualização* (narrativo, no caso), as *localizações isocrônicas* marcam processos como alinhados temporalmente a esse parâmetro, com uma perspectiva de presente em relação a ele. No trecho acima, a forma verbal *passou* (duas semanas) assume a fase atual do processo narrativo e as outras formas verbais do parágrafo (*teve, entreteve, foi dado, afluía, era*) são apresentadas alinhadas temporalmente a ela, com a perspectiva de presente.

Com a expressão *de volta*, que no contexto equivale a um *processo*, especificado pela expressão temporal *no mês de março*, inaugura-se uma nova fase atual do processo narrativo. O narrador se detém ali¹³ e estabelece uma localização isocrônica dos *processos esfregava e afirmava* em relação a essa fase. Além disso, estabelece uma *localização heterocrônica*: apresenta outro *processo* usando uma forma perifrástica de futuro do pretérito, *ia se produzir*, localizando o evento expresso nela com uma perspectiva de futuro em relação à fase atual do processo narrativo.

Com o *processo morreu*, especificado por outra expressão temporal, *no começo de maio*, tem-se uma nova fase atual do processo narrativo. Outros quatro *processos, tinha nascido, tinha exercido, tinha mudado e tinha prevalecido*, são então apresentados com uma perspectiva de passado relativamente a ela. A seguir, o *processo embarcou*, especificado pela expressão *no dia 26 de maio*, é tomado pelo narrador como uma nova fase atual do processo narrativo e outro *processo, ia afrontar*, é apresentado com uma perspectiva de futuro em relação a ela.

Reparemos que a fase atual do processo de textualização não se confunde com o que estamos chamando de eixo de referência temporal local. Esse tipo de eixo coexiste com a fase atual do processo de textualização, geralmente especificando sua localização no eixo de referência global, como as expressões temporais *no mês de março, no começo de maio, no dia 26 de maio*. Assim, é possível termos atuando, ao mesmo tempo, quatro tipos de parâmetros de localização: o parâmetro fonte, que é o *processo*, dois parâmetros a partir dos quais a temporalidade do *processo* é situada, o *eixo de referência temporal global* e *fase atual do processo de textualização*, e outro, o *eixo de referência temporal local*, que especifica essa temporalidade, sendo que os três primeiros são gerais, estando sempre presentes.

O parâmetro *fase atual do processo de textualização* pode coincidir com o *momento da fala*, de Reichenbach (1947), ou a *duração de produção*, de Bronckart (2003), mas não corresponde a

¹³ Uma discussão importante, mas que não poderemos travar aqui, diz respeito aos motivos que levam o narrador a eleger determinado *processo* como fase atual do processo narrativo e tomá-lo como ponto fixo para apresentar outros processos relativamente a tal ponto. Interessante é que esse ponto parece equivaler a uma espécie de “momento da fala” do narrador e também que parece haver não só um “momento da fala” do narrador, mas um “local da fala” do narrador. É o que parece explicitar-se com o uso do verbo *vir* no exemplo acima: o narrador denuncia seu ponto de localização espacial de onde apresenta os fatos: a França.

eles. Comrie (1985), ao diferenciar tempo absoluto e tempo relativo, pondera que uma referência *absoluta* é ilusória, pois sempre o evento é situado em relação a um ponto qualquer, quer seja o momento da fala, quer não. Esse parâmetro que estamos postulando se adéqua a essa consideração. A fase atual do processo de textualização pode coincidir com a duração associada ao ato de produção, contudo, quando tal duração não for pertinente, como nos tipos de discurso do narrar, a fase atual coincide com outro ponto, um *processo* já apresentado.

Em resumo, nos tipos de discurso da ordem do narrar, o eixo de referência temporal global é estabelecido a partir de uma origem espaçotemporal (por exemplo, *no dia 22 de setembro de 1920, numa manhã de sol de outubro*). A origem espaço-temporal instaura o ponto de início do eixo de referência temporal global. Tem início o processo narrativo, a atividade de *contar*, de *narrar* os eventos, de *apresentá-los* em uma determinada ordem de sucessão. Essa *apresentação*, já que constitui um processo, é desenvolvida em várias fases, que, às vezes, são especificadas com expressões temporais (do tipo *dois dias depois, uma semana mais tarde* etc.), eixos de referência locais que as localizam mais precisamente no eixo de referência global. Tais fases vão correspondendo a certos *processos* apresentados, que, momentaneamente, vão sendo tomados como centro do processo narrativo. Outros *processos* podem ser, então, apresentados como simultâneos a esses *processos* constituintes das fases atuais. O narrador apresenta tais *processos* de uma perspectiva de *presente* em relação à fase atual, que é identificada pela forma verbal em que o *processo* é expresso: pretérito imperfeito ou pretérito perfeito do indicativo, no português.¹⁴ A *apresentação* dos *processos* vai acompanhando cronologicamente, *pari passu*, a ordem em que ocorreram na própria história narrada.

Entretanto, isso não acontece sempre. O narrador pode se fixar em uma dessas fases do processo narrativo, parar em um ponto da sucessão cronológica dos *processos*, e, dessa fase, apresentar outros *processos*, situando-os como anteriores ou posteriores a ela. A fase atual do processo narrativo e o *processo* apresentado não coincidem mais. Assim, o *processo* é apresentado de uma perspectiva de *passado* ou de *futuro*, que é identificada pelo uso de determinadas formas verbais: do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, quando o *processo* é situado como anterior à fase atual do processo narrativo, na perspectiva de passado; e do futuro do pretérito do indicativo e formas variantes, quando o *processo* é situado como posterior à fase atual do processo narrativo, na perspectiva de futuro.

Nos tipos de discurso do expor, o eixo de referência temporal global não é baseado em uma origem espaçotemporal. Pode assumir como centro (e não como início) a duração de produção, como ocorre no discurso interativo. É um centro fixo, que perdurará durante todo o processo expositivo. Podem ocorrer eixos de referência locais, advérbios e expressões temporais (*amanhã, ontem, daqui a 5 anos, quando amanhecer*) que retomam a duração associada ao ato de produção, servindo como especificadores de *processos* relativamente ao centro do eixo de referência temporal global. Entretanto, o eixo de referência temporal global pode não assumir a duração de produção como centro, deixando indefinida sua relação com esse parâmetro. O eixo global terá uma extensão ilimitada e pode ter como centro momentâneo qualquer fase que o componha. É o que acontece no discurso teórico.

A fase atual do processo de textualização pode, então, coincidir com a duração associada ao ato de produção quando ela for tomada como centro do eixo de referência temporal global. Quando o eixo de referência temporal global não tem como centro a duração do ato de produção, a fase atual

¹⁴ A distinção entre esses tempos nessa função é de caráter aspectual e ajuda a definir as funções de contraste: o perfeito coloca um evento em primeiro plano em relação a outros eventos, e o imperfeito, em segundo plano.

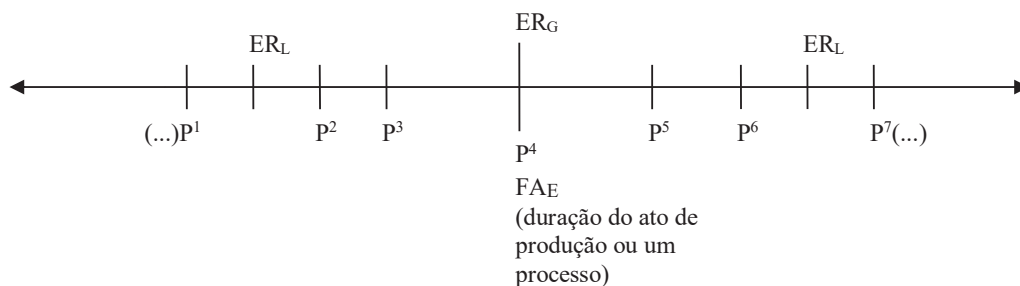
do processo expositivo coincidirá com um *processo* já apresentado, à semelhança do que ocorre nos tipos de discurso do narrar. No português, de forma geral, as formas do presente do indicativo são usadas para marcar um evento como simultâneo à fase atual do processo expositivo, as do perfeito do indicativo, como anterior, e as do futuro do presente e formas variantes, como posterior a ela.

Se analisarmos, usando os parâmetros conforme descritos acima, o exemplo de Bronckart, “Amanhã, Pedro vai (irá) a Lausanne”, que provavelmente faria parte de um texto de discurso interativo, poderemos considerar as duas formas verbais, *vai* e *irá*, como variantes expressando uma mesma função: posterioridade do *processo* de *ir* em relação à fase atual do processo expositivo, que coincidiria, no caso, com a duração do ato de produção, tomada como centro do eixo de referência global. O eixo de referência local *amanhã* especifica a localização do *processo* em relação ao centro do eixo de referência global. Os três parâmetros gerais, *processo*, *eixo de referência temporal global*, *fase atual do processo expositivo*, e mais um parâmetro extra, um *eixo de referência local*, são usados na definição da função de temporalidade.

Caso retomemos também o exemplo de Corôa (1985), veremos que a futuridade ou relação de posterioridade que é expressa em “Na manjedoura, nascia aquele que *seria* o salvador do mundo”, própria de um texto que estivesse recontando, narrando, de alguma forma a história bíblica, é semelhante à expressa na frase “Na manjedoura, nasce aquele que *será* o salvador do mundo”, dita, por exemplo, por José a Maria, no exato momento do nascimento de seu filho. O que muda é o tipo de discurso tradutor de um mundo discursivo específico de que cada enunciado é atualizador. A relação entre os pontos que definem a posterioridade em *seria* e *será* é a mesma; é o estatuto dos pontos em cada tipo de discurso, do ponto de vista de sua constituição, que é diferente: o *processo será* é posterior à fase atual do processo de textualização, que coincide com o centro do eixo de referência global do discurso interativo constituído pela duração do ato de produção. O *processo seria*, também é posterior à fase atual do processo de textualização, mas que coincide, nesse caso, com um *processo* já apresentado (*nascia*): o eixo de referência temporal global da narração não tem um centro explícito fixo. A origem espaçotemporal marca apenas o início desse eixo e qualquer das fases que o compõem pode assumir uma posição atual de centro, a partir da qual o *processo* é apresentado.

A partir do exposto, apresentamos abaixo representações gerais da localização dos parâmetros que propomos, *processo* (P), *eixo de referência temporal global* (ER_G), *fase atual do processo de textualização (expositivo/narrativo)* (FA)¹⁵ e *eixo de referência temporal local* (ER_L), na linha temporal dos mundos discursivos do expor e do narrar. Começamos pela linha dos mundos do expor:

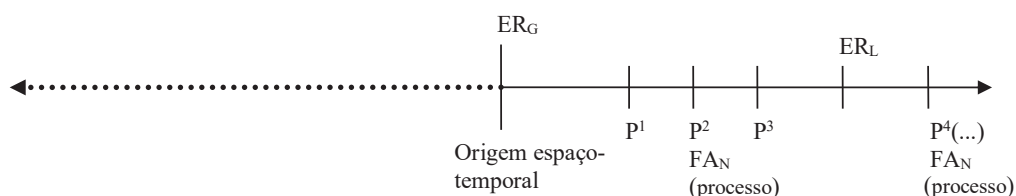
Figura 1 – Linha temporal dos mundos do expor



¹⁵ Quando nos referirmos especificamente ao processo expositivo ou narrativo, adicionaremos a FA, respectivamente, ‘E’ ou ‘N’ subscritos: FA_E, FA_N.

O eixo de referência temporal global (ER_G) do mundo do expor, que não tem início ou fim explicitados, pode ter como centro uma fase atual do processo expositivo (FA_E) coincidente com a duração de produção (no discurso interativo) ou com um *processo* (no discurso teórico). Com base na FA_E , são localizados os *processos* (P). Pode haver eixos de referências locais (ER_L), que precisam a localização dos *processos*. *Processos* localizados como simultâneos à FA_E , como P^4 , são expressos com formas do presente do indicativo. *Processos* localizados como anteriores, à esquerda de FA_E , como P^3 , são atualizados com formas do pretérito perfeito do indicativo, e os *processos* localizados como posteriores, à direita de FA_E , como P^5 , com formas do futuro do presente do indicativo e variantes. Segue, agora, a representação dos parâmetros na linha temporal dos mundos do narrar:

Figura 2 – Linha temporal dos mundos do narrar



O eixo de referência temporal global (ER_G) dos mundos do narrar tem início com uma origem espaçotemporal e não tem explicitado um centro. Determinados *processos* podem ser tomados como centros momentâneos no desenvolvimento do processo narrativo, constituindo as fases atuais do processo narrativo (FA_N). Os outros *processos* (P) são, então, localizados a partir dessas fases atuais. Alguns *processos* são apresentados como simultâneos, de uma perspectiva de presente, em relação à FA_N , por exemplo, P^2 , outros como anteriores à FA_N , por exemplo, P^1 , e outros como posteriores à FA_N , por exemplo, P^3 . Os primeiros são expressos com formas do pretérito imperfeito ou do pretérito perfeito do indicativo, os segundos, com formas do mais-que-perfeito do indicativo, e os últimos, com formas do futuro do pretérito do indicativo e variantes. A parte pontilhada da linha temporal expressa a possibilidade de ER_G ser ampliado se for feita referência a *processos* anteriores à origem espaçotemporal. Entendemos, assim, que esses parâmetros podem ser usados para a análise e definição dos tempos verbais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns estudiosos, a exemplo de Benveniste (1995), Weinrich (1974) e Bronckart (2003), propõem tratar os tempos verbais não como geralmente são considerados, a partir das relações dessa categoria com o tempo cronológico, mas de uma dimensão mais ampla, textual-discursiva, que os relaciona com os mundos discursivos de que se originam os textos produzidos nas mais variadas situações de interação verbal.

Os tempos verbais, dentro dessa perspectiva alternativa, teriam como função principal atualizar os diferentes tipos de discurso, associados aos mundos discursivos, que compõem os textos. Mais especificamente, dentro da proposta de Bronckart (2003), ao lado de outros recursos linguísticos, ajudariam a marcar se os textos produzidos pertenceriam aos mundos do expor, implicado (discurso interativo) ou autônomo (discurso teórico), ou aos mundos do narrar, implicado (relato interativo) ou autônomo (narração).

Dentro de cada um dos mundos discursivos, que são organizados com base em coordenadas espaçotemporais específicas, os tempos verbais podem ser vistos também a partir de uma dimensão que comporta as relações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade dos processos verbais em relação a pontos de referência. Corôa (1985), fundamentada na proposta de Reichenbach (1947), formula uma simulação dos modos de expressão do tempo verbal em português, relacionando o momento do evento (ME), o momento da fala (MF) e o momento de referência (MR).

Fundamentando-nos na perspectiva dos mundos discursivos e dos tipos de discurso e na existência dos pontos teóricos relativos na linha do tempo, reformuladas e adaptadas em certos aspectos, desenvolvemos a tese central do artigo: a constituição desses pontos depende das características dos tipos de discurso, de maneira que os tempos verbais devem ser analisados e definidos a partir da consideração de que os tempos verbais então organizados não em um sistema temporal único, mas em subsistemas característicos de cada tipo de discurso. A partir do exposto, propomos os seguintes parâmetros baseados nos quais os tempos verbais podem ser estudados: *processo* (P), *eixo de referência temporal global* (ER_G), *fase atual do processo de textualização (expositivo/narrativo)* (FA) e *eixo de referência temporal local* (ER_L).

Ressaltemos os limites deste trabalho que, por seu cunho teórico, não apresenta uma análise dos parâmetros postulados a partir de textos produzidos em situações discursivas concretas, o que poderia revelar, inclusive, a necessidade de ajuste na proposta teórica. Apesar de tais parâmetros terem sido utilizados para a definição da função de expressão do futuro em português no trabalho de Alves (2011), precisam ser testados em estudos posteriores que tenham como objeto outras funções temporais.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria do Socorro Cardoso de. *Referência temporal em narrativas escritas infantis*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1998.

ADAM, Jean-Michel. *Les textes types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.

ALVES, Thiago Gil Lessa. *A expressão da futuridade nos tipos de discurso do expor e do narrar a partir de textos de língua falada e escrita cearenses*. 261p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística geral I*. 4.ed. Campinas: Pontes, 1995.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 2003.

CAMARA JR., Joaquim M.. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1994.

COMRIE, B. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. Brasília: Thesaurus, 1985.

DUCROT, O. *Le dire et le dit*. Paris: Minuit, 1984.

FLEISCHMAN, S. *The future in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

KOCH, I. G. V.. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

KOCH, I. G. V.. *A coesão textual*. São Paulo: Cortez, 1989.

KOCH, I. G. V.. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

MACHADO, Ana Raquel. *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*. 263p. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1995.

OLIVEIRA, Joseane Moreira de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. 2006. 254p. Tese (Doutorado) – Curso de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

REICHENBACH, Hans. *Elements of symbolic logic*. New York: Macmillam Company, 1947.

REINHART, T. Principles of gestalt perception in temporal organization of narrative texts. *Linguistics*, v. 22, p. 779-809, 1984.

WEINRICH, Harald. *Estructura y función de los tiempos en el language*. Madrid: Gredos, 1974.



LITERATURA E MULTILETRAMENTOS: ALIANDO O VERBAL E O VISUAL

LITERATURE AND MULTILITERACIES: COMBINING THE VERBAL AND THE VISUAL

Daniely Moreira Coelho da Silva¹
 Maria do Socorro Silva de Aragão²
 Maria Silvana Militão de Alencar³

RESUMO

Diante de um mundo tão globalizado, que exige novos padrões de comportamento, em situações diversas de comunicação e de uso da linguagem, propor uma educação, especificamente, no ensino de literatura comprometida com a prática de letramento literário nas aulas de Língua Portuguesa, entrelaçando-a à luz da pedagogia dos multiletramentos, é um dos grandes desafios do professor do Ensino Fundamental, anos finais. Com isso, o presente artigo tem como objetivo promover o letramento literário na perspectiva da pedagogia dos multiletramentos, buscando destacar as semioses na constituição de sentido do texto. Adotamos como metodologia a pesquisa-ação com abordagem qualitativa. Como sugestões de atividades, utilizamos a sequência básica e o diário de leituras. Para embasamento teórico, apropriamo-nos das concepções de Cosson (2018a, 2018b), Machado (2005), Buzzo (2003), Rojo e Moura (2012), Kress e Van Leeuwen (1996, 2006), dentre

¹ Doutoranda do Programa de Pós- Graduação em Linguística Aplicada - PosLA da Universidade Estadual do Ceará, Mestre (2019) em linguística pela Universidade Federal do Ceará (Profletras), Especialista (2013) em Administração Escolar (UVA), Graduada (2007) em Letras Português-Francês (UECE). E-mail: daniely.silva@aluno.uece.br. Bolsista da CAPES em 2019. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8819-5951>

² Pós-Doutorado na Université de Paris Sorbonne Nouvelle (1976-1977), Pós-Doutorado na Universidad Complutense de Madrid (1976/1978), Pós-Doutorado na Central Connecticut State University - USA (1989/1990), Doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1974), Mestrado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1973) e Graduação em Letras Anglo Germânicas pela Universidade Regional do Nordeste (1969). E-mail: socorro.aragao@terra.com.br ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8079-6058>

³ Doutorado em Linguística (2007) pela Universidade Federal do Ceará, Mestrado em Linguística e Ensino da Língua Portuguesa (1997) - UFC, Especialização em Teoria da Linguagem (1979) – UNIFOR, Graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará (1976). E-mail: msmilitão@gmail.com ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8976-9793>. O recorte desse trabalho insere-se numa pesquisa de mestrado intitulada: *PRÁTICAS DE LETRAMENTO LITERÁRIO EM UMA TURMA DE 7º ANO*, vinculada ao Programa Profissional de Mestrado (PROFLETRAS), da Turma V, na Universidade Federal do Ceará – UFC. Pesquisa financiada pela CAPES.

outros autores. Este trabalho foi aplicado em uma turma do Ensino Fundamental, anos finais, em sala de aula de 7º ano, na Rede Pública de Ensino de Fortaleza. No processo de leitura literária, o recurso semiótico potencializou a ressignificação do texto literário por parte do leitor.

Palavras-chave: Ensino da Literatura. Letramento literário. Multiletramentos.

ABSTRACT

In the face of such a globalized world, which requires new patterns of behavior, in different situations of communication and use of language, to propose an education, specifically, in the teaching of literature committed to the practice of literary literacy in Portuguese language classes, intertwining in the light of the multiliteracy pedagogy, it is one of the great challenges of the elementary school teacher, final years. Thus, the present article aims to promote literary literacy from the perspective of multiliteracy pedagogy, seeking to highlight semiosis in the constitution of the text's meaning. We adopted action-research as a methodology with a qualitative approach. As suggested activities, we used the basic sequence and the reading diary. For theoretical support, we used the concepts of Cosson (2018a, 2018b), Machado (2005), Buzzo (2003), Rojo and Moura (2012), Kress and Van Leeuwen (1996, 2006), among other authors. This work was applied to an elementary school class, final years, in a 7th grade classroom, in the Public Education Network of Fortaleza. In the process of literary reading, the semiotic resource enhanced the reframing of the literary text by the reader.

Keywords: Teaching Literature. Literary literacy. Multiliteracies.

INTRODUÇÃO

O ensino de literatura comprometido com a prática de leitura literária, na busca de promover o letramento literário nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, vem sendo um dos grandes desafios para o professor, especialmente em tempos de globalização, já que nesse contexto de leitura, tem-se percebido um espaço diversificado de diferentes semioses que contribuem para a constituição de sentido do texto, exigindo, assim, atividades que dialoguem com a pedagogia dos multiletramentos.

Isso pressupõe uma reflexão quanto ao ensino da literatura, uma vez que se buscam novos padrões de comportamento diante de uma sociedade em constante transformação social que requer, cada vez mais, cidadãos reflexivos, capazes de compreender o mundo em situações sociais diversas.

Compreendemos que a literatura se constitui como uma área de conhecimento grandiosa para o processo de letramento literário e, assim, para a formação de leitores letrados. Nessa perspectiva, precisamos entender a realidade da educação e pensar em novas posturas, levando em consideração as possibilidades dos multiletramentos.

Com isso, o presente artigo tem como objetivo sugerir orientações de como promover práticas de letramento literário, por meio da obra *O Galha, menino de rua*, na perspectiva da pedagogia dos multiletramentos, buscando destacar as semioses que são constituintes para a compreensão do texto.

Adotamos como metodologia, a pesquisa-ação com abordagem qualitativa (THIOLLENT, 1996). Como sugestões de atividades, utilizamos a sequência básica, o círculo de leituras e o diário de leituras. Este trabalho representa um recorte de uma pesquisa de mestrado defendida em 2019. Ele foi aplicado em uma turma do Ensino Fundamental, anos finais, em sala de aula de 7º ano, na Rede Pública de Ensino de Fortaleza.

Nessa perspectiva, esta pesquisa justifica-se pela relevância da temática para a formação de sujeitos letrados e críticos, pois compreendemos a literatura como um bem cultural e de transformação do indivíduo.

Entendemos que a prática da leitura literária, unindo aspectos da linguagem verbal e visual, para a promoção do letramento literário, proporciona aos educandos experiências de interação, na constituição de significado do texto, o que favorece a formação de sujeitos reflexivos e participativos.

LITERATURA NA ESCOLA RUMO AO LETRAMENTO LITERÁRIO

De acordo com Cosson (2010, p. 56), a literatura ocupava o mesmo espaço que o ensino da leitura e da escrita, pois esteve presente na sala de aula como a matéria que contribuía com a conexão entre a escola, a língua e a sociedade, sendo a própria essência de uma formação humanista. Entretanto, a literatura foi adquirindo um outro lugar, tornou-se, sobretudo, uma ferramenta utilizada apenas para o ensino de gramática e de outras abordagens consideradas mais enriquecedoras para a proposta curricular de ensino.

Para Silva (2003, p. 514), as relações entre leitura, literatura e escola são, muitas vezes, desfeitas nas práticas de sala de aula. Segundo a autora, o ensino de língua tem priorizado com atividade frequente, no espaço escolar, apenas a utilização dos livros didáticos como instrumento principal para a experiência com a literatura.

Isso acontece porque o objetivo da leitura literária em sala de aula restringe-se, em muitos casos, à realização de tarefas escolares. Raramente são explicadas e mostradas aos alunos as variadas formas de interpretar, de compreender o sentido do texto, relacionando-o ao contexto e às vivências sociais. Dessa forma, as aulas de literatura se tornam entediadas, formando alunos incapazes de apreciar a literatura.

Os documentos oficiais, Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017), os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998) e o Documento Curricular Referencial do Ceará- DCRC (2019),⁴ no ensino de Língua Portuguesa, apontam que a atividade com o texto literário deve ser frequente e contínua e que ele “esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento.” (BRASIL, 1998, p. 29).

Lajolo (2000, p. 11) reforça que “o que fazer *com* ou *do* texto literário em sala de aula funda-se, ou devia fundar-se, em uma concepção de literatura muitas vezes deixada de lado em discussões pedagógicas”. É necessário que a escola amplie o conjunto de atividades, objetivando a leitura literária como prática lúdica de construção e reconstrução de sentidos, proporcionando o encontro do aluno com o texto, permitindo que o leitor se reconheça, se identifique na obra, que perceba que sua cultura pode talvez estar atrelada ao texto lido.

⁴ O Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC) foi elaborado pelo estado do Ceará, à luz da BNCC, em regime de colaboração com seus municípios.

Nessa perspectiva, Rouxel (2013) nos faz refletir e questionar quais são as finalidades e os objetivos do ensino da literatura. Uma delas diz respeito ao que deve ser feito sobre o propósito do ensino da literatura, tais como “para quê? *O para quê* determina o *como*. Finalidades e métodos estão ligados. Trata-se de aumentar a cultura dos alunos? (qual cultura?), de formar leitores? De contribuir para a construção de suas identidades” (ROUXEL, 2013, p. 17).

Notamos que a autora corrobora as ideias de Lajolo (2000) quando defende um ensino de literatura que vise à formação crítica e à construção e reconstrução de sentidos que podem ser atingidos através da maneira como o professor conduz o texto literário.

Com isso, Dalvi (2013, p. 75) ressalta que, na escola, “os textos literários são apresentados em desarticulação com o mundo da vida, com a história e o contexto social-econômico-cultural.”

Soares (2006) faz uma relevante reflexão quando reforça que é inevitável a escolarização da literatura, já é da essência da escola isso acontecer, entretanto, a autora salienta que seja valorizado o potencial literário.

Ainda para essa autora, uma escolarização adequada da literatura conduz ao letramento literário, uma vez que deve encaminhar a uma prática de leitura literária eficaz, que ultrapasse os muros da escola. Assim, o leitor seria capaz de interpretar, construindo conexões entre o texto e o contexto.

O ambiente escolar, por sua vez, é o espaço onde o aluno, de fato, se depara com o ato de ler mais sistematizado. Com isso, o processo de escolarização da leitura e da literatura deve ser levado em consideração, visto que é objetivo da escola contribuir para o processo de letramento literário.

Para Cosson (2018a, p. 120), o letramento literário vai além da leitura literária. O autor diz que ser um leitor letrado “é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária”. Isso significa dizer que a leitura do texto literário, além de proporcionar prazer, “fornece os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem” (COSSON, 2018a, p. 30).

Com isso, o autor destaca por que o letramento literário é tão relevante ao processo educativo ao frisar que a leitura literária, na escola, tem como propósito melhorar a qualidade da leitura e enriquecê-la, porque fornece ao leitor ferramentas de conhecimento para tornar-se proficiente no mundo da linguagem através da reflexão, ou seja, na formação de sujeitos cidadãos.

O autor ainda afirma que “para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da sua escolarização, [...] promovendo o letramento literário.” (COSSON, 2018a, p. 17).

Entende-se, portanto, que a literatura só poderá tornar-se uma ferramenta poderosa de humanização e transformação dentro da escola caso haja mudanças no sistema educacional da maioria das escolas brasileiras, pois o letramento do educando precisa ser um dos objetivos principais do ensino no Brasil.

LETRAMENTO LITERÁRIO E OS MULTILETRAMENTOS INSERIDOS EM UM CONTEXTO PLURAL DE LINGUAGENS

Compreender o letramento literário entrelaçando-o às concepções da pedagogia dos multiletramentos é pensar em um ensino que proporcione as multiplicidades de linguagens e de acesso aos bens culturais, à comunicação e à informação. Isso porque no cotidiano das escolas, na contemporaneidade, as práticas sociais estão inseridas em um contexto dinâmico e plural.

Nessa perspectiva, a literatura, também, está incorporada nesse ambiente da pluralidade de linguagens. Com isso, nas diversas práticas sociais contemporâneas, o processo comunicativo

acontece não apenas pela linguagem verbal, mas também por meio de imagens, sons, gestos entre outros recursos semióticos.

Dessa forma, o trabalho articulado para a dimensão da pedagogia dos multiletramentos pode ser direcionado ao desenvolvimento de atividades de ensino e aprendizagem voltadas para o exercício da leitura e da escrita que considerem as diversas práticas sociais da linguagem e dos textos multimodais aliando, por exemplo, de forma interativa, o visual e o verbal no processo de leitura, sobretudo, a literária.

Rojo e Moura (2012) discutem o conceito de multiletramentos, contextualizando-os numa dinâmica social e cultural que medeia semioses. Para esses autores:

Diferentemente do conceito de letramento (múltiplos), que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de multiletramentos – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO, MOURA, 2012, p. 13).

Os multiletramentos, assim, proporcionam a construção de sentidos a partir de múltiplos textos que, de forma multimodal, permitem a aprendizagem em prática cotidiana.

As semioses representadas por imagem, cor, som, textura, tipografia, palavras, movimento apresentam valor informativo na produção de sentidos do texto, constituindo-se, assim, a multimodalidade, que se refere, de acordo com Vieira e Silvestre (2015), às múltiplas semioses presentes nos textos que circulam na sociedade.

Nesse sentido, entendemos que o trabalho com a leitura de textos, em uma sociedade multimídia, deve, também, utilizar-se dos elementos visuais (imagens, sons, movimentos, cores, diagramação, formatos e destaques) para a construção de sentidos, uma vez que esses elementos são significativos e contribuem para o processo de comunicação.

Nessa perspectiva, consideramos que a análise multimodal/multissemiótica é essencial no ensino de língua portuguesa, pois ajuda a interpretar os contextos sociais e culturais, contribuindo para que o sujeito possa discernir a respeito do mundo multimodal.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, “as práticas de multiletramentos” são constituídas por meio das práticas de leitura e produção de textos construídos a partir de diferentes linguagens ou semioses “na medida em que exigem letramentos em diversas linguagens, como as visuais, as sonoras, as verbais e as corporais” (BNCC 2017, p. 487).

Assim, a BNCC reforça a necessidade da inserção da pedagogia dos multiletramentos na prática educacional e ressalta como o trabalho com a multimodalidade pode contribuir no processo de aprendizagem dos educandos, favorecendo um ensino crítico, além de tornar as aulas de língua portuguesa mais significativas para o aluno.

O texto multimodal, dessa forma, configura-se como “uma unidade de significação, constituída pelos recursos semióticos dos diversos sistemas escolhidos pelo produtor de texto, num contexto de situação, para determinados fins comunicativos” (VIEIRA; SILVESTRE, 2015, p. 98).

Diante disso, buscamos refletir sobre a importância da articulação dos recursos visuais e imagéticos para a constituição dos sentidos de textos literários considerando a dimensão interacionista da linguagem. Compreendemos, dessa forma, como os recursos da linguagem verbal e das imagens podem ser empregados de forma interativa para construir diferentes tipos de significados e para efetivar práticas de linguagem. Isso representa uma habilidade inerente aos pressupostos dos multiletramentos para construção de sentido do texto literário e formação do leitor letrado e protagonista.

Em uma prática pedagógica que utilize a pedagogia dos multiletramentos, os recursos multimodais são significativos, pois representam pistas que favorecerão a uma leitura mais proficiente, conforme apontam Vieira e Silvestre:

[...] todos os elementos provenientes de sistemas semióticos diversos que co-ocorrem nos textos multimodais podem ser analisados, relacionados uns com os outros e interpretados em termos das escolhas feitas entre os recursos semióticos disponíveis e em termos das suas contribuições para a função social e comunicativa do texto. O significado do texto não é, por conseguinte, produzido unicamente por um único modo, mas pela composição dos diversos elementos (VIEIRA; SILVESTRE, 2015, p. 100-101).

Os textos multimodais apresentam, dessa forma, potencialidades para uma ressignificação do processo de leitura, uma vez que os diferentes recursos semióticos possibilitam a construção dos sentidos do texto. Nessa dimensão da multimodalidade, consideramos que palavra e imagem juntas não correspondem às formas semelhantes de se dizer a mesma coisa; palavra significa mais quando acompanhada da imagem. Por sua vez, a imagem nem sempre transmitirá a mesma mensagem que o texto escrito, a imagem também significa mais quando acompanhada do escrito (KRESS, VAN LEEUWEN 1996, 2006).

Em um texto multimodal, o sujeito pode, de forma autônoma, escolher entre um ou outro modo de linguagem para determinada representação, de acordo com o efeito semiótico que pretende utilizar. Cada uma dessas linguagens pode atingir determinado propósito comunicativo e, quando articuladas, o potencial funcional é mais diversificado.

A pedagogia dos multiletramentos possibilita ao professor, em sua prática docente, utilizar os diferentes recursos semióticos inseridos no contexto de vivência do educando. Esses recursos constituem-se como instrumentos de interação e comunicação, assim o sujeito torna-se o sujeito de sua aprendizagem, produtor de saber e leitor autônomo (ROJO, 2009).

Consideramos que são diversas as possibilidades de leitura de textos com o uso das diferentes semioses na construção de sentido. Salientamos que, neste trabalho de pesquisa, voltado para a leitura literária, na perspectiva de promover o letramento literário, optamos por uma abordagem que buscasse a articulação entre o recurso verbal e visual no processo de leitura que exige interpretações e apreensões das linguagens contextuais num diálogo crítico, imaginativo e reflexivo.

METODOLOGIA: O VERBAL E O VISUAL NA CONSOLIDAÇÃO DE SUJEITOS LETRADOS

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, se caracteriza como pesquisa-ação, que, para Thiollent, permite aos pesquisadores se envolverem “de modo cooperativo e participativo” (THIOLLENT, 1996, p. 13).

O trabalho envolveu alunos de uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental, anos finais, em uma escola de Rede Pública de Fortaleza em sala de aula de Língua Portuguesa. Para tanto, foram realizadas atividades que unissem aspectos visuais e verbais no processo de leitura literária. A obra proposta para esse trabalho foi *O Galinha, menino de rua*, de Lourdes Carolina Gagete.

Como sugestões de atividades, utilizamos a Sequência Básica (SB) e o Círculo de Leituras (CL) proposto por Cosson (2018a, 2018b) e o Diário de Leituras (DL) proposto por Cosson (2018b), Buzzo (2003, 2010) e Machado (2005).

Para as análises, utilizamos como instrumentos, as produções no DL, e a produção dos cartazes para o CL. Nessa perspectiva, essa análise aconteceu à luz dos autores que versam sobre o trabalho com o texto literário, dialogando com teóricos que abordam as concepções do multiletramentos como Kress e Van Leeuwen (1999, 2006), Rojo e Moura (2012) dentre outros. No processo de leitura literária, componentes da multimodalidade, especificamente, o aspecto visual, foram constitutivos para compreensão e diálogo do aluno com a obra literária.

Ressaltamos que, para a análise da pesquisa, tivemos como documentos 25 (vinte e cinco) diários e 9 (nove) cartazes produzidos pelos educandos. Entretanto, neste artigo, apresentamos apenas um recorte de alguns trechos desses escritos, identificados pelas siglas dos nomes dos educandos.

Assim, para a organização e aplicação das atividades de leitura literária na escola, utilizamos a Sequência Básica (SB) proposta por Cosson (2018a) que será apresentada a seguir:

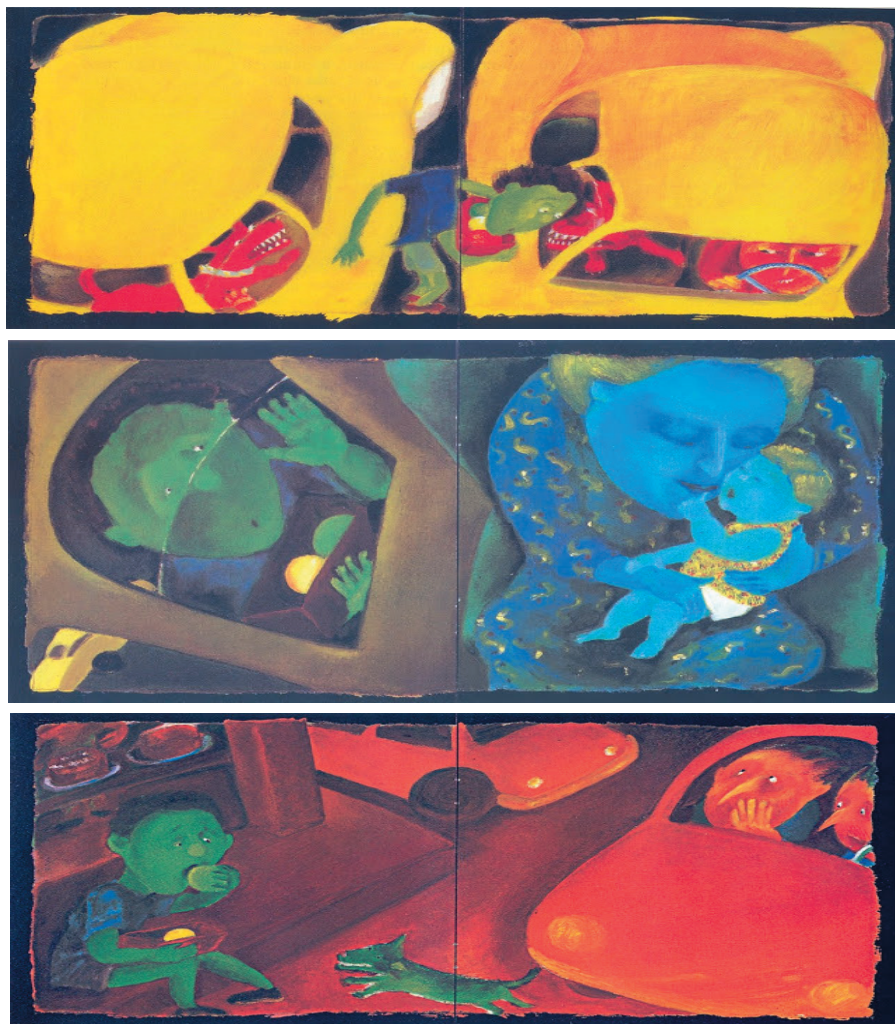
SEQUÊNCIA BÁSICA (SB)

Cosson (2018a) organiza a SB em quatro etapas: *Motivação, Introdução, Leitura e Interpretação*. A primeira etapa da SB, a *Motivação*, constitui-se como essencial para motivar o aluno no processo de leitura literária. Esta etapa, segundo esse autor, “prepara o leitor para receber o texto”, mas ainda não é a leitura propriamente da obra a qual se propõe para o processo de leitura. Com isso, este momento pode ser introduzido por meio da leitura de outros textos, também com realização de dinâmicas, apresentação de vídeos, e outros materiais que possam “exercer uma influência sobre as expectativas do leitor” (COSSON, 2018a, p. 56).

Dessa forma, optamos por iniciar essa primeira etapa com a leitura do texto imagem *CENAS DE RUA*, de Ângela Lago porque ele apresenta uma conexão muito relevante com a temática da obra *O Galinha, menino de rua*, oportunizando um momento de reflexão. Assim, fomos fazendo vários questionamentos aos educandos sobre as cenas do livro. Dentre esses questionamentos temos: como as pessoas reagem quando o garoto se aproxima para vender os bombons?

Figura 1 – Imagens do livro *Cenas de Rua* de Ângela Lago





Ilustrações: Lago (1994)

Sentimos uma grande sensibilização da turma quando afirmou que, na maioria das vezes, a sociedade cria, diante dessa realidade social, um olhar de desprezo. Quando apresentamos a imagem da mulher segurando a bolsa com medo de ser assaltada, todos os alunos afirmaram que essa é a reação mais comum das pessoas. A imagem da mãe dentro do carro dando carinho ao seu filho foi uma cena que trouxe ao mesmo tempo aos alunos um ar de alegria, mas também de tristeza por saberem que há muitos jovens que não têm mais a presença dos pais, da família, do lar.

Reforçamos o que pensa Rojo (2012), ao tratar da multimodalidade e da multissemiose, esclarecendo que as atividades de leitura semiótica dos textos nos possibilitam conhecer diferentes formas de representação da leitura de imagem.

Dando continuidade à SB, iniciamos a segunda etapa, a *Introdução*. Ela visa apresentar o autor e a obra. Decidimos iniciar esse momento logo após a etapa da motivação, no mesmo encontro, por favorecer uma maior associação da sequência reflexiva de ideias programadas na primeira etapa com a temática a ser abordada no livro.

Apresentamos, então, aos alunos o primeiro contato com a obra: *O Galinha, menino de rua*.

Figura 2 – Capa do livro *O Galha, menino de rua*

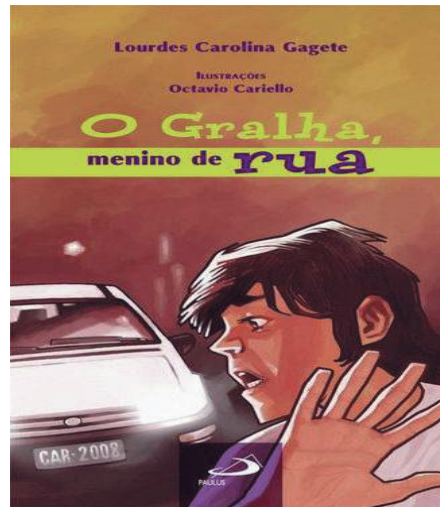


Ilustração: Octavio Cariello (GAGETE, 2008)

Cada um dos alunos recebeu um exemplar e, espontaneamente, folhearam o livro. Solicitamos que atentassem para a capa, o prefácio, as orelhas, o título, a ilustração e outros elementos paratextuais da obra. O objetivo era instigar a curiosidade e o interesse pela leitura.

Com a mediação do pesquisador foram feitas as seguintes inferências: na imagem da capa, quem vocês acham que seja esse garoto? Qual o título do livro? Vocês acham que existe relação do título com a imagem do garoto? O que significa Galha? É um nome próprio?

Muitos educandos afirmaram não saber o significado da palavra “galha”, mas relataram que possivelmente seria o nome do “menino de rua” porque, para eles, o título trazia essa pista. Outros alunos aguçaram seu conhecimento de mundo quando afirmaram que “galha” se referia a um pássaro, o que gerou reflexões para entender o porquê de o personagem receber essa denominação, o que só foi descoberto durante a leitura propriamente da obra.

Esse momento, bastante interativo e produtivo, favoreceu o levantamento do conhecimento prévio, as opiniões e o interesse pela leitura do livro. Isso favoreceu um trabalho colaborativo na construção de sentido do texto.

Seguimos para o terceiro passo da SB, a *Leitura*. Ela está na leitura propriamente dita da obra. Nesta etapa, o mais importante é o acompanhamento da leitura que não pode deixar de ser bem direcionada por se tratar de uma ação fundamental para a proposta do letramento literário (COSSON, 2018a).

Nossos momentos para a leitura do livro aconteceram em 7 (sete) encontros com duração de 14 (quatorze) horas aula. A cada início de leitura era retomada a leitura anterior para que pudessemos fazer um *feedback* da compreensão do texto e, ao final de cada dia de leitura, o aluno era motivado por meio de questionamento para o assunto, acontecimento e ação dos personagens que estavam por acontecer, por exemplo, nas páginas seguintes, como forma de aguçar o seu interesse nas próximas leituras.

O processo dessa etapa foi favorecido pelas leituras e inferências das diversas ilustrações presentes na obra.

Segundo Acaso (2006), o ato de ver não é uma ação estanque e isolada, ou seja, não é um olhar superficial, mas envolve transformação do nosso conhecimento, assim o visual aciona a nossa

sensibilidade, enriquecendo o que é lido e interpretado. A linguagem imagética auxilia o leitor a compor a narrativa.

Figura 3 – Imagem que antecede o capítulo 5 do livro *O Galha, menino de rua*



Fonte: Ilustração de Octavio Cariello (GAGETE, 2008, p. 37)

Notamos que houve, diante da Figura 3, um olhar de sensibilidade do leitor que foi, com a mediação do professor, fazendo inferências e reflexões quanto à cena ilustrada: Quem seriam esses personagens? Que sensações eram transmitidas pela fisionomia de cada um? Essas reflexões foram importantes também para motivar, conduzir e introduzir a leitura do capítulo subsequente.

Os educandos expuseram que, nessa cena, se visualizava um sentimento de “tristeza e “dor”. Para os leitores, o personagem deitado ao chão estaria sofrendo, possivelmente, as consequências decorrentes da fome e do uso de drogas. Destacaram também o sentimento de “solidariedade” ao se observar a presença do protagonista diante daquele personagem na tentativa de ajudá-lo.

Compreendemos que ilustração não funciona de forma meramente decorativa. Ela une uma variedade de signos ideológicos capazes de promover, num processo dialógico, esse olhar sensível do leitor observador. Assim, tais fundamentos relacionam-se aos preceitos bakhtinianos sobre as interações dialógicas e ideológicas constituintes de uma linguagem valorizada culturalmente que vem vinculada aos estudos da imagem em situações de produção e compreensão literária.

Chegamos ao último passo da SB, a *Interpretação*. Etapa em que se chega à construção do sentido do texto. O marco desse momento é o registro (COSSON, 2018a).

Esses registros foram concretizados com a produção de cartazes, ao final da leitura literária, apresentados e expostos num mural, constituindo o círculo de leituras bem como, registro das produções dos educandos, ao longo da leitura, no diário de leituras. Esses materiais constituem instrumentos de análise e serão explicitados a seguir.

CÍRCULO DE LEITURAS (CL)

Os círculos de leitura são práticas em que ocorrem compartilhamento de leituras de uma determinada obra, possibilitando um momento efetivo de interação entre os leitores e os textos literários, uma vez que, durante a troca de informações entre os participantes, as percepções de cada leitor são aguçadas, ampliando-se, com isso, a sua própria experiência.

Assim, o CL forma uma comunidade de leitores, dentro ou fora da escola, já que a “leitura é, assim, um processo de compartilhamento, uma competência social” (COSSON, 2018, p. 36), o que permite uma socialização entre os envolvidos.

Para essa atividade, organizamos os alunos em grupos de, aproximadamente, 4 (quatro) participantes para a produção de cartazes. Cada grupo escolhia uma das funções, assim denominadas: conector, questionador, iluminador de passagens, dicionarista, sintetizador, perfilador, cenógrafo, ilustrador e pesquisador. Esse modelo de atividade, denominado fichas de função, foi elaborado por Harvey Daniels (2002) e, segundo Cosson (2018a, p. 140), é de grande contribuição para o processo de leitura do texto literário.

Essas funções, segundo Harvey Daniel (2002) são, resumidamente, assim descritas:

- a) Conector: faz conexões do texto lido com as vivências dos educandos;
- b) Questionador: elabora questões sobre a obra;
- c) Iluminador de passagem: seleciona passagem do texto para explicitar;
- d) Ilustrador: busca imagens para ilustrar o texto;
- e) Dicionarista: seleciona palavras difíceis ou relevantes para leitura;
- f) Sintetizador: resume a obra;
- g) Pesquisador: busca informações contextuais que considere relevantes;
- h) Cenógrafo: descreve as cenas mais importantes;
- i) Perfilador: Traça um perfil dos personagens.

Percebemos que o círculo de leituras é “uma prática privilegiada” uma vez que permite aos educandos, uma leitura literária colaborativa e interativa, ou seja, “ao lerem juntos, os participantes do grupo tornam explícito o caráter social da interpretação dos textos” (COSSON, 2018b, p. 139), proporcionando um diálogo do leitor com a obra. Esses registros apresentam reflexões e sensações dos leitores sobre a obra lida. Salientamos que esses materiais foram fundamentais para o processo de constituição do letramento literário.

Figura 4 – Círculo de leituras: produção, apresentação e exposição dos cartazes no mural com as funções de cada grupo.



Fonte: Produzidos pelos alunos.

Assim, especificamente, na função de ilustrador, os alunos apontaram, por meio de ilustrações, as principais cenas da obra, como mostra o cartaz da Figura 5. A forma de apresentação do trabalho pelos educandos ficou bem interessante porque eles distribuíram as imagens para que os demais colegas da sala, durante o CL, descobrissem a qual capítulo do livro essas imagens estavam associadas. Os capítulos da obra sequencialmente destacados foram *O roubo*, *Os pés de Aurélia*, *A morte do Saci*, *O casamento de Mariana* e *Epílogo*.

Figura 5 – Cartaz com ilustração das cenas principais



Fonte: Produzido pelos alunos A.L.A.G. M.B.S.A, M.G.M.A, N.A.M.M e C.R.M.S.

Essa resignificação por meio dos recursos semióticos, aliando visual e verbal, utilizados pelos educandos, potencializou a compreensão do sentido do texto por parte do leitor (KRESS, VAN LEEUWEN, 1996, 2006).

DIÁRIO DE LEITURAS (DL)

O diário de leituras é um gênero discursivo que traz, como informações principais, as ideias do leitor sobre suas concepções leitoras. Segundo Machado (2005), o diário de leituras é um texto produzido por um leitor, à medida em que lê, com o objetivo maior de dialogar, de conversar com o autor do texto, de forma reflexiva (MACHADO, 2005, p. 64).

O educando, ao fazer o registro de sua leitura literária, poderá avaliar a narrativa, resumir, comentar, expressar suas dúvidas, estabelecer relações entre o texto literário e suas vivências, revelar possíveis contribuições proporcionadas pelo texto literário. Nessa perspectiva, Rildo Cosson compreende o diário de leituras como

[...] registro das impressões do leitor durante a leitura do livro, podendo versar sobre dificuldades de compreensão de determinadas palavras e trechos, transcrição de trechos favoritos com observações, evocação de alguma vivência, relação com outros textos lidos, apreciação de recursos textuais, avaliação da ação das personagens, identificação de referências históricas e outros tantos recursos que constituem a leitura como um diálogo registrado entre leitor e texto (COSSON, 2018b, p. 122).

A prática do DL por meio da experiência com a leitura literária possibilita aos alunos aprimorar a aquisição de conhecimentos, pois desenvolve no leitor o seu posicionamento crítico diante dos textos. Assim, para Buzzo (2010), o diário de leituras possibilita “ao leitor ultrapassar os limites da compreensão, ao tecer comentários, a relacionar o texto lido com conhecimentos prévios” (BUZZO, 2010, p. 17).

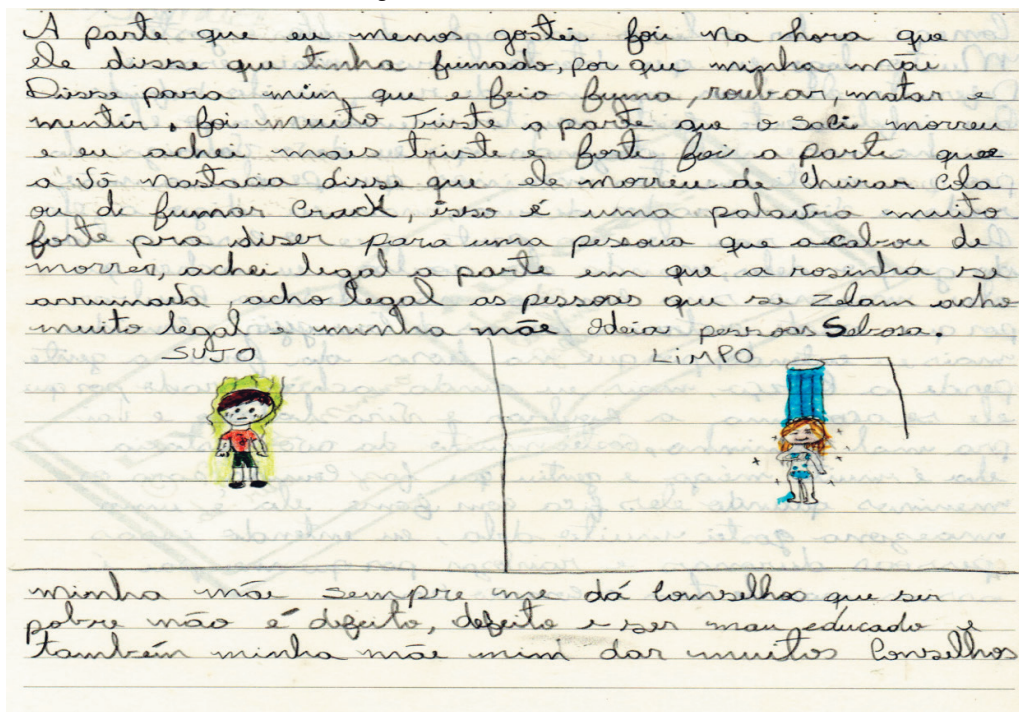
O diário permite estabelecer uma relação dialógica entre o leitor e o autor do texto (BUZZO, 2010). Essa interação pode ocorrer de forma reflexiva, possibilitando, além da compreensão do texto, liberdade de expressão, de forma que o educando reflita criticamente sobre o que é lido e produzido nos registros dos diários, auxiliando, assim, no processo de letramento literário, funcionando como um elemento motivador e incentivador às novas leituras.

Nessa perspectiva, o DL foi adotado em nossa pesquisa como instrumento para que os estudantes, de forma espontânea, registrassem as suas impressões suscitadas pela leitura da obra *O Galinha, menino de rua*. A produção no DL, mediada pelo professor, aconteceu durante e após os momentos de leitura literária na escola.

Como já foi ressaltado anteriormente, apresentaremos apenas a análise de um recorte de alguns trechos dos diários produzidos pelos educandos, identificados pelas siglas dos seus nomes.

Reforçamos que a análise dos resultados desses registros aconteceu em um diálogo com diversos autores como Cosson (2018a, 2018b), Buzzo (2003, 2010),⁵ Coscarelli (2009), Kress e Van Leeuwen (1996, 2006), Vieira e Silvestre (2015) dentre outros, como será explicitado nas Figuras 6, 7 e 8.

Figura 6 – Comentários sobre a obra

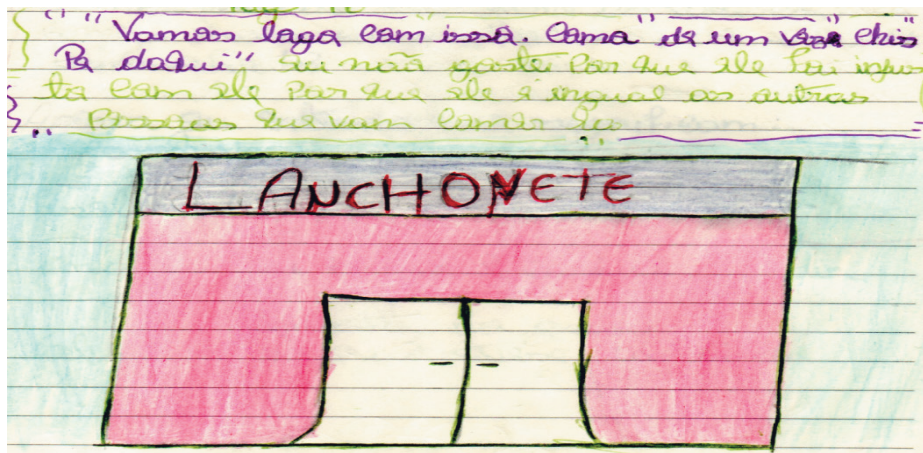


Fonte: Aluno S.S.P. (Página do diário de leituras)

⁵ Buzzo (2003, 2010) apresenta as seguintes categorias de interpretação do gênero diarista: **avaliações, resumos, comentários, dúvidas, relações e contribuições**,

O comentário sobre a obra, representado pela Figura 6, é exemplificado por meio da escrita e dos desenhos do educando a uma experiência da narrativa em que o protagonista da obra é posto a tomar banho quando estava hospitalizado. Isso despertou no leitor uma relação de situações de seu cotidiano e aos conselhos relatados pela sua mãe. Tal situação dialoga, nesse contexto, com o pensamento de Kress e Van Leeuwen (1996, 2006) quando ressalta que a linguagem visual não serve apenas como mero complemento da linguagem verbal, as imagens se configuram como um importante veículo de comunicação.

Figura 7 – Comentários sobre a obra

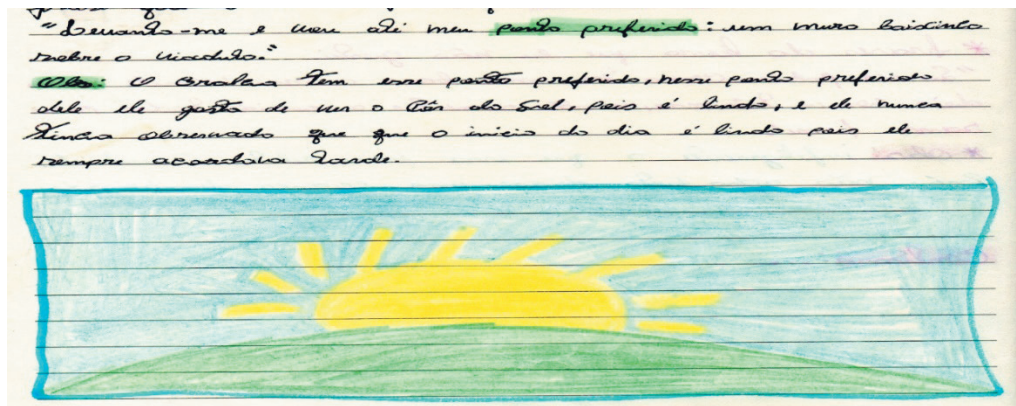


Fonte: Aluno V.A.S (Página do diário de leituras)

Essa cena, na narrativa, aconteceu numa lanchonete quando uma senhora com *olhos de amor* convidou o Gralha a escolher o que quisesse comer, mas o dono da padaria sentiu-se incomodado “vamos logo com isso. Coma de uma vez e chispe daqui”. O leitor achou tal atitude uma situação de injustiça, uma vez que todos somos iguais.

Na Figura 7, confirmamos o pensamento de Vieira e Silvestre (2015), quando salientam que as semioses desempenham papel importante na reconfiguração da linguagem, “tendo em vista que as representações realizadas por meio de imagens e das cores, por exemplo, aproximam mais o discurso representado da realidade” (VIEIRA, SILVESTRE, 2015, p. 17).

Figura 8 – Comentários sobre a obra



Fonte: Aluno A.N.M. (Página do diário de leituras)

A aluna, na figura 8, faz um comentário de um fragmento que ela considerou interessante no livro e que é narrado pelo protagonista Gralha “Levanto-me e vou até meu ponto preferido: um muro baixinho sobre o viaduto”. (GAGETE, 2008, p. 33). A leitora explica o trecho dizendo: *o gralha tem esse ponto preferido, nesse ponto preferido dele ele gosta de um pôr do sol, pois é lindo, e ele nunca tinha observado que o início do dia é lindo pois ele sempre acordava tarde*. Ela percebe a beleza desse lugar, que é ilustrado pelo desenho do pôr do sol.

A imagem, conforme Kress e Van Leeuwen (1996, 2006), representa a relação entre as pessoas, os lugares e as coisas que se aliam ao conjunto de conexões que podem, e entre as imagens e os leitores. Ela, segundo Coscarelli (2009), é constitutiva na compreensão do texto, ou seja, a imagem não apenas ilustra, ela complementa o texto verbal.

Compreendemos que, em uma análise multimodal, o recurso visual, representado pelos desenhos dos educandos, nas figuras 6, 7 e 8, aconteceu de forma articulada com o que os alunos interpretaram durante o processo de leitura literária. Assim, para Kress (2003), um texto multimodal é compreendido como o resultado de uma ação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com o texto literário à luz da proposta dos multiletramentos, nesta pesquisa, possibilitou-nos compreender o quanto é pertinente inserir, no contexto de ensino, a convivência com os textos semióticos que contribuem para a formação do leitor contemporâneo e, assim, buscar inserir o educando num contexto de letramento diverso, especificamente, o letramento literário.

As propostas metodológicas permitiram que os discentes dialogassem com o texto literário, que expressassem sua compreensão e suas sensações por meio da escrita, das imagens, das cores, de forma criativa e interativa, aliando o visual e o verbal, privilegiando um olhar crítico e reflexivo.

Compreendemos que a prática de letramento literário, que se consolidou mediante a leitura literária, deva dialogar com as diversas possibilidades de letramentos, permitindo, nesse processo de leitura, aos educandos, múltiplos olhares para compreensão da sua realidade e, com isso, a valorização da sua experiência social e cultural.

REFERÊNCIAS

ACASO, María. La diferencia entre ver y leer. In: _____. *Esto no son las torres gemelas: como aprender a leer la televisión y otras imágenes*. Madrid: Catarata, 2006, p. 89-91.

BAKTHIN, Mikhail M.; VOLOCHÍNOV, V.N. A interação verbal. In _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12.ed. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 2010. cap.6, p.112-130

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf Acesso em: 01 de outubro de 2019.

BRASIL, *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC, 1998.

BUZZO, M. G. O diário de leitura como artefato ou instrumento no trabalho docente. *Revista L@el em (Dis-)curso*. Volume 2, 2010. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/revlael/article/view/1041/2565>. Acesso em 17.09.2019

BUZZO, M. G. *O Diário de Leituras: uma experiência didática na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. São Paulo: PUC-SP, 2003. (Mestrado em Linguística e Estudos da Linguagem) – PUC-SP- Orientadora: Dra. Anna Rachel Machado.

CEARÁ. *Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC)*. Governo do Estado do Ceará. 2019. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_ce.pdf. Acesso em 17 de outubro de 2019.

COSCARELLI, C.V. Textos e hipertextos: procurando o equilíbrio. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v.9, n. 3, p. 549 – 564, set./dez. 2009.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed., 7 impressão. São Paulo: Contexto, 2018a.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. 1. ed., 2 impressão. São Paulo: Contexto, 2018b.

COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. In: PAIVA, Aparecida, MACIEL, Francisca, COSSON, Rildo. (Coord.). *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20).

DALVI, M. A. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R. (Orgs). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

DANIEL, HARVEY. *Literature circles. Voice and choice in Books Clubs and Reading Groups*. 2 ed. Portland, Maine: Stenhouse Publishers, 2002.

GAGETE, Lourdes Carolina. *O Galinha, menino de rua*. 1. ed. São Pulo: Paulus, 2008.

KRESS, G. *Literacy in the New Media*. London: Routledge, 2003.

KRESS; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London, New York: Routledge [1996], 2006.

LAGO, Ângela. *Cenas de Rua*. Belo Horizonte: RHJ, 1994. Disponível em <http://blogeditorarhj.blogspot.com/2010/06/livro-de-imagem-cena-de-rua-de-angela.html>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MACHADO, Anna Rachel. Diário de leituras: a construção de diferentes diálogos em sala de aula. In: *Linha d'Água*, v. 18, no 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 61-80.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos. In: ROJO, R. & MOURA, E. (orgs.) *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. Tradução de Neide Luzia de Rezende. In: DALVI, Maria Amélia, REZENDE, Neide Luzia de; JOVERFALEIROS, Rita (orgs.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, Magda Becker. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy et al. (Org.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 17-48.

SILVA, Ivanda Maria Martins. *Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar*. ANAIS DO EVENTO PG LETRAS 30 Anos, 2003, vol. I (1): 514-527.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

VIEIRA, Josenia. Globalização, tecnologias e linguagens. In: VIEIRA, J; SILVESTRE, C (orgs) *Introdução à Multimodalidade: Contribuições da Gramática Sistemico-Funcional, Análise de Discurso Crítica e Semiótica Social*. Brasília, DF: J. Antunes Vieira, 2015, p. 14-43.



O ALTEAMENTO VOCÁLICO /O/ ~ [U] EM POSIÇÃO PRETÔNICA NA ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE BAIÃO-PARÁ

VOCAL HIGHMENT /O/ ~ [U] IN A PRETONIC POSITION IN THE RURAL AREA OF THE MUNICIPALITY OF BAIÃO-PARÁ

Raquel Maria da Silva Costa Furtado¹
 Natane Gaia da Silva Lemos²

RESUMO

O presente trabalho trata sobre o fenômeno de alteamento vocálico da **média alta posterior** /o/ em posição pretônica no português falado na zona rural do município de Baião-PA. Objetiva analisar o papel de fatores linguísticos e sociais (sexo, faixa etária e escolaridade) na motivação do comportamento variável de /o/ ~ [u]. O *corpus* da pesquisa envolve uma amostra de 12 participantes, estratificados por: faixa etária (de 15 a 25 anos, 25 a 45 anos, e acima de 46 anos); sexo (masculino e feminino); e escolaridade (Ensino Fundamental e Superior). Dos 12 falantes obtivemos um total de 400 dados de fala, os quais foram tratados no Goldvarb X, e analisados de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Os resultados apontaram o alteamento de /o/ como variante de menor ocorrência na fala dos baionenses, com baixa frequência de uso, 33% e peso relativo 0.32, e a manutenção de /o/ como [o] como variante de maior ocorrência, 67% de ocorrência e 0.63 de peso relativo. Observou-se, então, que /o/ pretônico tem mais probabilidade de altear para [u] quando: a) diante de uma vogal alta imediata /i, u/, com de peso relativo 0.92; b) precedido de consoantes bilabial, 0.64; c) em palavras com sufixo sem vogal alta, peso relativo de 0.51; d) em vocábulos pertencentes a classe dos nomes 0.56; e e) precedendo imediatamente sílabas tônicas (distância 1), peso relativo de 0.61. Em relação aos traços sociais dos falantes, o fenômeno de alteamento apresentou maior recursividade na fala dos homens, com 0.58 de peso relativo; falantes com Ensino Fundamental, 0.68, e com mais de 46 anos de idade, 0.63 de peso relativo. Concluiu-se, então, que a variação

¹ Professora da Universidade Federal do Pará/Campus Universitário do Tocantins-Cametá/Pará, Faculdade de Linguagem, Doutora em Linguística (UFC), Mestra em Linguística (UFPA), Especialista em Estudos Culturais da Amazônia (UFPA) e Graduada em Letras – Língua Portuguesa. E-mail: raqmaria@ufpa.br. <http://orcid.org/0000-0001-6351-6192>.

² Graduada do curso de Letras – Língua Portuguesa, Campus Universitário do Tocantins-Cametá/Pará, Faculdade de Linguagem. Email: natanegaia@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-3408-5263>

linguística /o/ ~ [u], embora seja frequente e estratificada, não é a variante de maior ocorrência na fala dos moradores da zona rural de Baião.

Palavras-chave: Vogal média pretônica. Variação linguística. Alteamento vocálico.

ABSTRACT

The present work deals with the phenomenon of vowel heightening of the upper middle posterior /o/ in pretonic position in Portuguese spoken in the rural area of the municipality of Baião-PA, Brazil. It aims to analyze the role of linguistic and social factors (gender, age and formal education) in motivating the variable behavior of /o/ ~ [u]. The corpus involves a sample of 12 participants, stratified by: age group (15 to 25 years of age, 25 to 45 years, and over 46); gender (male and female); and schooling (elementary and higher education). From the 12 speakers, we obtained a total of 400 speech data, which were treated in Goldvarb X, and analyzed according to the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (Weinreich; Labov; Herzog, 2006). The results showed the heightening of /o/ as the variant of least occurrence, with low frequency of use, 33% and relative weight 0.32, and maintenance of /o/ como [o] as a variant of greater occurrence, 67% of percentage and 0.63 of relative weight. We also observed that pretonic /o/ is more likely to rise to [u] when: a) before an immediate high vowel /i, u/, with a relative weight of 0.92; b) preceded by bilabial consonants, 0.64; c) in words with a suffix without a high vowel, relative weight of 0.51; d) in nouns 0.56; and e) immediately preceded by stressed syllables (distance 1), relative weight of 0.61. In relation to the social traits of the speakers, the phenomenon of heightening showed greater recursion in the speech of men, with 0.58 of relative weight; speakers elementary- school level of education, 0.68, and over 46 years of age, 0.63 relative weight. We concluded that the linguistic variation /o/ ~ [u], although it is frequent and stratified, is not the most frequent variant in the speech of the residents of the rural area of Baião.

Keywords: Pretonic middle vowel. Linguistic variation. Vowel heightening.

INTRODUÇÃO

Este estudo aborda o alteamento vocálico da vogal média alta posterior /o/ ~ [u] em posição pretônica no português falado na zona rural de Baião-Pará. A abordagem para coleta e análise dos dados foi subsidiada pela Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006); em estudos acerca das vogais como de Camara Jr., (1970), Silva Neto (1977) e estudos sobre as vogais médias pretônicas em Cametá (RODRIGUES, 2005; COSTA, 2010), Mocajuba (CAMPOS, 2008) e Breves (CASSIQUE *et al*, 2009), pela perspectiva variacionista.

A variância do sistema vocálico falado no Português Brasileiro é observada desde Camara Jr. (1970), quando considerada a posição ocupada por estes fonemas vocálicos em sílabas tônicas, pretônicas e postônicas. Para este estudo, focalizaremos o processo fonético em que a vogal média posterior pretônica subjacente /o/ eleva o seu traço de altura de vogal média alta para a vogal derivada alta [u], como em: t/o/mate → t[u]mate.

O trabalho objetiva analisar, por meio de fatores linguísticos e sociais, o processo de alteamento da vogal média posterior alta /o/ ~ [u] em posição pretônica no português falado na zona rural do município de Baião-PA. Como objetivos específicos pretendemos: a) observar o alteamento da vogal média posterior no português falado na zona rural do município de Baião-PA; b) identificar

a correlação entre o fenômeno de alteamento na pretônica /o/ ~ [u] em Baião-PA e os traços sociais dos falantes, como faixa etária, nível de escolaridade e sexo; c) verificar a influência probabilística do contexto silábico de *onset* vazio e dos contextos com presença dos fonemas vocálicos tônicos orais /i/, /u/, para o alteamento da média pretônica /o/ em [u]; d) examinar os contextos consonantais precedentes e seguintes motivadores ao alteamento de /o/ ~ [u].

Temos como hipótese basilar deste estudo que o alteamento de /o/ ~ [u] em posição pretônica é o fenômeno de maior ocorrência na região investigada, e esta variação é motivada por fatores internos e externos à estrutura da língua. Por isso, acreditamos que os falantes do sexo masculino, terceira faixa etária (46 anos em diante) e pouca escolaridade (Ensino Fundamental) são os que mais elevam a vogal média posterior em posição pretônica. Quanto aos condicionantes linguísticos: a) no contexto silábico de *onset* vazio, por constituírem sílabas leves, os fonemas vocálicos orais da tônica /i/, /u/ e sufixos com vogal alta favorecem o alteamento da média pretônica /o/ em [u]; da mesma forma as *consoantes do onset da sílaba* precedente e seguinte, quando são labiais, propiciam a elevação do traço de altura de /o/.

Para se atingir tais objetivos, efetuamos uma análise de cunho variacionista, pelo viés teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). O *corpus* de análise constitui-se de amostras de falas espontâneas sobre relatos e experiências pessoais, nos moldes tradicionais de coleta de dados laboviana. Diante dos dados obtidos, procuramos realizar uma comparação com pesquisas já existentes na região do baixo Tocantins, como as de Rodrigues (2005), Araújo e Rodrigues (2007), Campos (2008), Moraes (2015) e Araújo (2015), que também estudaram as vogais médias pretônicas no português falado na região da Amazônia Tocantina.

Para melhor compreensão deste trabalho, este se encontra estruturado em três itens: no item 1 apresentamos a fundamentação teórica, Sociolinguística Variacionista e os estudos sobre as vogais médias pretônicas no baixo Tocantins. Em seguida, no item 2 delinham-se os aspectos teórico-metodológicos adotados nesta pesquisa, como a formação do *corpus*, *locus* da pesquisa, coleta e tratamento dos dados. Após isto, no item 3 discorre-se sobre a análise e discussão dos resultados sobre o fenômeno investigado; por fim, expomos as considerações finais e as referências.

1 AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL

Os estudos sobre alteamento das vogais médias pretônicas do português falado no Brasil são bastante produtivos, e foco de muitas pesquisas, principalmente, no Pará, devido à presença de um comportamento altamente variável que tais fonemas vocálicos apresentam na língua falada, seja em posição tônica, pretônica e/ou postônica (final e não final).

A primeira descrição sincrônica completa das vogais do português falado no Brasil é atribuída a Camara Júnior ([1970] 1991), que tomou por base para sua descrição o dialeto falado no Rio de Janeiro.

Norteados pela descrição deste dialeto, Camara Jr. ([1970] 1991) apresenta um triângulo de sete vogais (/a/, /ɛ/, /ɔ/, /e/, /o/, /i/, /u/) para o português brasileiro em posição tônica, com funções distintas, as quais são reduzidas em posições átonas, devido ao processo fonológico de neutralização³ sobre elas incidido, configurando diferentes quadros vocálicos para as vogais no português

³ Wetzels (1991, 1992, 1995) reinterpreta a proposta de Camara Jr. (1970), levando em consideração os princípios da teoria autosegmental e explica o processo de neutralização das vogais médias em termos da geometria dos traços (CLEMENTS, 1989), “com altura vinculada a traços de abertura, aberto1, aberto2 e aberto3, o traço neutralizado é desligado e substituído pelo valor oposto” (COSTA, 2010).

brasileiro, a depender das posições ocupadas nos vocábulos: a) 5 vogais pretônicas (/a/, /e/, /o/, /i/, /u/); b) quatro postônicas não finais (/a/, /e/, /i/, /u/); e 3 em posição postônica final (/a/, /i/, /u/).

No estado do Pará são encontrados diversos estudos de cunho fonético-fonológico que verificam o alteamento vocálico, como o de Rodrigues (2005) que investigou na zona urbana e rural de Cameté o alteamento das pretônicas /e/ e /o/ e da tônica do /o/, a partir de 4.328 dados de fala. Como resultado, o autor obteve percentual de alteamento de /e/ e /o/ de 70% na posição pretônica de 35% na tônica .

Araújo e Rodrigues (2007), analisando a variação da média pretônica /o/, verificam um percentual de 40% e peso relativo de .41, e para a ausência de elevação um percentual de 60% e peso relativo de .60. Em Campos (2008), estudo realizado sobre o português falado na zona urbana do município de Mocajuba-PA, obteve-se um resultado mais favorável ao processo de aplicação da regra de alteamento de /e/ ~ [i] e /o/ ~ [u] em posição pretônica no município de Mocajuba-Pará, pois o peso relativo aponta .50 para a presença e .50 para a ausência, dos 2.227 dados efetivamente obtidos para análise.

Moraes (2015) caracterizou acusticamente as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ faladas em Cameté-Pará, e impetrou um total de 455 ocorrências de vogais médias anteriores e 473 vogais posteriores na fala de 18 informantes naturais da cidade de análise, levando em consideração o sexo, a faixa etária e a escolaridade. A partir das variantes elencadas, o alteamento teve a maior probabilidade de ocorrência, com 77 dados para [i] < /e/ e 72 para a vogal alta [u] < /o/, enquanto a derivada baixa [ɛ] teve 112 ocorrências e para o [ɔ] 136 ocorrências.

Apontamos ainda, o estudo de Silva Neto (1977), um dos pioneiros a lançar-se sobre o fenômeno de alteamento das vogais na região paraense. Para o autor, o estado do Pará, *grosso modo*, divide-se em três regiões distintas: a primeira região é chamada de “estrada de ferro”; a segunda é a região “do Salgado”; a terceira é a região “dos rios”. Esta última região é a área “onde se troca o tônico por u (por exemplo, no Tocantins).

Partindo da observância destes estudos acerca do comportamento variável das vogais pretônicas no português falado do Brasil, esta pesquisa revela a convergência do seu objeto de análise ao pressuposto de Labov (2008, p. 247) que aponta a existência de “grande variedade na fala dentro de um grupo social”. Portanto, analisar as vogais pelo ponto de vista da relação entre o linguístico e o social, denota darmos nossa contribuição significativa no que se refere ao funcionamento da língua no seio de uma comunidade de fala e em contexto social de uso; significa ainda dizermos que há entrelaçamento entre a variação/mudança fonológica e as características sociais dos falantes no ato comunicativo.

2 PROCESSO METODOLÓGICO: DA COMUNIDADE PESQUISADA

Este trabalho segue a orientação dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística quantitativa ou modelo laboviano de análise, e tende a justificar a influência dos fatores linguísticos e sociais na variação do fenômeno de alteamento vocálico da pretônica /o/. A amostra compreende um total de 12 participantes,⁴ estratificados em: a) nível de escolaridade (6 com Ensino Fundamental incompleto) e 6 com Ensino Superior); b) faixa etária (4 entre 15 e 25 anos, 4 entre 26 e 45 anos

⁴ Os critérios elencados para a seleção dos informantes foram os seguintes: ser baionenses, nascidos e residentes no município, zona rural ou que tenham chegado a este município até os sete anos de idade, na área rural, e que não tenham se deslocado da região, onde moram por mais de dois anos consecutivos; e possuir denteção completa, a fim de que as articulações dos fonemas fossem o mais natural possível.

e 4 com idade igual ou superior a 46 anos); c) sexo (6 participantes do sexo masculino e 6 participantes do sexo feminino); todos pertencentes à zona rural do município da pesquisa.

A coleta dos dados⁵ foi realizada por meio de entrevistas livres envolvendo relatos de experiências pessoais dos informantes, lendas, casos, trabalho, emprego, política etc. Ato contínuo, realizamos a transcrição dos grupos de força previamente selecionados em que os itens lexicais com a variável dependente (presença de alteamento e ausência de alteamento) se manifestaram. Tarefa pela qual foram identificados um total de 400⁶ dados oriundos de 360 minutos de gravação, em média 30 dados de cada 30 minutos de gravação por participante. Os dados foram analisados estatisticamente pelo pacote dos programas da série Goldvarb X.

Deste modo, consideramos neste estudo para análise do “alteamento da vogal média pretônica posterior /o/ ~ [u] em posição pretônica”, a partir da *presença* e *ausência de alteamento*, treze (13) fatores condicionadores do objeto de nossa investigação: **a) Variáveis sociais:** sexo (masculino e feminino); faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 45 anos e 46 em diante); escolaridade (Ensino Fundamental e Ensino Superior); **b) Variáveis linguísticas:** fonema vocálico da tônica quando a pretônica é oral; fonema vocálico da tônica quando a pretônica é nasal; vogal contígua; distância da sílaba tônica; consoante do *onset*; consoante do *onset* da sílaba seguinte; peso silábico; sufixos; classe gramatical e número de sílabas.

3 O ALTEAMENTO VOCÁLICO DA MÉDIA PRETÔNICA /O/ NO PORTUGUÊS FALADO NA ZONA RURAL DE BAIÃO-PA

O *corpus* colhido de 12 participantes totalizou em 400 manifestações da variável dependente, com 131 ocorrências de *presença* de alteamento, percentual de 33%, e peso relativo de 0.327 e 269 dados de ausência, percentual de 67% e peso relativo de 0.673. Portanto, a presença de alteamento é de menor significância no português falado na zona rural do município de Baião-Pará.

Tabela 1 - Significância da variação das médias pretônicas no falar rural de Baião (PA).

Variantes da Variável dependente	Valor/Aplicação	Percentual	Peso relativo
Presença de alteamento	131/400	33%	0.327
Ausência de alteamento	269/400	67%	0.673
Total	400	100%	1.00

Fonte: Elaboração própria

Os resultados apresentados neste estudo, se comparados ao percentual de presença de alteamento obtido para Breves (CASSIQUE⁷, 2003) e Cametá (RODRIGUES⁸, 2005), apresentam paridades no uso deste fenômeno, considerado como pronúncia marcada do dialeto interiorano da Amazônia paraense (CASSIQUE, 2003). Assim, os resultados expressos na Tabela 1 acima corroboram os obtidos por outras pesquisas voltadas para a presença de alteamento, conforme Tabela 2, que segue.

⁵ O *corpus* da pesquisa foi constituído entre os anos de 2017 e 2019, em diferentes pontos da área rural do município de Baião.

⁶ Só consideramos para análise os dados de excelente sinal sonoro, capazes de nos fornecer uma segura compreensão oitiva.

⁷ Estudo sobre a área urbana do município de Breves.

⁸ Estudo sobre a área urbana e rural do município de Cametá.

Tabela 2 – O processo de alteamento da médias pretônicas nas cidades interioranas do Pará

Presença de alteamento	Aplicação	Percentuais
Cametá ⁹ /o/ ~ [u]	682/1690	40%
Breves /o/ ~ [u] e /e/ ~ [i] ¹⁰	1.128/2.624	43%
Cametá /o/ ~ [u] ¹¹	71/455	16%
Belém /o/ ~ [u] ¹²	31/719	4,3%
Mocajuba /o/ ~ [u] e /e/ ~ [i] ¹³	1093/2227	49%
Mocajuba /o/ ~ [u] ¹⁴	140/1389	10%
Baião /o/ ~ [u] ¹⁵	131/400	33%

Fonte: Elaboração própria

Observamos que o processo de alteamento no Pará não é a variante predileta entre os falantes, visto que não se manifesta como fenômeno de maior ocorrência, em nenhuma das cidades expostas na Tabela 2, embora já tenha sido atestado como um dos traços fonéticos bem marcados da linguagem do Norte do Brasil, como observou Nascentes (1964), neste período sincrônico parece que tais regiões estão perdendo esta marca linguística identitária.

3.1 Fatores linguísticos e extralinguísticos estatisticamente relevantes

Dos treze grupos de fatores considerados como categorias de análise neste trabalho, oito foram significativos para explicar o fenômeno do alteamento /o/ ~ [u] na zona rural de Baião, sendo 5 linguísticos (vogal contígua, consoante do *onset*, sufixos, classe gramatical, distância da sílaba tônica) e 3 fatores sociais (sexo, idade e escolaridade), os quais serão apresentados na análise em tela, em ordem de significância.

Em relação à *vogal contígua*, conforme dados no Gráfico 1, observamos que a presença da vogal contígua alta imediata /i/ e /u/ é forte condicionadora da presença de alteamento na fala dos baionenses, com peso relativo de 0.92; autorizando pronúncias frequentes como “c[u]m/i/go e c[u]ns/u/mo”; seguido da *vogal contígua não imediata*, como no exemplo “m[u]caj/u/ba”, com peso relativo elevado de 0.87. Enquanto *as vogais não altas* não se demonstraram significativas a este fenômeno vocálico, peso relativo de 0.323, não favorecendo, portanto, o alteamento.

⁹ Zona urbana e rural (RODRIGUES, ARAÚJO, 2007).

¹⁰ Análise sociolinguística Zona urbana (CASSIQUE, CRUZ, DIAS, 2007).

¹¹ Análise acústica, zona rural (MORAES, 2015).

¹² Belém (CRUZ, 2013).

¹³ Análise sociolinguística, zona urbana (CAMPOS, 2008).

¹⁴ Análise acústica, zona rural (ARAÚJO, 2015).

¹⁵ Zona Rural.

Gráfico 1 – Significância da vogal contígua para o alteamento da vogal média posterior /o/.

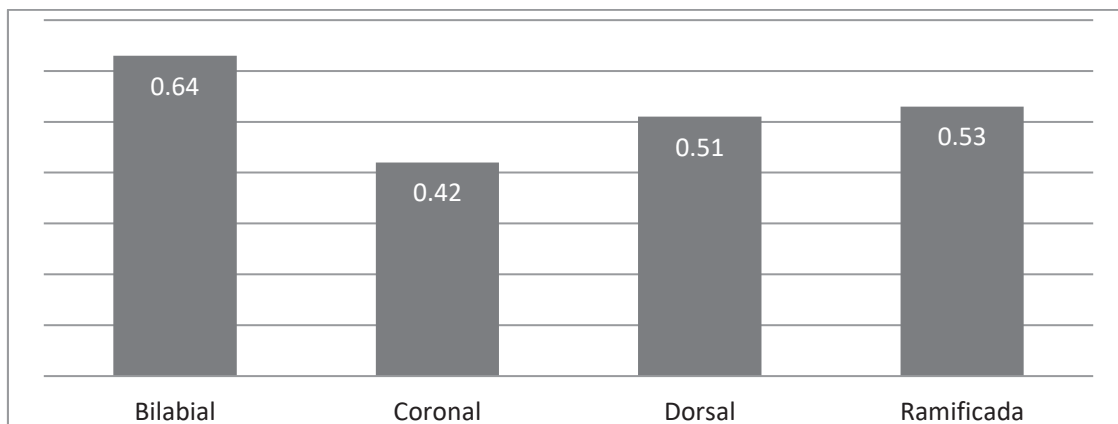


Fonte: Elaboração própria

Este resultado evidencia a tendência para a harmonização vocálica, pela motivação que /i/ e /u/ tônicos imediatos, [c/u/m/i/gu] [c/u/ns/u/mu] e não imediatos [m/u/caj/u/ba] exerceram sobre a pretônica /o/, nivelando a altura entre a vogal aspirante ao fenômeno de alteamento e a vogal alta adjacente.

Quanto às *consoantes do onset da sílaba seguinte*, as mais significativas para ocorrência do alteamento foram: a) as *bilabiais* encontradas em ‘cobertor’, por exemplo, com peso relativo de 0.64; os *onsets ramificados*, como ‘completar’, peso relativo de 0.53; as consoantes *dorsais*, como em ‘conquista’, peso relativo 0.51. Já as consoantes *coronais*, por exemplo “poder”, peso relativo baixo de 0.42, não se mostraram favorecedoras do processo de alteamento, conforme observado no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Significância dos fatores relacionados à natureza do onset da sílaba seguinte.



Fonte: Elaboração própria.

A influência das labiais e dorsais alteamento de /o/ atribuímos à partilha de traços articulares semelhantes: nas consoantes ‘labiais’ o traço compartilhado com [u] é o labial e nas dorsais acreditamos que tanto a altura como a constrição da região central ou posterior da língua é mais acentuada entre [u] e [k, g]. Portanto, o alteamento é oriundo da tentativa de aproximação de tais articulações, tendo em vista torná-las mais cômodas para o falante.

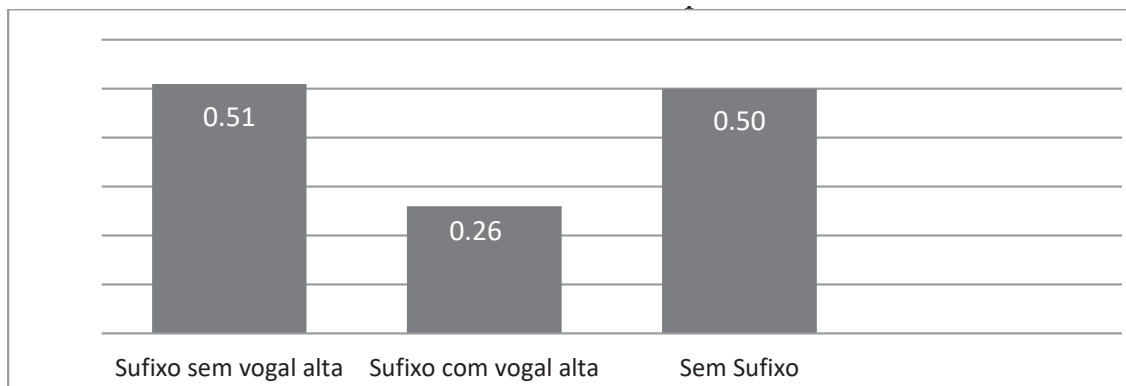
Tal verificação confirma a hipótese testada para esta variável ao considerar o ponto de articulação / posição da língua na produção do fonema seguinte, no qual ficou constatado que o traço

labial, usado tanto nos fonemas consonantais como em [u], favorece o emprego de [u]; já nas dorsais são os traços + alto e + posterior compartilhados com [u] que favorecem o alteamento, [pru/ku/rar].

Há de se destacar ainda que, embora a referida propensão para o alteamento esteja para o *onset bilabial*, percentual de 42%, infere-se que a influência do *onset* ramificado para a elevação da média /o/, percentual de 50%, seja justificado pelo peso articulatorio recaído sobre o grupo consonantal¹⁶ que sucede a pretônica, resultando numa pronúncia “pesada”. Isto, portanto, diminui a força articulatória da pretônica /o/, tornando-a mais fraca, débil, e a elevando automaticamente para [u], para novamente esta força articulatória se elevar na sílaba com o grupo consonantal e na tônica.

Sobre o condicionamento dos *sufixos*, o alteamento foi analisado pelas variáveis: sem sufixo, sufixo sem vogal alta e sufixo com vogal alta. O peso relativo demonstra valores muito próximos entre os sufixos sem vogal alta, peso relativo de 0.51, e os vocábulos sem sufixo, 0.50 de peso relativo, manifestando relevância mediana para o alteamento das vogais médias, atestado pelo Gráfico 3.

Gráfico 3 – Ocorrência de sufixos no processo de alteamento



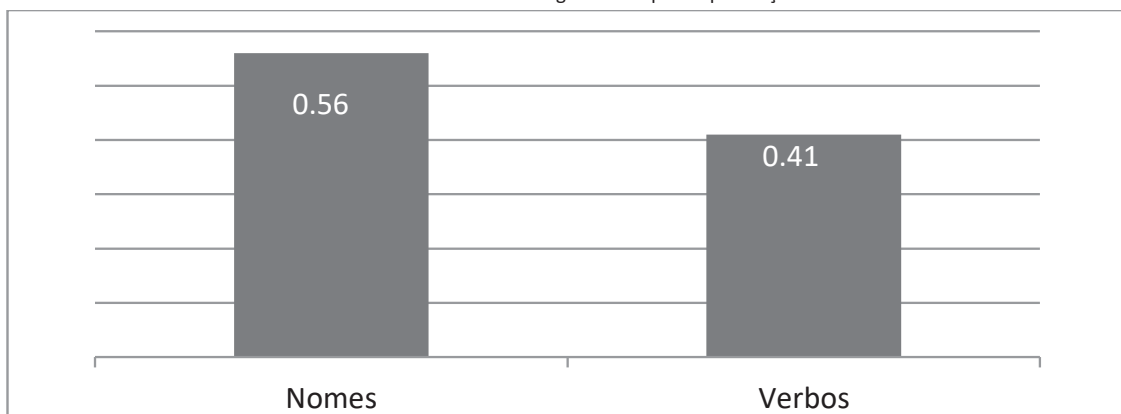
Fonte: Elaboração própria

Ao contrário do que poderíamos supor, pela hipótese para este grupo de análise, a altura das vogais dos sufixos não se expôs saliente ao processo de alteamento das vogais médias, pois mostrou baixa relevância probabilística, com peso relativo de 0.26.

Da mesma forma a *classe gramatical do vocábulo* não expôs resultados tão içados para a realização de alteamento, exercendo a classe dos *nomes* maior pressão ao alteamento com peso relativo 0.56; enquanto o verbo consubstanciou-se abaixo do nível da significância, peso relativo de 0.41. A hipótese para este fator estaria na maior incidência de alteamento nos verbos, visto que esta classe gramatical é mais provável de sobrevir nas falas espontâneas, entretanto, os *nomes* apresentaram-se mais significativos. O não favorecimento de alteamento de [o] pelos verbos poderia ser atribuído à frequência elevada de dados no *corpus*, percentual de 44%, de nomes, contra 19% de percentual para os verbos.

¹⁶ Para este grupo, as dorsais apresentaram percentual de 27% e as coronais de 25%.

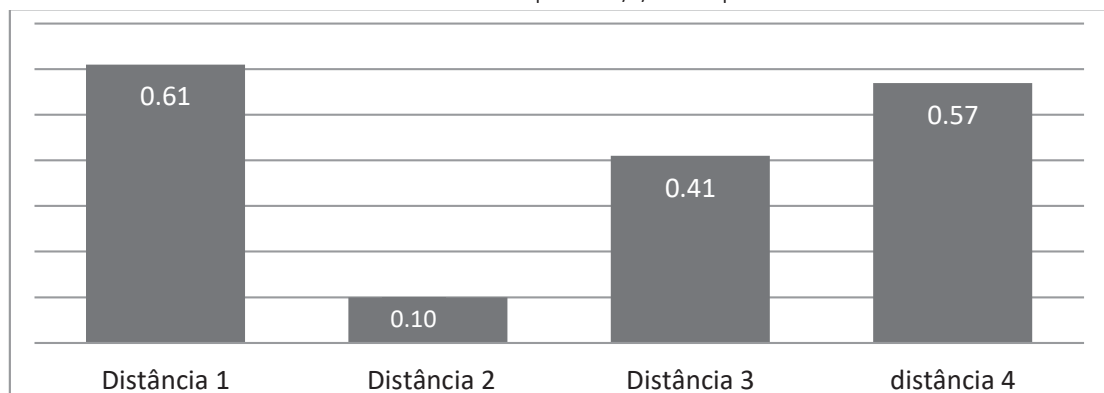
Gráfico 4 – O favorecimento da classe gramatical para a presença de alteamento



Fonte: Elaboração própria

Sobre a *distância da vogal tônica*, medida pela distância 1 (p[u]lícia), distância 2 (c[u]nversar), distância 3 (c[u]nfninamento) e distância 4 (s[u]lidariedade), A distância 1 da sílaba tônica, segundo o previsto pela hipótese, favoreceu expressivamente o processo de alteamento da vogal pretônica posterior /o/, com peso relativo de 0.61, destacando que, quanto mais próxima a sílaba tônica estiver da pretônica, mais possibilidade de altear esta apresentará.

Gráfico 5 – Distância da sílaba tônica da pretônica /o/ alvo do processo de alteamento.



Fonte: Elaboração própria

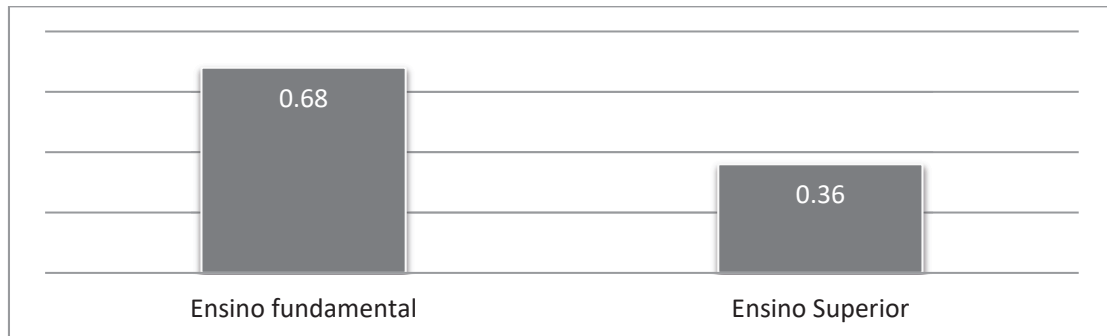
A hipótese deste grupo previa a distância 1 da sílaba pretônica em relação à tônica como a favorecedora do alteamento e os dados confirmaram isto, pois, quanto menor a distância entre tônica e pretônica, maior a aplicação da regra de alteamento. Por outro lado, se retirarmos a distância 1, percentual de 38%, observamos uma linha ascendente na ocorrência de alteamento em relação às distâncias 2, 3 e 4, percentuais de 6.5%, 26% e 57%, respectivamente, isto é, quanto mais distante a vogal média está da vogal tônica, maior a possibilidade dela altear, pois isto é o apontado pela distância 4.

3.2 Fatores sociais

Dentre os fatores extralinguísticos estudados, o fator *escolaridade* foi o mais acentuado traço social favorecedor da elevação de /o/ no português falado na zona rural de Baião. No Gráfico 6, a maior escolaridade (Ensino Superior) exibiu ínfima possibilidade de alrear as médias pretônicas, com peso relativo de 0.36, ao passo que a probabilidade de alteamento do /o/ encontra-se mais nas produções linguísticas dos falantes com Ensino Fundamental, apresentado pelo peso relativo de 0.63. A partir deste resultado, confirmamos a hipótese levantada neste estudo de que há maior probabilidade de elevação de /o/ para [u] entre os falantes com Ensino Fundamental incompleto do que os com Ensino Superior.

Deste fator social infere-se a ideia de que os contextos educacionais influenciam a identidade linguística do falante e a regressão do processo de alteamento de /o/, seja na tônica, como apontou Rodrigues (2005),¹⁷ com peso relativo de 0.28 para o Ensino Médio, maior nível de escolarização controlado pelo autor; seja na pretônica, como constatou Campos (2008),¹⁸ em que os falantes com mais de 10 anos de escolaridade manifestaram probabilidade de uso de vogal de 0.37 de peso relativo; ou na postônica não final, como o afirmado por Costa (2010),¹⁹ com apenas 0.32 de peso relativo para o alteamento de /o/ pelos falantes de nível superior.

Gráfico 6 – Efeito do tempo de permanência na escola sobre o alteamento do /o/ em posição pretônica.



Fonte: Elaboração própria

Assim, quanto menor a escolaridade, maior será o favorecimento de expressões como d[o]mingo < d[u]mingo, s[o]brinho < s[u]brinho, c[o]migo < c[u]migo. Acreditamos assim que o nível de conhecimento do falante sobre a gramática da língua é proporcional ao seu **nível de escolaridade**. Fato comprovado por Labov (1996) no estudo do inglês de Nova Iorque, quando observou que falantes menos escolarizados eram mais predispostos às formas não padrão da língua, ao passo que falantes com nível de escolaridade mais elevado empregavam de forma mais significativa as formas padrão.

Dias et al. (2007) verificaram que 50% dos informantes analfabetos realizaram alteamento da vogal pretônica, obtendo um peso relativo de 0.62, por outro lado, 42% dos informantes que tinham o Ensino Fundamental realizaram o alteamento, peso relativo de 0.52. Araújo e Rodrigues (2007, p. 37) verificaram que para o /o/ “são somente os falantes com Ensino Fundamental [...]

¹⁷ /e/ e /o/

¹⁸ /e/ e /o/

¹⁹ /o/

que favorecem a atuação da regra de elevação, enquanto que os falantes com Ensino Médio inibem a não aplicação da regra de elevação”. Logo, o alteamento de /o/ ~ [u] encontra-se ainda preservado na fala dos sujeitos com pouco contato com a língua culta ensinada pelas escolas. É provável que o alteamento de /o/ seja reduzido com o contato e posterior domínio da ortografia da língua portuguesa.

Em relação ao *sexo* do falante no processo de alteamento de /o/, observamos no Gráfico 7, abaixo, que os homens, com peso relativo 0.58, apresentam maior índice de alteamento da posterior, enquanto as mulheres, peso relativo de 0.42 tendem probabilisticamente ao uso de /o/.

Gráfico 7 – O fator sexo no processo de alteamento



Fonte: Elaboração própria

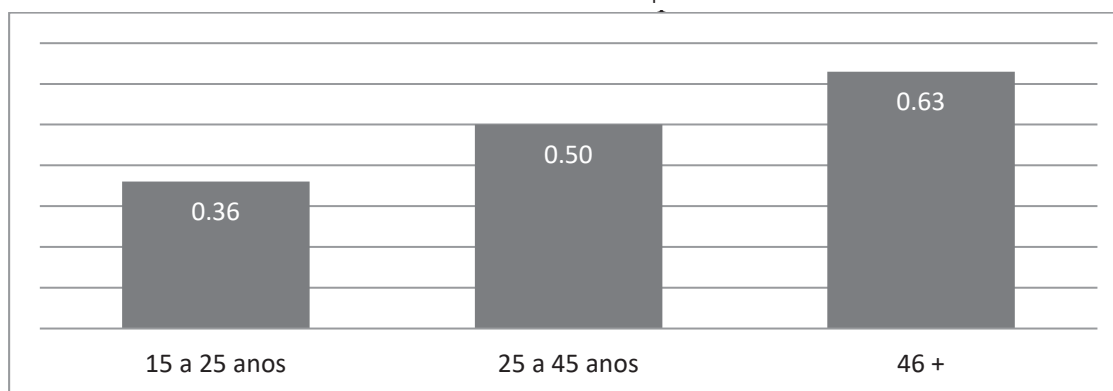
Conforme a hipótese para este grupo, os dados confirmaram que existe maior probabilidade de haver a presença de alteamento na fala dos sujeitos do sexo masculino, resultado que nos leva a inferir que as mulheres buscam empregar uma linguagem mais prestigiada em sua fala, até mesmo com o intuito de obter maior reconhecimento de seu papel e *status* social; do contrário, os homens não tendem a essa preocupação, pois naturalmente são menos cobrados e mais respeitados pelos cargos e papéis desempenhados socialmente.

No fator *idade*, conforme Gráfico 8, abaixo, a partir dos resultados da pesquisa exposta aqui, atestamos o favorecimento do alteamento pelos participantes com mais de 46 anos de idade, com peso relativo de 0.63. Partindo deste resultado, confirmamos a hipótese levantada neste grupo de análise, que atribuía à terceira faixa etária maior probabilidade de favorecimento da vogal média posterior /o/; e os dados expressos acima comprovaram isto.

O grupo constituído por pessoas de 26 a 45 anos ocupa o segundo lugar nas possibilidades de alrear as vogais médias em posições pretônicas, peso relativo de 0.50, enquanto os mais jovens de 15 a 25 anos mostram-se resistentes à aplicação da regra variável em análise, portanto mais conservadores, inibindo assim o alteamento, com apenas 0.36 de peso relativo.

Na gradação etária visualizada no Gráfico 8, estabelecida pela curva ascendente de elevação da idade, os mais jovens, de 15 a 25 anos, não apresentaram inclinação à introdução do processo de alteamento de /o/ na fala em investigação, e há forte tendência de /o/ substituir, progressivamente, as formas utilizadas pelos grupos de falantes da segunda e terceira faixa etária, isto é, o /o/ alteado para [u], uma fala representativa de estados de língua anteriores. Assim, não estamos diante de uma mudança em progresso na comunidade investigada, pois os jovens despontam como agentes e/ou condutores da mudança linguística (LABOV, 2001).

Gráfico 8 – A ocorrência do fator idade no processo de alteamento



Fonte: Elaboração própria

Os dados expressos no Gráfico 8 manifestam-se em uma escala ascendente, pois o uso significativo de /o/ alteado para [u] é proporcional ao aumento de idade do falante, logo quanto mais idade possuir o falante, mais ele usará [u] e não /o/. Isto pode ser justificado pelo desprendimento, nesta fase de vida do falante, de um comportamento mais formal e automatizado, e de mais segurança linguística para se expressar de forma natural e vernacular.

Em relação ao grupo de jovens (de 15 a 25 anos) apresentar maior índice de preservação da vogal média em posição pretônica na zona rural de Baião nos é curioso, porque este grupo está diretamente ligado aos contextos interacionais menos formais e mais interligados e conectados digitalmente entre si pelas redes de amizades e relacionamentos sociais, estando ainda, menos preocupados com as regras sociais e imposições formais de uso das línguas. Então a tendência seria a forma alteada, mas não é isso que acontece, os jovens preferem a forma canônica da língua, isto é, a vogal subjacente /o/.

Este resultado ainda aponta para a variação entre /o/ e [u], que esta última variante tende cada vez a mais desaparecer da linguagem falada pelos moradores da zona de rural de Baião, já que sua predileção está entre os falantes da segunda e terceira faixa etária; e, como tem baixa significância entre os mais jovens, poderá tender à regressão cada vez mais intensa de seu uso entre os baionenses.

Pela coerência deste pressuposto, cruzamos os fatores sociais Faixa Etária e Sexo e Faixa Etária e Escolaridade vislumbrando maior aproximação e lapidação dos resultados desta análise. Desta forma, para o primeiro cruzamento - Faixa Etária e Sexo, observamos que o índice mais profícuo de alteamento surge na terceira faixa etária com percentual de 47% e na fala dos homens, o que reafirma o exposto nos gráficos 7 e 8 para os fatores sexo e faixa etária, respectivamente; predominando a ausência de alteamento na fala das mulheres, da primeira faixa etária.

Tabela 3 – Cruzamento entre as variáveis sociais faixa etária e sexo em relação ao alteamento /o/ - [u]

Variáveis sociais	15 a 25 anos		26 a 45 anos		46 em diante	
	Aplicação	Percentual	Aplicação	Percentual	Aplicação	Percentual
Masculino	28/70	40%	21/63	33%	31/66	47%
Feminino	10/74	14%	17/50	34%	24/77	31%
Total de dados	38/144		38/113		55//143	

Fonte: Elaboração própria

Destacamos um dado curioso, observado na primeira faixa etária, o percentual elevado, embora não mais significativo da análise, de alteamento na fala dos homens pertencentes a este grupo etário. À exceção deste resultado, as mulheres mais jovens despontam ao uso elevado de manutenção da média pretônica /o/, pelo panorama exposto na Tabela 3, o diferencial nestes resultados é estabelecido por elas. Neste ponto pautamo-nos em Labov (2001, p. 34 - *tradução nossa*) ao argumentar em defesa da necessidade de olharmos mais detalhadamente para o indivíduo falante, o qual só poderá ser “entendido como o produto de uma história social única e na intersecção dos padrões linguísticos de todos os grupos sociais e categorias que definem esse indivíduo”.²⁰

A mulher conquista cada vez mais espaço de destaque e liderança social na comunidade onde atua, e este traço forte, ao que indica, ganha também robusteza pela variedade linguística que usa, e por isto adota aquela de maior prestígio social.

Pelo cruzamento de Faixa Etária e Escolaridade, torna-se mais evidente o alteamento como fenômeno recorrente na fala dos sujeitos de pouca escolaridade quer pertencentes à segunda e a terceira faixa etária, com 46% e 65% de percentual, respectivamente. Enquanto falantes de nível superior manifestam baixa aplicabilidade de uso da regra variável em análise nas três faixas etárias analisadas, como o apontado na Tabela 4, que segue.

Tabela 4 – Cruzamento entre as variáveis sociais faixa etária e escolaridade em relação ao alteamento /o/ - [u]

Variáveis sociais	15 a 25 anos		26 a 45 anos		46 em diante	
	Aplicação	Percentual	Aplicação	Percentual	Aplicação	Percentual
Ensino Fundamental incompleto	21/65	32%	27/59	46%	28/43	65%
Ensino Superior	17/79	22%	11/54	20%	27/100	27%
Total de dados	38/144		38/113		55/143	

Fonte: Elaboração própria

Examinar a faixa etária neste grupo de fatores, pelas distintas idades dos falantes nos mostra uma variação, como propôs Labov (1963), estável neste dado curso da história. Portanto, o que podemos argumentar, a partir de nossos dados, é que o não uso pela faixa etária mais jovem, da forma alteada /o/ ~ [u], e por falantes apenas com o ensino fundamental, pode nos dar indícios de que este fonema vocálico em variação no português falado em Baião-PA caminha para um estágio de desaparecimento, haja vista termos somente 32% de uso, nesta faixa etária, e quanto mais a idade avança, mais há o crescimento da predileção de [u]. E quando tais falantes alcançarem níveis de escolarizações mais elevados a tendência será mitigar este uso, conseqüentemente caindo no desuso tal forma oral.

²⁰ No original: *understood as the product of a unique social history, and the intersection of the linguistic patterns of all the social groups and categories that define that individual.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do processo de modificação da vogal pretônica média alta posterior no português falado no município de Baião-PA, zona rural, possibilitou-nos verificar o comportamento linguístico da manutenção *versus* ausência de alteamento da pretônica e, principalmente, da presença/ausência de alteamento da vogal supracitada, para observarmos se o fenômeno linguístico em questão sofre ou não interferências de fatores linguísticos e/ou extralinguísticos.

Como resultado constatamos que a vogal pretônica média alta posterior /o/ ~ [u] apresenta maior probabilidade para ausência do alteamento com peso relativo de 0.673 do que para a presença, peso relativo de 0.327. A análise quantitativa manifestou ainda a significância de fatores linguísticos e sociais para a presença deste fenômeno, demonstrando que a presença das vogais contíguas altas imediatas /i/ e /u/, com peso relativo de 0.92; as consoantes bilabiais do *onset* da sílaba seguinte, com peso relativo de 0.64; a classe gramatical dos nomes com peso relativo 0.56, influenciam o alteamento da vogal postônica /o/.

Quanto aos fatores extralinguísticos influenciadores da ocorrência de alteamento do /o/ foram selecionados a baixa escolaridade, com peso relativo de 0.63, para os falantes com ensino fundamental; o sexo masculino, peso relativo de 0.58; e a faixa etária de 46 anos em diante com a significância de peso relativo de 0.63.

Podemos dizer que a facilidade com que os participantes têm acesso aos bens tecnológicos e midiáticos como televisão, rádio, internet, celular, entre outros, vem contribuindo para adoção de uma linguagem mais formal, o que nos leva a ressaltar que os moradores do município da zona rural de Baião, tendem a perder as marcas variacionistas de alteamento da pretônica.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marivelson dos Prazeres. *As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no português falado na zona rural no Município de Mocajuba/NE do Pará*. Cametá: UFPA/CUNTINS. 2013. (Trabalho de Conclusão de Curso)

ARAÚJO, Marivana; RODRIGUES, Doriedson. *As vogais médias pré-tônicas /e/ e /o/ no português falado no município de Cametá/Ne do Pará – uma abordagem variacionista*. Universidade Federal do Pará, 2007.

BISOL, Leda. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa e Filologia apresentada à Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro. 1º Semestre de 1981.

CAMPOS, B. M. S. *Alteamento Vocálico em Posição Pretônica*. 2008. (Dissertação de Mestrado). Belém: UFPA, 2008. (Dissertação de Mestrado)

CASSIQUE, Orlando. *Menina Bunita Minina ... olhus esverdeados: estudo variacionista da nasalidade vocálica pré-tônica no português de Breves-Pará*. 2001. Belém: UFPA, 2001. (Dissertação de Mestrado)

COSTA, Raquel Maria da Silva. *Descrição sociolinguística das vogais médias postônicas não-finais /o/ e /e/ no português falado no município de Cametá-PA*. Belém – Pará: UFPA, 2010. (Dissertação de Mestrado).

DIAS, Marcelo; CASSIQUE, Orlando; CRUZ, Regina. *O alteamento das vogais pré-tônicas no português falado na área rural do município de Breves, Pará: uma abordagem variacionista*. Disponível em: // www.revel.inf.br/site2007/_pdf/9/artigos/. Acesso em 15 de setembro de 2020.

FREITAS, Simone Negrão de. *As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança*. 2001. Belém, UFPA, 2001. (Dissertação de Mestrado).

LABOV, William. *The social motivation of a sound change*. *Word*, n.19, p.273-309, 1963.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. Principles of linguistic change. *Social Factors*: volume 2. Massachusetts: Blackwell Publishers Inc., 2001.

MATTOSO CÂMARA JR. Joaquim. *Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

MORAES, Marlúcia Lopes. *As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no português falado na zona rural do Município de Cametá: uma caracterização acústica*. Cametá: UFPA/CUNTINS. 2015. (Trabalho de Conclusão de Curso)

NASCENTES, Antenor (1964). *O Idioma Nacional*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1964.

OLIVEIRA, Daniele de Abreu; CRUZ, Regina. C. F. O. *Alteamento das vogais pré-tônicas no português falado na área urbana do município de Breves-Pa: uma abordagem variacionista*. In: Seminário Internacional de Fonologia, 2007b. Porto Alegre - RS: EDIPUCRS, 2007. v.1.

RODRIGUES, Doriedson do Socorro. *Da zona urbana à rural/entre a tônica e a pré-tônica: alteamento /o/ > [u] no português falado no município de Cametá/Ne paraense - uma abordagem variacionista*. Belém – Pará: UFPA, 2005. (Dissertação de Mestrado).

SILVA NETO, Serafim. *Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1957.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG Marvin I. (Tradução Marcos Bagno) *Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Linguística*. Parábola Editorial. São Paulo: 2006.

Visite nosso site:
www.imprensa.ufc.br



Versão digital

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC
Av. da Universidade, 2932 - Benfica
CEP.: 60020-181 - Fortaleza - Ceará - Brasil
Fone: (85) 3366.7485 / 7486
imprensa@proplad.ufc.br